

Macau 澳門

CIDADE DE ARTES

FÓRUM BOAO

Grandes especialistas debatem inovação em Macau



MAXIM BESSMERTNY

O realizador que vive para fazer filmes



粵澳 2020名優商品展

GuangDong & Macao
Branded Products Fair 11-13/12

澳門威尼斯人-展館A
The Venetian Macao - Expo Hall A

貿易 · 文化 · 購物 · 消閒 · 娛樂 · 嘉年華

A carnival-style grand event embracing trade, cultural exchange, shopping, and leisure.

主辦機構：澳門貿易投資促進局
Organisers Macao Trade and Investment Promotion Institute

廣東省商務廳
Department of Commerce of Guangdong Province

廣東省名優商品展區

Guangdong Branded Products Area

澳門特色商品展區

Macao Featured Products Area

青創力量展區

The Power of Youth-Young Entrepreneurs Area

“一帶一路”展區

The Belt and Road Area

粵澳美食頻道展區

Guangdong and Macao Gourmet Channel Area

查詢熱線 / Hotline

(853) 8798 9636

gdmofair

電郵 / E-mail

info@guangdongmacaofair.com

網址 / Website

微信 / WeChat



承辦機構：廣告天地有限公司
Coordinator Creation Advertising Co., Ltd.

www.guangdongmacaofair.com

Macau 澳門

DIRECTORA
Chan Lou

DIRECTORA EXECUTIVA
Amelia Leong

EDITOR EXECUTIVO
Alberto Au

PROPRIEDADE
Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO
Delta Edições, Lda.
Av. Comercial de Macau, 251A-301
AIA Tower, 20.º andar
Tel: (+853) 8294 2274 Fax: (+853) 8294 2399
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

EDITOR
Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA
Gonçalo Lobo Pinheiro

LAYOUT
Marta Gregório

DIRECÇÃO GRÁFICA
Ipsis Verbis Communication

COLABORADORES
Andreia Sofia Silva, António Bilrero, Catarina Brites Soares,
Catarina Mesquita, Cláudia Aranda, Dalton Siteo (Moçambique), Marco
Carvalho, Marta Curto (Portugal), Paulo Barbosa e Sandra Lobo Pimentel

TRADUÇÃO
Linda Oliveira

FOTOGRAFIA
Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal),
Tatiana Lages e Tiago Alcântara

As imagens que estão publicadas nesta edição e não estão creditadas foram adquiridas em diferentes bancos de imagem, devidamente licenciados.

IMPRESSÃO
Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM
1500 exemplares

ISSN: 0871-004X

Escaneie o nosso QR code e siga-nos
nas redes sociais



www.revistamacau.com



www.facebook.com/RevistaMacau

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:



Do Editor

Luís Ortet

À beira de entrar no segundo ano do seu mandato como Chefe do Executivo, Ho Iat Seng apresentou na Assembleia Legislativa, em meados de Novembro, as Linhas de Acção Governativa (LAG) para o ano financeiro de 2021.

A prevenção e o combate à epidemia da Covid-19 constituem, naturalmente, uma das preocupações centrais do Executivo. A revitalização da economia, fortemente afectada como consequência das medidas tomadas em todo o mundo visando o combate ao surto pandémico, é outra das prioridades, assumindo diversas formas, como incentivos às empresas, apoios à população e o lançamento de diversas obras públicas.

Do que foi anunciado pelo Chefe do Executivo damos conta num artigo desta edição.

O leitor poderá igualmente ler uma entrevista com o director-geral do Banco Nacional Ultramarino (BNU), Carlos Cid Álvares, numa conversa em torno das perspectivas da cooperação entre a China e os países de língua portuguesa no contexto do desenvolvimento da zona da Grande Baía e o papel que aquela instituição financeira poderá ter a esse respeito.

A cultura em Macau e as zonas de lazer merecem igualmente destaque. Fazemos referência a diversas iniciativas apoiadas pelo Instituto Cultural, visando a promoção da arte urbana, em que artes criativas são desenvolvidas em espaços públicos, contribuindo para a animação da cidade. Por outro lado, dedicamos uma especial atenção à preservação do património cultural, incluindo o projecto do Governo relativo à conservação de parte dos lotes qualificados da zona dos antigos estaleiros de construção naval de Lai Chi Vun, em Coloane.

Na Taipa será construído mais um espaço de lazer que incluirá uma área exclusivamente dedicada à prática do skate.

Destaque ainda para a mudança do Parque das Esculturas Étnicas Chinesas para o Jardim do Comendador Ho Yin, com 56 estátuas dedicadas a cada uma das etnias da China. O parque passou a integrar a rota “Uma Passeata pelas Ruas de Macau”, um itinerário que visa preservar a riqueza histórica e os valores culturais subjacentes à identidade de Macau.

06

ACONTECEU

As principais notícias que marcam a actualidade de Macau

08

LAG 2021

As principais políticas na agenda para 2021 focam-se na recuperação



14

RETORNO À NORMALIDADE

Pouco a pouco Macau retoma o seu calendário de eventos



20

ENTREVISTA: PRESIDENTE DO BNU

Carlos Cid Álvares afirma que Macau está a cumprir o papel de intermediário na relação sino-lusófona

26

RADAR LUSÓFONO

As novidades nas relações comerciais e culturais entre a China e os países de língua portuguesa

30

MAIS LAZER NA TAIPA

O novo parque vai ter áreas de lazer, recreação e desporto a pensar em toda a população



34

SOBRE RODAS

Skaters aplaudem iniciativa do Governo de criar primeiro a primeira área dedicada à prática do skate



40

A VEZ DOS BUSKERS

Nova iniciativa quer dinamizar a cidade com mais arte e cultura na rua



46

ARTE DE RUA

Quem são e o que fazem os *graffiters* de Macau





54

PATRIMÓNIO: LAI CHI VUN

O Governo decidiu que parte dos lotes qualificados na zona dos estaleiros de construção naval vai ser preservada

60

ESCULTURAS ÉTNICAS CHINESAS

As estátuas das 56 etnias da China passam a integrar o itinerário pelos espaços de aprendizagem da história chinesa



66

GUARDIÃES DA HISTÓRIA

Os desafios do processo de conservação numa região onde tradição e modernidade coexistem

72

MÚSICA RITUAL TAOISTA

A música taoista foi desaparecendo com o desenvolvimento da cidade. O objectivo é inverter essa tendência



78

ÁTRIO: MAXYM BSMERTNY

Não é dos que cresceu a dizer que queria ser realizador. Admite ter andado um pouco perdido até que percebesse o seu rumo

86

EVENTOS

Exposições e espectáculos para Dezembro

88

LIVROS

Novidades e sugestões de leitura

90

MEMÓRIAS: PRAIA DA AREIA PRETA

Uma paisagem há muito desaparecida

Faculdade de Direito da UM entra para lista das 100 melhores

• A Faculdade de Direito da Universidade de Macau (UM) está na 91.^a posição do ranking por área de ensino, publicado pela revista britânica *Times Higher Education*, em Outubro. Esta é a primeira vez que a Faculdade de Direito da UM surge neste ranking, que este ano resulta da avaliação de 224 universidades. Em 2019, a *Times Higher Education* avaliou 190 faculdades de Direito. A UM surge classificada à frente das faculdades de Direito da Universidade de Lisboa (126.^a) e da Universidade de Coimbra (176.^a). A Faculdade de Direito da UM obteve a classificação geral de 42,9 pontos. As citações em jornais e artigos científicos valeram-lhe a pontuação mais elevada entre todos os indicadores, com 46,4 pontos. O ranking é liderado pela norte-americana Stanford University. Na segunda e terceira posição estão duas faculdades de direito britânicas: Cambridge e Oxford.



Governo prevê orçamento deficitário para 2021

• O Governo de Macau prevê que o Orçamento para 2021 seja deficitário e, devido ao impacto causado pela Covid-19, as receitas do jogo fiquem pelos 130 mil milhões de patacas. Antes da pandemia da Covid-19, os casinos registaram, em 2019, receitas de 292,4 mil milhões de patacas. De acordo com dados em Novembro, a receita bruta acumulada do jogo caíu 81,4 por cento até Outubro. Para o próximo ano, “verifica-se uma redução nas receitas das finanças públicas, nomeadamente nas receitas provenientes da redução do imposto especial sobre o jogo”, que normalmente representam cerca de 80 por cento da totalidade das receitas públicas de Macau, apontou o Governo na proposta de Lei do Orçamento de 2021, publicada no website da Assembleia Legislativa.



Morreu Miao Pang Fei, criador do neo-orientalismo

• Referência na história da arte contemporânea da China, Miao Pang Fei faleceu em Macau, em Novembro, aos 84 anos. O artista nasceu em Xangai, em 1936, e mudou-se para Macau, em 1982, tendo-se tornado uma personagem de relevo na história da arte contemporânea da China. Miao Pang Fei desenvolveu um estilo próprio que cruza as técnicas artísticas ocidentais com as tradições culturais chinesas a que deu o nome de neo-orientalismo. É também considerado que deu um contributo decisivo para o desenvolvimento das artes contemporâneas em Macau, a partir de meados da década de 1980.



Lei do salário mínimo entrou em vigor

• A lei do salário mínimo para os trabalhadores de Macau entrou em vigor a 1 de Novembro, deixando de fora os empregados domésticos e portadores de deficiência. Aprovada na especialidade em 16 de Abril pela Assembleia Legislativa, a proposta de lei esteve mais de meio ano em discussão pelos deputados. O salário mínimo só abrangia, até aqui, trabalhadores das limpezas e da segurança na actividade de administração predial. O Governo de Macau estimou que o alargamento irá beneficiar mais de 20 mil trabalhadores, tendo sido fixado nos seguintes valores: 6656 patacas para remunerações calculadas ao mês, 1536 patacas por semana, 256 patacas por dia, 32 patacas por hora e de uma média de 32 patacas por hora para remunerações à peça ou à comissão. Constitui infracção à lei o não pagamento pelos empregadores dos valores do salário mínimo previstos ficando sujeitos a multas entre 20 mil e 50 mil patacas por cada trabalhador em relação ao qual se verificar a infracção.

Desenvolvimento da medicina tradicional chinesa é prioridade

• A prioridade do Governo de Macau é o desenvolvimento da indústria de medicina tradicional chinesa, no âmbito da diversificação económica do território, afirmou o Chefe do Executivo perante os 11 representantes de Macau à Assembleia Popular Nacional, em Outubro. Ho Iat Seng disse que “o Executivo encontra-se, neste momento, empenhado na elaboração” do regime jurídico do registo e gestão de medicamentos tradicionais chineses, cujo diploma será entregue “à apreciação da Assembleia Legislativa, o mais rápido possível”. Desta forma, “a medicina tradicional chinesa poderá ser registada após apreciação e aprovação, facto que irá beneficiar à atracção de capitais”, sublinhou.





Plano para incentivar o turismo injecta mais de 56 milhões na economia

O plano para incentivar o turismo doméstico em Macau injectou mais de 56 milhões de patacas na economia local desde que foi lançado em Junho. O programa “Vamos! Macau! Excursões Locais” contou com cerca de 140 mil participantes e até ao final de Setembro foram realizadas mais de 4300 excursões um pouco por todo o território, detalhou a Direção dos Serviços de Turismo (DST) em comunicado. O plano de turismo doméstico “Vamos Macau”, contempla 25 roteiros, 13 comunitários e 12 de lazer, com os residentes a receberem 560 patacas caso participem em duas excursões.

Governo estende contrato de concessão com Air Macau •

O contrato de concessão da Air Macau foi estendido pelo Governo do território por três anos, a partir de 9 de novembro, com uma adenda publicada em Outubro no Boletim Oficial. A Autoridade de Aviação Civil já tinha anunciado em Maio que o Governo decidira prorrogar o contrato de concessão, “a fim de permitir a continuação dos trabalhos de alteração da legislação relevante para a abertura do mercado de transporte aéreo de Macau, bem como a manutenção da estabilidade das operações da indústria atualmente afetada pela pneumonia causada pelo novo tipo de coronavírus”. A concessão da Air Macau, que se encontra em regime de exclusividade há cerca de 24 anos, terminaria em Novembro. A Air Macau apresentou lucros no valor de 150,45 milhões de patacas em 2019.



Expo de Turismo apresenta iniciativas físicas e online

A oitava Exposição Internacional de Turismo (Indústria) de Macau combinou, pela primeira vez, entre 6 e 8 de Novembro, a presença física com iniciativas *online*, para ajudar a atividade turística do território. Devido ao impacto da pandemia de Covid-19, a Expo de Turismo apresentou seis destaques para ajudar a indústria turística de Macau a dinamizar a confiança na economia de turismo. Inicialmente adiada de Abril para Setembro, a 8.ª Expo de Turismo destacou os produtos turísticos locais, com a participação de cerca de 130 instituições e 200 stands na “Rua de Macau”. Outro tema em foco foi a cooperação turística e o desenvolvimento dos produtos turísticos na Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, com mais de 70 operadores da indústria e um fórum *online* e *offline* sobre oportunidades de cooperação e de negócio na região. Além da cooperação comercial entre a China e os países lusófonos, com um pavilhão de 90 metros quadrados para os produtos lusófonos, os bairros comunitários de Macau e as lojas com características próprias, bem como o pavilhão da gastronomia, estiveram em destaque numa área de 22 mil metros quadrados.



Fusão da Educação e Ensino Superior em Fevereiro •

Os Serviços de Educação e Juventude e os Serviços do Ensino Superior vão tornar-se numa única entidade a partir do dia 1 de Fevereiro do próximo ano. A fusão, anunciada nas Linhas de Acção Governativa (LAG) para 2020, vai dar lugar à Direcção dos Serviços de Educação e de Desenvolvimento da Juventude. Os principais contornos da fusão foram apresentados, em Outubro, pelo porta-voz do Conselho Executivo. O principal objectivo é “aperfeiçoar a estrutura administrativa e aproveitar melhor os recursos humanos”, tornando a máquina “menos burocrática” e “mais eficiente”, realçou André Cheong. A fusão também implica mudanças: há centros educativos que vão ser extintos e outros que serão entregues para exploração por parte de instituições particulares.



BNU vê contrato como banco emissor de patacas estendido até 2030 •

O Banco Nacional Ultramarino S.A. vai continuar a ser um dos dois bancos emissores de notas de patacas em Macau até Outubro de 2030, segundo um anúncio da Autoridade Monetária de Macau (AMCM), em Outubro. O regulador financeiro revelou que os novos contratos de agenciamento, válidos por 10 anos, foram assinados com o BNU e com a sucursal local do banco estatal chinês Banco da China. Os novos contratos mantêm a atribuição da função de emissão de uma quota-parte igual aos dois bancos agentes.

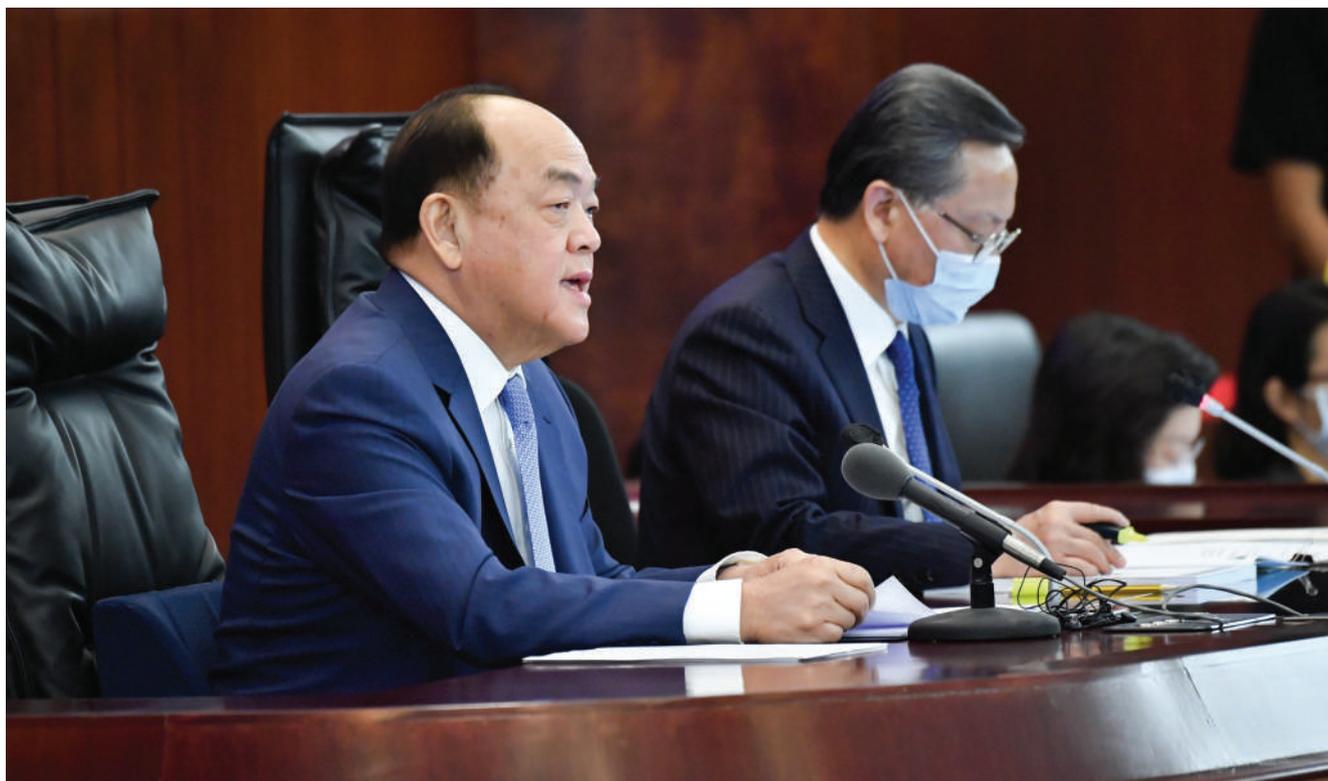


LAG 2021

“As promessas que deixo nesta casa vão ser todas honradas”

O Chefe do Executivo apresentou as prioridades para o próximo ano. A 16 e 17 de Novembro, Ho Iat Seng esteve na Assembleia Legislativa para anunciar as Linhas de Acção Governativa (LAG) para 2021, sob o tema “Consolidação das bases, avanço nas adversidades”. O controlo da epidemia, a recuperação e a diversificação económica estão no topo da agenda. A acção governativa em 2021 terá em conta 10 pontos para concretizar os objectivos. Sobre o que anunciou no hemiciclo, Ho Iat Seng deixou claro: “As coisas ditas aqui vão ser concretizadas. As promessas que deixo nesta casa vão ser todas honradas”

Texto | Catarina Brites Soares

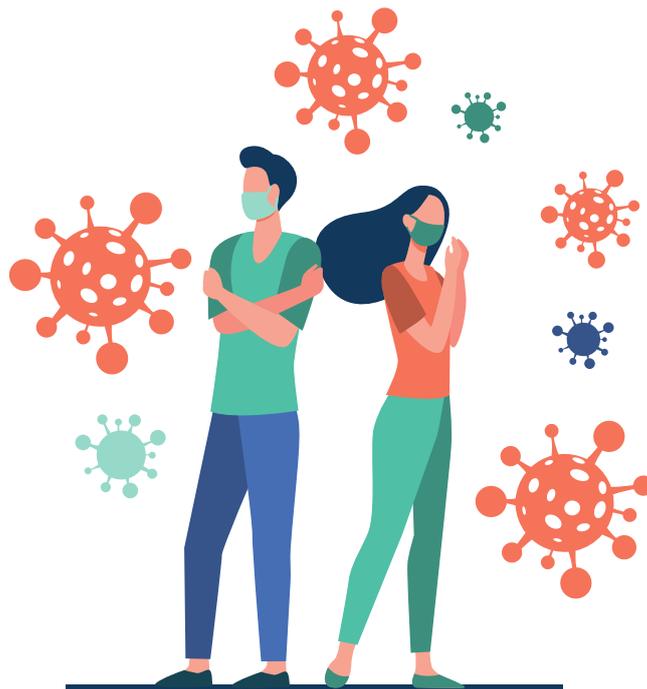


Normalização da prevenção e controlo da epidemia

A resposta à pandemia continuará a ser uma prioridade em 2021, desde logo com a criação de um hospital de campanha. Ho Iat Seng prometeu ainda instalações de isolamento, medicamentos e materiais logísticos. “A par disso, reforçaremos a constituição de equipas de voluntários para o combate à epidemia e uma reserva de profissionais de saúde, com vista ao desenvolvimento dos trabalhos nos âmbitos clínico e de saúde pública, e nos postos fronteiriços.”

O Chefe do Executivo avisou que só depois da vacina e da vacinação de toda a população poderá a região reabrir aos estrangeiros. Ho revelou ainda que, se não forem registados casos locais de contágio em Hong Kong durante 14 dias consecutivos, haverá condições para a região vizinha ser considerada de baixo risco e, como tal, os residentes de Hong Kong podem ser dispensados de quarentena em Macau.

No documento das LAG, refere-se que Macau deve seguir, rigorosamente, com a estratégia de prevenção e controlo da pandemia, “prevenir casos importados e evitar o ressurgimento interno”, aperfeiçoar os mecanismos de prevenção, de controlo e de resposta aos grandes e súbitos incidentes de ameaça à saúde pública. Tendo como referência outras regiões, o território vai criar um mecanismo de definição de medidas específicas de prevenção e controlo por categorias e por zonas, reforçar a prevenção e controlo inter-regional, e continuará empenhado nos trabalhos relacionados com a aquisição de vacinas, no sentido de as disponibilizar o mais breve possível.



Recuperação económica

O segundo ponto centra-se na aceleração da recuperação da economia, requerendo uma participação proactiva na “dupla circulação” económica nacional, incentivo ao sector do turismo local na exploração de novos produtos turísticos com características próprias e enfoque na divulgação da imagem de Macau como destino turístico seguro, de forma a acelerar a recuperação do sector assim que a epidemia estiver controlada.

O Chefe do Executivo avisou, no entanto, que a recuperação da economia, do turismo e do emprego só será possível com a vacina da Covid-19. “Se todos tomarem a vacina podemos ver a nossa saída, ou seja, vai haver recuperação económica”, venceu. Com a vacina aprovada e reconhecida pelo Estado chinês, acrescentou, já se po-

derá “tirar as máscaras e permitir que todos os turistas de todo o mundo se desloquem a Macau”.

Na lista dos projectos para avançar em 2021 estão incluídos a construção da Linha Leste do Metro Ligeiro, a extensão da linha do Metro Ligeiro ao Posto Fronteiriço de Hengqin, a quarta Ligação Rodoviária Marítima Macau-Taipa, a expansão do Aeroporto Internacional de Macau e a execução das obras de modificação de uma parte do Terminal Marítimo de Passageiros da Taipa para criação do Terminal 2 do aeroporto, assim como a construção das vias rodoviárias e infra-estruturas da Zona A dos Novos Aterros.





Diversificação económica

Para a recuperação da economia, Macau vai insistir na diversificação e no ajustamento do tecido industrial, por exemplo, através da aposta na medicina tradicional chinesa, finanças, ciência e tecnologia. Outra das apostas será na industrialização dos sectores cultural e desportivo através do aumento da “quantidade e qualidade das produções cinematográficas e televisivas de Macau” e da criação de uma “indústria do desporto”.

No terceiro ponto-chave das LAG, ficam as promessas de promover o reposicionamento do desenvolvimento industrial, implementar o Plano de bonificação para incentivar o desenvolvimento e a valorização empresarial, acelerar o desenvolvimento do sector financeiro moderno e do mercado de obrigações, impulsionar a industrialização da medicina tradicional chinesa e acelerar a produção legislativa do regime de registo e controlo dos produtos farmacêuticos chineses. “Fabricado em Macau” é uma marca que o Governo quer dinamizar por exemplo fixando parte da produção de medicamentos de medicina chinesa no território.

Bem-estar da população

Apesar da contenção nas despesas públicas, o Governo garante que não poupará nos apoios, sobretudo no que respeita às condições mínimas de vida e regalias dos grupos vulneráveis. A devolução do imposto profissional, a isenção do pagamento da contribuição sobre os prédios destinados à habitação pelos residentes, a subvenção do pagamento de tarifas de água e de energia eléctrica, os benefícios de cuidados de saúde e o apoio especial às famílias em situação vulnerável são algumas das ajudas que se estendem ao próximo ano.

A pensar nos mais velhos, o Chefe do Executivo estabeleceu um prazo de três anos e meio para a conclusão das residências para idosos planeadas para o terreno do antigo empreendimento do Pearl Horizon – o Lote P, na Areia Preta. Estão previstas 2000 fracções para maiores

de 65 anos que moram em prédios sem elevador.

O governante anunciou que os valores dos cheques atribuídos à população se mantêm, ainda que possam sofrer alterações. A forma de distribuição será decidida de acordo com as circunstâncias. Ho Iat Seng explicou que o montante distribuído pela população pode ser através do cartão consumo. O formato será decidido até Julho, em função da situação pandémica.

Ho Iat Seng pondera também implementar uma terceira ronda de apoios à população em resposta às dificuldades económicas geradas pela pandemia mundial da Covid-19. “Tudo depende da situação económica”, começou por dizer. “Se conseguirmos ter a vacina, se chegarem turistas e a nossa economia conseguir recuperar, não será necessária uma terceira ronda de medidas”.



Reforma da Administração Pública

O “Governo digital” e o aumento da eficácia da Administração serão apostas para 2021. Também será reforçada a fiscalização dos fundos autónomos, a reforma dos sistemas de gestão, a apreciação e aprovação de apoios financeiros da Fundação Macau e dos demais fundos autónomos. O combate à corrupção nos sectores público e privado, e o reforço da fiscalização por auditoria, com vista à correcta aplicação dos dinheiros públicos pelos serviços, foram outras das promessas deixadas por Ho Iat Seng.

Ho condenou a Administração Pública pela “falta de assunção de responsabilidades e riscos e de iniciativa em termos de concepção e de realização de reformas de acordo com a evolução social (...), uma assunção superficial de deveres, um desfazamento da realidade e um discurso vazio de conteúdo”. O líder do Governo criticou haver “um certo fosso em relação às expectativas da população” e “um descuidar das aspirações dos residentes e da sociedade”. Também lamentou a “falta de iniciativa a nível de planeamento e acção”, o “excessivo conservadorismo” e a “insuficiente consciência inovadora”. Para Ho Iat Seng a “coordenação e cooperação interdepartamental não são suficientemente harmoniosas, o que decorre de um certo egocentrismo dos serviços”. “Subsiste um grande espaço para melhoria da fiscalização do uso do dinheiro público”, apontou.

O combate à corrupção voltou a ser uma das tónicas do discurso. Ho Iat Seng avisou que haverá tolerância zero no que se refere a apurar responsabilidades governativas. O Governo, assegurou, vai trabalhar na implementação do mecanismo de supervisão da Administração por parte da população. “Promoveremos a cooperação interdepartamental no âmbito da provedoria de justiça e iremos combater severamente a corrupção nos sectores público e privado, apurando responsabilidades de acordo com a lei, com tolerância zero, logo que constatadas.”

Importação de quadros qualificados

“Precisamos de importar quadros qualificados”, sublinhou o Chefe do Executivo, dando os exemplos das áreas científica e tecnológica. O Governo pretende otimizar o sistema de gestão dos trabalhadores não-residentes para garantir postos de trabalho para os locais, mas ressaltou que os trabalhadores não-residentes são necessários, porque “os residentes preferem o sector terciário”.

A formação e importação de quadros qualificados é outro dos enfoques para a prosperidade de Macau e promoção. Para isso, em 2021 serão prioritários o “Planeamento a Médio e Longo Prazo do Ensino Não Superior (2021-2030)” e a “Política de Juventude de Macau (2021-2030)”.

Através da cooperação com o exterior, pretende-se apoiar as instituições de ensino superior no desenvolvimento da investigação científica, potenciar as funções da “Base para a Educação e Formação em Turismo da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau” e da “Base de Formação de Quadros Qualificados Bilingues em Chinês e Português”.

A educação patriótica tem sido outro dos temas fortes do discurso de Ho Iat Seng. Na apresentação das LAG, o líder do Governo prometeu maximizar a função da ‘Base da Educação Patriótica’ destinada aos jovens, conjugar os recursos pedagógicos nos âmbitos sociais, históricos e patrióticos, aprofundar o reforço da educação do amor pela Pátria e por Macau.

Ainda no que se refere à Educação, Ho Iat Seng anunciou que será criado um parque industrial universitário, e que irá apoiar os jovens no desenvolvimento do empreendedorismo e da inovação, assim como em estudar, trabalhar, e viver no Interior do País, com vista à integração na conjuntura geral do desenvolvimento nacional.





Cidade Inteligente

Para o próximo ano, está também nas metas do Governo a construção de uma cidade inteligente, bem como acelerar os trabalhos no âmbito da rede 5G e de centros de megadados.

O Governo garante que vai investir na modernização do sistema e da capacidade de governação, divulgar o Plano Director (2020-2040), iniciar a elaboração dos planos de pormenor das diversas zonas, e acelerar o processo legislativo do regime jurídico da renovação urbana.

No que respeita às infra-estruturas, está na calha desenvolver, faseadamente, as obras das redes viárias adjacentes da quarta Ligação Rodoviária Marítima Macau-Taipa, e efectuar o estudo sobre a quinta ligação entre os dois lados da cidade separados por água. Ho Iat Seng prometeu também melhorar a rede de autocarros públicos, reorganizando e fundido carreiras. Quanto aos táxis, indicou que foi protelada para Agosto de 2021 a entrada em circulação de 100 veículos especiais, devido à pandemia.

Intercâmbio e cooperação cultural

Nesta área, foi anunciada a criação do Conselho para a Construção da Base de Intercâmbio e Cooperação Cultural que irá planear, organizar, coordenar e promover trabalhos nesta matéria.

O Governo pretende levar a cabo o processo legislativo da salvaguarda e gestão do Centro Histórico de Macau, proceder à fusão do Fundo de Cultura e do Fundo das Indústrias Culturais de forma a “aperfeiçoar o regime de subsídios, encorajar a criação de peças culturais e artísticas locais, criar um projecto artístico-cultural de alta qualidade, apoiar os talentos artísticos e promover o desenvolvimento profissional de grupos artísticos”. Ho Iat Seng disse que em 2021 será construído o Teatro Caixa Preta do Centro Cultural de Macau e prometeu “mais espaços de actividade para o sector cultural e artístico”.

Para o próximo ano, o Governo quer também apoiar o desenvolvimento do sector desportivo assim como melhorar algumas das instalações e equipamentos desportivos.

Segurança nacional e estabilidade social

Outra das prioridades para 2021 é aperfeiçoar o regime jurídico da defesa da segurança nacional e o mecanismo de implementação da legislação. O Executivo garante adoptar medidas eficientes de prevenção efectiva da infiltração e intervenção das forças externas, e continuar a realizar acções de divulgação e promoção da Constituição e da Lei Básica.

Também pretende aproveitar plenamente a tecnologia dos novos meios de comunicação e plataformas na Internet para maximizar o resultado das acções de sensibilização para estas matérias. O trabalho de prevenção e controlo conjunto com o Interior do País e zonas adjacentes, e o mecanismo de cooperação na prevenção conjunta policial estão também entre os objectivos nesta área.

O Chefe do Executivo assegurou que o Governo empenhar-se-á em garantir que a eleição da sétima Assembleia Legislativa – agendada para o próximo ano – decorra num ambiente de equidade, justiça, abertura e integridade.

O CHEFE DO EXECUTIVO CONSIDERA QUE A RECUPERAÇÃO ECONÓMICA DE MACAU PASSA PELA EXISTÊNCIA DE UMA VACINA CONTRA A COVID-19.

Integração no desenvolvimento do país

Macau tem de tirar proveito das oportunidades e articular o território com o 14.º Plano Quinquenal Nacional. Esta é outra das metas para o próximo ano. Nas LAG está previsto acelerar a construção da zona de cooperação entre Guangdong e Macau em Hengqin, o projecto do “Novo Bairro de Macau” e reforçar a promoção de infra-estruturas de interligação na Grande Baía.

Até finais de 2021, entrará em funcionamento parte das áreas da segunda fase da Zona do Posto Fronteiriço da Parte de Macau do Posto Fronteiriço Hengqin e zonas contíguas, bem como o Novo Acesso Fronteiriço Guangdong-Macau (Posto Fronteiriço de Qingmao).

Também serão realizados estudos para impulsionar a circulação dos veículos de Macau em Guangdong através do posto fronteiriço da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau. O Governo quer melhorar e implementar medidas para a deslocação dos residentes locais ao Interior do País para trabalhar e viver, e apoiar a construção da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”.

Na ordem de prioridades estão ainda o Fórum Internacional sobre o Investimento e Construção de Infra-estruturas e a Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, assim como a realização da 6.ª Conferência Ministerial do Fórum Macau no ano que vem.





Festival de Luz de Macau



Expo Internacional de Turismo de Macau



Festival da Lusofonia



Festival da Gastronomia

Eventos de volta, mas com cuidados

Livre de novos casos de infecção causada pelo novo tipo de coronavírus da Covid-19 desde 26 de Junho, em Setembro a cidade começou a retomar, pouco a pouco e com cuidado, a vida das indústrias cultural, artística, de exposições e convenções. Espectáculos, mostras, festivais e outros eventos emblemáticos voltam à agenda, ainda que com restrições com vista à prevenção

Texto | Catarina Brites Soares

Uma cidade segura. É assim que Macau se quer promover lá fora. A aposta na maior rede de televisão chinesa – a CCTV – foi uma das vias do Governo para atrair mais visitantes chineses durante as próximas festas de Natal, fim de ano e Ano Novo Chinês.

“Será lançado um novo programa de promoção (...) junto dos visitantes do Interior do País com a mensagem de que Macau é um lugar seguro para viajar e as suas vindas são livres de quarentena, destacando-se os pontos de interesse dos grandes eventos e da cidade gastronómica, bem como a disponibilidade de Macau para os acolher”, afirmou, numa conferência de imprensa em Novembro, a secretária para os Assuntos Sociais e Cultura.

Elsie Ao Jeong U destacou actividades como o Grande Prémio de Macau, o Festival da Gastronomia e vários outros eventos espalhados pela cidade de forma a cativar os visitantes chineses, de quem a economia de Macau está fortemente dependente.

A Televisão Central da China (CCTV), outros meios de comunicação social e celebridades do Interior do País foram convidados para estar no território e apresentar, no local, os grandes eventos e as atracções turísticas da cidade.

O objectivo é fazer com que as pessoas conheçam a realidade de Macau e os bons resultados no seu controlo da epidemia. “Macau agora é muito seguro”, frisou a secretária.

“Carnaval para Desfrutar Macau” é o nome da campanha de promoção turística do Executivo para atrair mais turistas do Interior do País. O objectivo é fazer com que o número de visitantes se man-

tenha nos 24 mil por dia.

Além de uma série de eventos incluídos na campanha, outros foram retomados. A ausência de vírus na cidade permitiu que praticamente todos os momentos que marcam a agenda anual se repetissem, ainda que com alterações face ao contexto de pandemia.

Grande Prémio

O Grande Prémio de Macau – considerado o evento do ano e de renome internacional – foi o mais recente. O barulho dos carros voltou a soar na cidade, assistiu a um dos momentos altos do ano. Durante um fim-de-semana prolongado, os olhos do mundo automobilístico estiveram em Macau para admirar as manobras naquela que é considerada uma das pistas mais desafiadoras – e, por isso mesmo, mais atraentes – do circuito mundial.

Apesar de condicionada, a edição deste ano realizou-se de 20 a 22 de Novembro. O evento, com um orçamento de 220 milhões de patacas e perto de 200 pilotos, aconteceu, mas sem o



O GRANDE PRÉMIO DE MACAU CONTOU COM A 'PRATA DA CASA' NA SUA MAIORIA, UMA PROVA DIFERENTE E COM FORTES MEDIDAS DE PREVENÇÃO ANTI-PANDEMIA, MAS COM PÚBLICO

Grande Prémio de Motas de Macau e a Fórmula 3. A prova rainha foi substituída por uma de Fórmula 4 na China, na qual também puderam participar pilotos locais desde que, entre outros critérios, já tivessem corrido na categoria.

Este ano, o icónico Circuito da Guia contou com cinco corridas: o Grande Prémio de Macau de Fórmula 4, a Taça GT Macau, a Corrida da Guia Macau, a Taça de Carros de Turismo de Macau e a Taça GT – Corrida da Grande Baía.

Expo Internacional de Turismo de Macau

A 8.ª Expo Internacional de Turismo de Macau teve como convidado de honra o vice-ministro da Cultura e do Turismo, Zhang Xu. Na cerimónia de abertura, Zhang Xu garantiu o apoio ao desenvolvimento da cultura e do turismo entre o Interior do País e Macau. O evento decorreu entre 6 e 8 de Novembro e combinou, pela primeira vez, uma série de iniciativas “em nuvem” com a exposição física, além de um



pavilhão de “Lojas com Características Próprias” de Macau. Organizado pela Direcção dos Serviços de Turismo (DST), com a coordenação da Associação das Agências de Viagens de Macau, a Expo de Turismo contou com a participação de 188 compradores convidados offline do Interior do País e 120 internacionais, foi palco de mais de 5800 sessões de bolsas de contacto entre os expositores e da assinatura de quatro contratos. Atraiu perto de 23 mil visitantes.

Festival de Gastronomia

Mais um evento que voltou a ter lugar na cidade, repetindo a tradição. A 20.ª edição do Festival de Gastronomia juntou mais de cem negócios locais, numa oferta variada de receitas que agregam as culinárias ocidental e asiática. O evento decorreu no mês de Novembro, e levou milhares de pessoas à Praça do Lago de Sai Van.

Festival de Luz

O “Festival de Luz de Macau 2020 – Carnaval de Luz” também voltou a iluminar a cidade, mas mais cedo do que o habitual – de 26 de Setembro a 31 de Outubro. A edição incluiu instalações, espectáculos de vídeo mapping e jogos interactivos em vários bairros de Macau e da Taipa.

Os cinco espectáculos de vídeo mapping foram uma das grandes atracções da sexta edição do Festival de Luz. O maior foi apresentado pela primeira vez na Praça do Tap Seac. Sob o tema “A Cor é ...”, os quatro edifícios patrimoniais da praça – o Edifício do Instituto Cultural, o Centro de Saúde do Tap Seac, a Biblioteca Central de Macau e o Arquivo de Macau –, foram o pano de fundo para projecção, que fez da luz um pincel.



Festival Literário - Rota das Letras

Na abertura do evento, a organização explicou que com o atenuar gradual da situação de pandemia, o calendário do Festival de Luz, normalmente programado para Dezembro, foi reagendado para o final de Setembro. A antecipação teve como objectivo receber os visitantes do Interior do País, que entretanto passaram a estar autorizados a cruzar a fronteira sem obrigação de quarentena desde que fizessem o teste à Covid-19.

Festival da Lusofonia

Para contornar as limitações impostas pela pandemia, a organização apostou nos artistas locais na música, no artesanato e outras artes que abrilhantaram assim o Festival da Lusofonia. Todos os participantes estavam obrigados a fazer o teste de ácido nucleico ou usar máscara durante as actuações.

As entradas também foram controladas. O número de pessoas em simultâneo no recinto não podia exceder as 1500, metade do que é habitual na festa, que chega a acolher 3000 visitantes ao mesmo tempo. Era ainda obrigatória a apresentação do código de saúde electrónico e a medição da temperatura para se frequentar o recinto,

que tinha seis entradas e saídas separadas.

As 10 comunidades lusófonas residentes em Macau – Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Goa, Damão e Diu, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e comunidade macaense – marcaram presença nas Casas-Museu da Taipa com expositores, danças, artesanato, petiscos e bebidas típicas, à semelhança do que sucede sempre. O festival, que se realiza anualmente desde Junho de 1998, decorreu entre 16 e 18 de Outubro.

Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa

Este ano o evento contou com versões presenciais e online. O objectivo foi alargar o evento ao público de fora de Macau. A Semana Cultural incluiu 40 apresentações culturais de 11 países e regiões. Artistas residentes em Macau, mas provenientes de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Goa, Damão e Diu, Macau e do Interior do País actuaram no evento que, pela primeira vez, pôde ser acompanhado além-fronteiras. As apresentações esti-

EVIST FORAE ACHUS PUBLIISIL
TERES BON DIOREI PECRE
TRUM TE, NOREI PON TUM
CONSULA NERESIL URNIRMI
LISSERRIS BONDUCIDEM, ST
L. FORE QUO CUM PRATICA
TIENATUM ETRESTAS
FACISQUAM PAT FATIL VITUS,

veram ainda disponíveis na página temática da 12.ª Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa.

Rota das Letras

O Festival Literário de Macau – Rota das Letras, que se foi afirmando ao longo dos últimos oito anos e é hoje outro evento incontornável na cidade – também regressou depois de um adiamento de meses. De Março passou para Outubro e foi encurtado para um fim-de-semana em vez da habitual semana.

À semelhança dos restantes eventos, também centrou as atenções na “prata da casa”. A edição deste ano contou com uma homenagem a Henrique de Senna Fernandes, para assinalar o 10.º aniversário da sua morte; e com a comemoração do centenário de Clepsydra, livro que compilou os poemas dispersos escritos por Camilo Pessanha em Macau. Também foi feita uma homenagem a Mao Dun, escritor chinês que, em 1920, fundou a Associação de Pesquisa Literária e se tornou editor da primeira revista de contos publicada na China, a Xiaoshuo Yuebao.

As habituais mesas redondas contaram com autores locais. Nas Oficinas Navais, e a abrir, decorreu o debate “Pós-Confinamento”, sobre os efeitos da pandemia na vida e na obra dos escritores de Macau. Eric Chau, Wang Feng, Jenny Lao-Phillips e Konstantin Besmertny foram os protagonistas de uma das conversas que preencheram o programa de três dias.

A fotografia e o teatro também marcaram presença no festival que abraça outras vertentes artísticas apesar de ter a literatura como ponto forte. A companhia Comuna de Pedra apresentou “O Momento”, uma

peça inspirada na obra “1984”, de George Orwell, e em “On Tyranny”, de Timothy Snyder.

Bienal Internacional de Mulheres de Macau

Inaugurada a 30 de Setembro, no Albergue SCM, a exposição ARTFEM 2020 Mulheres Artistas Bienal Internacional de Macau teve como tema “Natureza”. O evento, que vai na segunda edição, procura contribuir para uma maior visibilidade das mulheres no mundo contemporâneo e para a descoberta da arte no feminino.

A exposição apresentou 143 obras realizadas entre 2018 e 2020 por 98 artistas mulheres de 22 países. A mostra, patente durante dois meses, inclui obras de pintura, escultura, cerâmica, desenho e fotografia.

Este ano, o evento contou com os trabalhos de 31 artistas locais, 13 do Interior do País, 16 de Portugal, sete de Hong Kong, três da Indonésia, três da Alemanha e duas norte-americanas, entre outras.

A exposição debruçou-se sobre a protecção e devastação do meio ambiente, a relação da

humanidade com a natureza e a crise pandémica causada pela Covid-19.

Feira Internacional de Macau

A feira de negócios mais importante da cidade voltou em finais de Outubro, desta feita com ligeiras alterações. Passou a ser também online e agregou mais dois eventos. Foi a primeira vez que a Feira Internacional de Macau, a Feira da Exposição de Produtos e Serviços de Países de Língua Portuguesa e a Feira da Franquia aconteceram em simultâneo.

Para alcançar mais mercados e, tendo em conta a pandemia, o Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) incluiu nas salas de exposição digitais bolsas de contactos em nuvem, transmissão ao vivo de eventos, assinatura de protocolos em nuvem e seminários online.

Foram registados perto de mil expositores online, entre os quais do Interior do País, Portugal, Canadá, Brasil, Singapura, Japão, Hong Kong e Macau. Nas salas de exposição digitais dos

A 25.ª FEIRA INTERNACIONAL DE MACAU, A EXPOSIÇÃO DE FRANQUIA DE MACAU 2020 E A EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS E SERVIÇOS DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA 2020 DECORRERAM EM SIMULTANEAMENTE



três eventos foram ainda exibidos mais de 3700 produtos.

A par do online, o evento decorreu fisicamente em Macau, com as devidas alterações em resposta à pandemia. A organização dividiu o espaço da feira – com 25 mil metros quadrados – em áreas com um limite máximo de 250 pessoas por zona. O uso de máscara e a medição da temperatura corporal à entrada foram obrigatórios.

Festival de Moda de Macau 2020

Há 10 anos que tem lugar na cidade e é outra das imagens de marca da agenda cultural de Macau. Em Outubro, de 22 a 24, na Feira Internacional de Macau (MIF, na sigla em inglês), repetiu-se o Festival de Moda, desta vez e à semelhança dos restantes eventos, centrado nos agentes locais. Modelos e designers eram maioritariamente de Macau, centrando as suas criações nos temas do património e da sustentabilidade, os motes do evento organizado pelo Instituto Cultural e co-organizado pelo Centro de Produtividade e Transferência de Tecnologia de Macau. O desfile contou com a participação de 23 marcas, todas da região com excepção de três – de Shen-

zhen, Cantão e Hong Kong.

Uma das originalidades deste ano foi a passarela. A decoração homenageou o património da cidade com o chão a simular a calçada portuguesa e placards de monumentos icónicos de Macau como as Ruínas de São Paulo, o Farol da Guia e a Sé. O objectivo, salientou a organização, foi o de divulgar a imagem de Macau como destino turístico. Além dos 11 desfiles, havia também uma galeria onde estavam à venda os produtos das marcas.

Salão de Outono

Outra das actividades que se tornou obrigatória na agenda cultural do território. O Salão de Outono, que este ano celebrou a 11.ª edição, teve em exposição na Casa Garden 82 obras de cerca de 50 artistas locais. Os trabalhos seleccionados incluíram pintura a óleo, aguarela, desenho, gravura, escultura, fotografia, arte digital, vídeo e instalação. Organizado pela Art For All Society (AFA) e pela Fundação Oriente, a exposição Salão de Outono tem sido uma rampa de lançamento para artistas de Macau. Este ano regressou com mais formas de arte e o maior número de inscrições de sempre – mais



de uma centena.

Torneio Internacional de Ténis de Mesa

A competição é mais uma das muitas apostas do Executivo local com vista a atrair turistas chineses. O torneio, que teve lugar na última semana de Novembro, trouxe a Macau os jogadores que ocupam as primeiras 16 posições do ranking mundial. A maioria veio do Interior do País, mas estiveram presentes jogadores de Taipé Chinês, Coreia do Sul, Singapura, Roménia e Egipto – antes em competição em provas no Interior do País e por isso livres da obrigação da quarentena à entrada na região. Para participarem na World Table Tennis, criada este ano com a autorização da Federação Internacional de Ténis de Mesa (ITTF), os jogadores apenas tiveram de fazer o teste de ácido nucleico. **M**

ORGANIZADO PELA ART FOR ALL SOCIETY (AFA) E PELA FUNDAÇÃO ORIENTE, A EXPOSIÇÃO SALÃO DE OUTONO TEM SIDO UMA PLATAFORMA PARA O LANÇAMENTO DE ARTISTAS DE MACAU



Torneio Internacional de Ténis de Mesa



Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa



Lou Kau Mansion / Casa de Lou Kau

Opening hours: Tuesday to Sunday, 10:00 -18:00
(No admission after 17:30)

Address: No.7, Travessa da Sé

Horário de Funcionamento: De Terça-feira a Domingo,
10:00-18:00 (Entrada permitida até às 17:30)

Endereço: Travessa da Sé, n.º 7, Macau

FREE
ADMISSION
ENTRADA
LIVRE



Guia Fortress / Fortaleza da Guia

Opening hours: Guia Fortress and Information Centre:
9:00-18:00 (No admission after 17:30)
Guia Chapel: 10:00 -17:00

Address: Guia Hill

Horário de Funcionamento: Fortaleza da Guia e Centro de Informações:
9:00-18:00 (Entrada permitida até às 17:30)
Capela da Guia: 10:00-17:00

Endereço: Colina da Guia

CARLOS CID ÁLVARES, PRESIDENTE DO BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

“Macau tem servido para novos investimentos nos países lusófonos”

O presidente do Banco Nacional Ultramarino (BNU) afirma que Macau está a cumprir o papel de intermediário na relação sino-lusófona. Em entrevista à MACAU, Carlos Cid Álvares explica como o BNU tem apostado em serviços que promovem as relações comerciais entre a China e os países de expressão portuguesa, fortemente abaladas face à pandemia. A Covid-19, vinca, deixou clara a urgência de Macau diversificar a economia e, considera, a lusofonia pode ter um papel determinante nesse processo

Texto | Catarina Brites Soares

Foto | Gonçalo Lobo Pinheiro

A Caixa Geral de Depósitos (CGD), e consequentemente o BNU, como parte do grupo, conta actualmente com uma importante presença em sete países de língua portuguesa, detendo uma posição de liderança em cinco. Que significado tem essa presença?

O grupo CGD, que é detido a 100 por cento pelo Estado português, tem operações bancárias em quase 20 países, entre bancos e escritórios de representação, e, nos países de expressão portuguesa, tem mesmo bancos, tal como em Macau. Em cinco desses países, o grupo Caixa Geral é líder com quotas de mercado mais relevantes. Temos estruturas comerciais para apoiar as entidades locais e temos o *internacional desk*, que procura ajudar e dinamizar as estruturas comerciais no sentido de haver mais negócio com os países de expressão portuguesa.

Esses países onde o grupo é líder são lusófonos?

Em Moçambique, ombreia com outro banco em primeiro lugar, em Cabo Verde é o primeiro, em São Tomé igualmente e, em Macau, enquanto banco português, é o que tem a maior quota de mercado. Em alguns países de expressão portuguesa, a CGD atinge quotas de mercado na casa dos 50 por cento. No BNU, teoricamente, a probabilidade de particulares ou empresas terem negócios com os países de expressão portuguesa e com a China usando Macau como plataforma é maior. Recentemente, recebi um empresário de Macau exactamente por causa disso, porque temos uma presença grande nos países de língua portuguesa e quer trabalhar connosco porque sabe que a probabilidade de as empresas lusófonas com quem vai negociar trabalharem com o BNU é maior, já





que, em pelo menos cinco desses países, a CGD é o maior banco. No Brasil temos uma presença pequena, mas é raro um banco estrangeiro ter grande sucesso. Mas nos outros países o grupo tem uma presença muito importante, o que facilita os negócios. Por outro lado, já celebrámos protocolos com os maiores bancos chineses – o Banco da China e o Banco Industrial e Comercial da China (ICBC, na sigla inglesa) – nesta lógica de tentarmos incentivar a relação dos países lusófonos com a China, tendo Macau como plataforma. Estas parcerias permitem que as operações sejam acompanhadas e fechadas por ambos os lados.

Que tipo de serviços oferece o BNU que privilegiam e fomentam a proximidade entre Macau, a China e a lusofonia?

Uma empresa que exporte procura segurança e o banco tem dois ou três produtos muito importantes para assegurar que recebe, como as cartas de crédito de exportação que garantem ao exportador que, se entregar a documentação que foi combinada com o importador 100 por cento correcta, o banco faz o pagamento do montante definido. Também temos seguros de exportação. Acabámos de celebrar um acordo com a SinoSure, uma das maiores seguradoras chinesas. O contrato teve de ser assinado pela nossa agência em Hengqin, mas isto não inibe o exportador de Macau de fazer o negócio de exportação de produtos da China. Vamos fazer um *webinar* para explicar como funciona o seguro e como o exportador fica salvaguardado caso o importador de expressão portuguesa falhe no pagamento. Depois, temos produtos mais simples como transferências, pagamentos. Mas os



primeiros que referi são garantias de recebimento.

Como tem sido a evolução na relação sino-lusófona do que pode concluir a partir do banco, falo de clientes, negócios, investimentos?

Infelizmente, fruto da situação de pandemia, os números não são tão interessantes como já foram. Este ano, as transacções comerciais entre a China e a os países de língua portuguesa estão a cair 12 por cento e nalguns países a queda é maior. Em Angola, é de 35 por cento. No Brasil, sete por cento. Em Portugal, oito, Moçambique, nove. Noutros países estão a crescer, nomeadamente em Cabo Verde e Timor-Leste, onde crescem sete e 40 por cento, respectivamente. Cerca de 80 por cento das transacções entre a China e os países de língua portuguesa concentram-se no Brasil e aí pesa muito o tema das matérias-primas. As exportações de soja do Brasil para a China são talvez a quinta importação chinesa a nível mundial. O maior parceiro para exportações do Brasil é a China. Depois, 15 por cento é Angola, com enfoque no petróleo, Portugal tem cinco por cento

neste negócio de transacções sino-lusófonas, Moçambique conta com 1,5 e os restantes países, ainda que estejam a crescer, têm valores de negócio inferiores. Infelizmente, o que posso dizer é que este ano estão a cair.

É uma situação que se deve à pandemia porque a tendência era de crescimento.

Sim. Até aí a tendência das trocas comerciais era de crescimento, sim. Em 2015, foram 98 biliões de dólares norte-americanos, em 2019 foram 149 biliões de dólares. O crescimento era acentuado. O Brasil estava a crescer quase 50 por cento, Angola cerca de 30, Portugal quase 50 por cento neste período de quatro anos, Moçambique crescia na casa dos 15 por cento, Timor-Leste 60 por cento, Cabo Verde 50 por cento, Guiné-Bissau 30 e São Tomé e Príncipe também estava a crescer 50 por cento. O grosso da coluna na relação é Brasil, Angola, Portugal e um bocadinho de Moçambique, sendo que o Brasil é muito matérias-primas e não passa por Macau. Na relação com Angola o grosso é petróleo e, como tal, também não passa por Macau. Mas

nos outros negócios Macau pode ser usado como plataforma para estas importações e exportações. Mais do que isso, Macau tem servido de plataforma para novos investimentos nos países de expressão portuguesa. Conheço melhor a realidade portuguesa e já acompanhei cinco ou seis investimentos desse tipo, fundamentalmente nos sectores agrícola, do vinho e no agro-pecuário.

Pode dar exemplos?

Houve uma transacção bastante grande de um grupo de Macau, a CESL Asia, que comprou uma das maiores explorações agro-pecuárias em Portugal, e recentemente, Wu Zhiwei, membro da direcção da Câmara de Comércio Luso-Chinesa, comprou a Quinta da Marmeleira. Estão a produzir vinho e a exportá-lo para Macau e para a China. E há mais empresários locais que investiram em Portugal, como na Quinta dos Perdígões, produtor de vinhos. Tenho pena que não haja o movimento contrário: de investimento de países de expressão portuguesa na região da Grande Baía, usando Macau como plataforma. Mas acredito que há muito potencial para isso acontecer.

Porque acha que não tem havido essa reciprocidade?

Acredito que o tema da Covid-19, que já se prolonga desde o final do ano passado, esteja a atrasar decisões de empresas que tinham isso em mente. Acredito que, quando tudo passar, possa ser uma realidade. Macau tem a economia muito ancorada no turismo e tem todo o interesse em diversificá-la para evitar impactos como o que sentiu agora por causa da pandemia. Este ano prevê-se que a economia possa cair quase 70 por cento. Mas como Macau não tem dívida, tem um fundo com cerca de 60 biliões de euros, pode ajudar os particulares e as empresas a sobreviver neste período menos interessante. Por outro lado, acredito que muitas das Pequenas e Médias Empresas praticam bem o seu planeamento fiscal e, por isso, são mais fortes do que os números e os seus balanços demonstram. No BNU não noto que haja um acréscimo do crédito malparado por causa das circunstâncias. Os pedidos para prorrogação dos créditos à habitação são muito baixos, três por cento. Revela que as pessoas não estão aflitas e nesses três por cento vejo muitos casos que não me parecem revelar aflição, mas antes cautela. Nas empresas, sector em que ainda não temos a presença que gostaríamos, esses pedidos também rondam os três a quatro por cento. São números perfeitamente simpáticos quando comparados com outros países.



“HÁ EMPRESAS PORTUGUESAS QUE COMPETEM COM OS MELHORES DO MUNDO. NÃO SÃO MUITAS, MAS ESTÃO HABITUADAS A COMPETIR COM OS MELHORES E PODEM SER MAIS-VALIAS. PODEM DAR ÀS EMPRESAS DE MACAU O CONHECIMENTO QUE NÃO TÊM. SERIA UMA JOINT-VENTURE VIRTUOSA “

Falava da importância de diversificar a economia e do papel que os países de língua portuguesa podem ter.

A diversificação da economia é bastante importante. O facto de termos Hengqin aqui ao lado, três vezes a área de Macau e com a qual, palavras do Chefe do Executivo, há interesse em desenvolver um contacto maior ao nível das empresas. Tudo leva a crer que vá haver um movimento de Macau para Hengqin, que se poderá traduzir não só na compra de habitação mas também de mais negócio. Depois temos o tema da Grande Baía, que alberga 70 milhões de habitantes numa zona que é metade de Portugal e que tem um PIB de 1,4 triliões de dólares, sete vezes o PIB de Portugal. As perspectivas de crescimento, antes da Covid-19, era que em 10 anos passasse para 4,3 triliões de dólares. Actualmente, o PIB da Grande Baía é 40 por cento do PIB da Alemanha, 70 por cento do PIB de Itália, 8 por cento do PIB norte-americano e 12 por cento do PIB total da China. É brutal! É uma oportunidade enorme. Já há histórias de sucesso de empresários locais e lusófonos na Grande Baía, mas acredito que é possível fazer mais nesta lógica da diversificação.

De que forma?

Juntando empresários de Macau – que conhecem as autoridades e como se faz negócio no Interior do País – e lusófonos. Conheço melhor a realidade portuguesa. Há empresas portuguesas que competem com os melhores do mundo em sectores como o do tomate, do azeite, da cortiça, do café, do têxtil automóvel, da pasta de papel. Não são muitas, mas estão habituadas a competir com os melhores e podem ser mais-valias. Podem dar às empresas de Macau o conhecimento que não têm. Seria uma *joint-venture* virtuosa: ajudar na diversificação da economia local, apostar na Grande Baía, juntando empresários de Macau e lusófonos.

A abertura de mais uma sucursal, em Hengqin, tem contribuído para os negócios sino-lusófonos?

Foi uma excelente aposta. Todas as perspectivas indicam que Macau vai passar muito por Hengqin. A sucursal já está neste momento no *break-even*. Mas tem estado muito focada no apoio aos empresários de Macau que querem investir em Hengqin. Ainda não estamos focados no apoio aos empresários chineses. Vamos fazendo isto passo-a-passo, começando por quem conhecemos melhor, os empresários locais. Temos 240 mil clientes.

A iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” é outra das iniciativas do Governo Central que conta também com os países de língua portuguesa. Que papel tem tido ou poderá ter o BNU nesta vertente?

A ideia é interessantíssima e cada um dos países que faz parte dessa rota pode ter um papel no apoio a investimentos que integrem a mesma. Até à data não tivemos nenhuma operação concreta, creio que essas operações estão a ser apoiadas

totalmente por bancos chineses e, noutras paragens, por bancos desses sítios. O BNU está aberto a apoiar. Abrimos aqui a hipótese de fazer operações de *leasing* e a ideia subjacente é apoiar empresas locais para fazerem investimentos em equipamentos, com a opção de *cross-border leasing*, ou seja, entre países, o que porventura pode incluir os que estão associados ao projecto “Faixa e Rota”.

O serviço de locação financeira é precisamente uma das novidades do BNU que visa ajudar empresas dos países de língua portuguesa que pretendam entrar na Área da Grande Baía através de Macau. Tem tido procura?

Infelizmente não temos tido o sucesso que gostaríamos, porque a regulamentação fiscal ainda não tem a atractividade que poderia ter. As empresas, quando pedem financiamentos com determinadas características, podem ter uma bonificação de juros, julgo que até quatro por cento se pedirem o financiamento com base num empréstimo bancário. Quando o pedem com base no *leasing*, essa bonificação não existe, o que torna o *leasing* pouco competitivo.

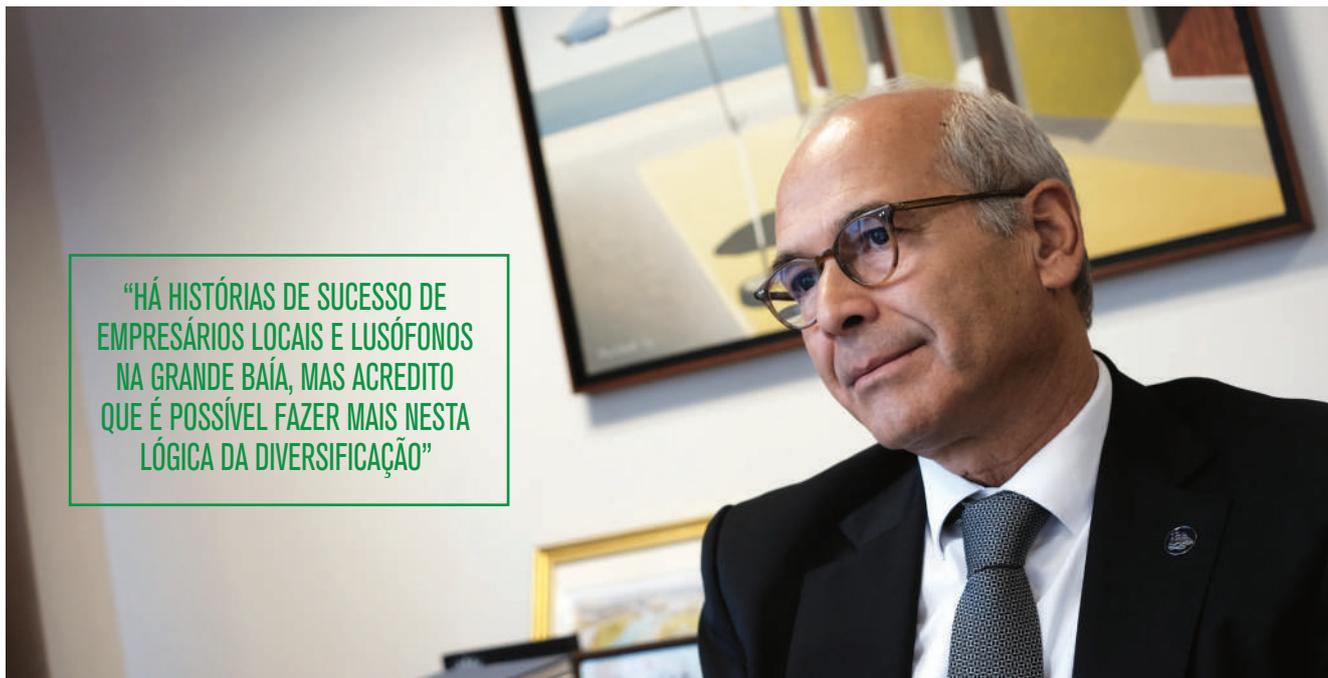
Ainda sobre a Grande Baía, um dos receios em relação ao plano prende-se com a possível incapacidade de empresas locais e mesmo lusófonas competirem com as grandes empresas chinesas, sobretudo estatais. De que forma pode o sector financeiro, neste caso o BNU, ajudar e assegurar que a relação no mercado será salutar para cada uma das partes que procura aproximar – parceiros lusófonos, China e Macau?

Se fosse empresário não viria para a Grande Baía se estivesse em sectores em que a China é altamente exportadora. Vir fazer negócios em áreas em que os chineses são vencedores pode ser um desastre. Mas uma coisa é o produto final, outra coisa é entrar na cadeia de valor desse produto. Desde a matéria-prima até chegar ao produto que é exportado há uma cadeia onde é possível entrar.

Pode ser mais concreto?

Na indústria automóvel, para referir um exemplo, há empresas em Portugal que competem com os melhores do mundo. Fornecem a grandes marcas; há empresas que são fornecedores dos mais importantes produtores da indústria automóvel. Do outro lado, a China importa brutalidades, além de ser o maior exportador mundial. Por que não tentar produzir para substituir as importações da China, por exemplo do sector agrícola? Por que





“HÁ HISTÓRIAS DE SUCESSO DE EMPRESÁRIOS LOCAIS E LUSÓFONOS NA GRANDE BAÍA, MAS ACREDITO QUE É POSSÍVEL FAZER MAIS NESTA LÓGICA DA DIVERSIFICAÇÃO”

não tentar fazer uma *joint-venture* entre empresários de Macau e lusófonos em sectores que, na China e na Grande Baía, são deficitários ou que na cadeia de valor haverá lugar para essas empresas? O BNU terá todo o gosto em apoiar este tipo de iniciativas. O grupo CGP conhece muito bem as empresas portuguesas e o BNU conhece muito bem os empresários de Macau. Só não conhece tão bem os empresários da China, mas aí entram os de Macau, que podem fazer essa ponte.

Em Abril, o BNU e o Banco Industrial e Comercial da China (Macau) assinaram um memorando de entendimento para a promoção conjunta de negócios entre a China e os países de língua portuguesa. Que oportunidades cria esta relação?

Nos países lusófonos onde os bancos chineses não têm uma presença forte, sermos parceiros vai acelerar os negócios de exportação e importação, porque o grupo CGD/ BNU tem representação naqueles territórios. Esses protocolos vão nesse sentido de ajudar a que haja mais negócio porque temos operações bancárias nos dois lados.

Um comunicado emitido há alguns meses pelo BNU, referia “que a presente pandemia, embora seja um desafio para muitas empresas nos meses e anos que se seguem, repre-

sentará igualmente uma oportunidade para ajustar estratégias e planos para o longo prazo, em que será fundamental a internacionalização dos negócios e a diversificação dos mercados”. Que papel podem ter os países lusófonos na internacionalização e diversificação dos mercados?

A pandemia está a ter um caminho distinto no Oriente e no Ocidente. Há formas distintas de gerir o processo. Não vou fazer juízos de valor, mas se calhar as estatísticas demonstram quem está a ter o melhor resultado. O que é um facto é que deste lado a pandemia começou mais cedo e terá tido um controlo mais eficaz, e o que assistimos é que as exportações da China neste último trimestre já cresceram. A economia chinesa no final do ano, em princípio, cresce um e tal por cento. Não tenho dúvidas que alguém estará a olhar para o mercado e a ver oportunidades. Os países onde infelizmente a gestão da pandemia está mais atrasada, também fruto de ter chegado mais tarde, ainda não estão a conseguir tomar as medidas necessárias para que o comércio internacional arranque com mais força. Macau e o BNU, ao estarem aqui encostados, tendo em conta que as exportações estão a crescer, poderão beneficiar muito, embora a economia esteja muito ancorada no turismo, daí a necessidade de diversificar. Noutras circunstâncias, Macau já estaria a beneficiar com este *boom* nas exportações. 



Fabricante chinesa de electrodomésticos espreita mercados lusófonos

• A Gree Electric Appliances Inc quer cooperar com o Governo de Macau e aproveitar o papel da RAEM como plataforma entre a China e os países de língua portuguesa para promover a ligação da fabricante chinesa de electrodomésticos aos mercados lusófonos. A garantia foi dada pela presidente da Gree, Dong Mingzhu, em Outubro, durante um encontro com o Chefe do Executivo de Macau, Ho Iat Seng. A responsável da Gree estava na cidade para o lançamento da Macau Gree (Sino-Lusophone) E-Commerce Co. Ltd., uma empresa de comércio electrónico virada para os países de língua portuguesa.



Expositores de Portugal e Brasil juntam-se a feiras em Macau

• Mais de 1100 expositores de Portugal, Brasil, Interior do País, Hong Kong, Macau, Canadá, Singapura e Japão marcaram presença nas três feiras comerciais que decorreram em Outubro em Macau. As empresas exibiram mais de 3700 produtos nas salas de exposição digitais da 25.ª Feira Internacional de Macau, da Exposição de Franquia de Macau 2020 e da Exposição de Produtos e Serviços dos Países de Língua Portuguesa (Macau) 2020 (PLPEX). As três feiras incluíram ainda sessões de bolsas de contactos através da Internet dedicadas exclusivamente aos países de língua portuguesa.

Peritos médicos chineses chegam a Angola

• Uma equipa de especialistas médicos chineses passou uma quinzena em Luanda, para apoiar os esforços locais de prevenção e controlo da Covid-19 e o tratamento médico dado a pacientes em situação crítica, avançou o Jornal de Angola. Os 10 médicos trabalharam na capital angolana em Outubro, nos centros de tratamentos na Zona Económica Especial de Luanda e na Barra do Kwanza, disse o Secretário de Estado angolano para a Saúde Pública, Franco Mufinda. O embaixador chinês em Luanda, Gong Tao, frisou que a missão médica, organizada a pedido do Governo angolano, é fruto da parceria estratégica entre os dois países.



Macau recebe Fórum Internacional de Ciência, Tecnologia e Inovação

• Representantes dos governos dos países de língua portuguesa foram convidados a participar, através de videoconferência, no Fórum Internacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (ISTIF, na sigla inglesa), que se realizou entre 9 e 11 de Novembro em Macau. O ISTIF, uma nova conferência temática no âmbito do Fórum Boao para a Ásia, contou com um total de 800 participantes. A primeira edição do certame contou com 12 sessões subordinadas ao tema “Inovação fortalece o desenvolvimento sustentável”, que abordaram tópicos ligados a alta tecnologia e inovações recentes na área da saúde pública.





Empresas chinesas formam consórcio para construir ponte em Salvador

• O Conselho de Administração da China Communications Construction Co. Ltd. (CCCC) aprovou, numa reunião realizada em Outubro, um acordo para a formação de um consórcio que vai construir e gerir uma ponte no estado da Bahia, no nordeste do Brasil. A empresa estatal chinesa revelou que o capital do consórcio, Salvador Itaparica Bridge Roadwork Franchise Ltd., no valor de 355 milhões de yuans (US\$53,1 milhões), vai ser dividido de forma igual com uma outra empresa estatal chinesa, o China Railway 20 Bureau Group. Num comunicado enviado à Bolsa de Valores de Hong Kong, a CCCC refere que o projecto, que envolve aquela que será a segunda maior ponte da América Latina, faz parte de uma estratégia de expansão para aquela região brasileira.

Politécnico de Macau e Universidade de Cabo Verde assinam protocolo de cooperação

• O Instituto Politécnico de Macau (IPM) e a Universidade de Cabo Verde (Uni-CV) assinaram, em Outubro de forma online, um protocolo de cooperação para desenvolver a formação de quadros e elevar o nível de investigação científica. Em comunicado, o IPM e a Uni-CV indicaram esperar “desenvolver cooperações nas áreas da formação de quadros inovadores, do aprofundamento do intercâmbio académico, assim como da elevação do nível de investigação científica”. Por outro lado, as duas partes acrescentaram pretender “implementar a partilha de vantagens e de recursos, possibilitando, desta forma, a formação conjunta de mais quadros altamente qualificados” para as iniciativas chinesas ‘Uma Faixa, Uma Rota’ e de construção da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.



Empreiteira chinesa constrói rede de distribuição de água em Angola

• A empreiteira estatal chinesa China Railway Construction Corp Ltd (CRCC) terminou as obras principais de uma rede de distribuição de água para servir a capital da província de Cabinda, no norte de Angola. A CRCC instalou recentemente um tubo de ferro fundido a uma profundidade de seis metros na Zona Alta da cidade de Cabinda, fechando assim a rede de distribuição primária, com uma extensão de 88 quilómetros. O reforço do sistema de abastecimento de água a Cabinda irá melhorar a qualidade da água fornecida a cerca de 30 mil habitantes da capital e do distrito vizinho de Lândana. Na próxima fase dos trabalhos, a CRCC vai completar a instalação da rede de distribuição secundária de água, com uma extensão de 200 quilómetros, que inclui chafarizes e ramais de ligação domiciliária.



Fórum de Macau quer criar centro sino-lusófono de resposta a epidemias

• O Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum de Macau) está a estudar a criação de um centro de comunicação e cooperação na resposta a epidemias.

O objectivo é reforçar a cooperação sino-lusófona na área da saúde, explicou, em Outubro, Gao Feng, porta-voz do Ministério chinês do Comércio, durante uma conferência de imprensa. O responsável prometeu ainda organizar uma série de eventos de promoção de comércio para aumentar as importações chinesas de produtos agro-alimentares dos países de língua portuguesa. Gao Feng sublinhou que a China tem utilizado o Fórum de Macau para mobilizar fundos e material médico que foram doados aos países de língua portuguesa, com o apoio de associações comerciais e empresas de Macau.



Novo embaixador chinês promete apoiar grandes obras na Guiné-Bissau

• O novo Embaixador da China na Guiné-Bissau, Guo Ce, prometeu, em Outubro, apoiar as autoridades chinesas em grandes obras no país africano. “Já vi muitos edifícios construídos pelo governo chinês e acredito que vou promover ainda mais apoios em favor da Guiné-Bissau”, disse o diplomata. Guo Ce, que chegou a Bissau no início de Outubro, falava após entregar as credenciais diplomáticas ao presidente da Guiné-Bissau, Umaro Sissoco Embaló. O líder da Guiné-Bissau disse querer trabalhar com a China para alargar a cooperação bilateral a novas áreas, de forma pragmática.



Fundação portuguesa e universidade chinesa investigam cancro

A Fundação Champalimaud e a Primeira Universidade de Medicina de Shandong vão criar, no leste da China, o Centro Sino-Europeu para a Imunotecnologia, dedicado à investigação e tratamento do cancro através de imunoterapia. Segundo um comunicado da fundação portuguesa, as duas instituições assinaram, em Outubro, um protocolo que prevê um investimento de 100 milhões de dólares norte-americanos. A universidade chinesa vai reservar um edifício no seu campus para as equipas de investigação e irá procurar atrair investimento de entidades públicas e privadas, dentro e fora da região de Shandong, para apoiar o projecto. A fundação sublinha que o Centro irá contribuir para o desenvolvimento da cooperação Europa-China, tendo Portugal como um parceiro “privilegiado”.



Macau quer promover produtos lusófonos no Interior da China

O Governo de Macau quer criar, em conjunto com o Interior do País, uma plataforma de intercâmbio para o sector empresarial, para promover, no mercado chinês, os produtos locais e dos países de língua portuguesa “com boa qualidade”. O secretário para a Economia e Finanças de Macau, Lei Wai Nong, disse, durante uma sessão pública realizada em finais de Outubro, que a plataforma iria reforçar “ainda mais” a troca de informações e prestar um apoio diversificado aos empresários. O governante recordou que as Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau prevêem que a ilha vizinha de Hengqin aposte no comércio electrónico transfronteiriço. O objectivo seria promover a entrada “mais fácil” dos produtos dos países da língua portuguesa no mercado do Interior do País através de Macau.



O objectivo seria promover a entrada “mais fácil” dos produtos dos países da língua portuguesa no mercado do Interior do País através de Macau.

China estuda criação de fórum sino-lusófono de prevenção de epidemias

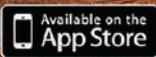
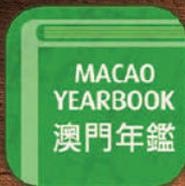
A China está a estudar a criação de um fórum sino-lusófono de cooperação e prevenção de epidemias, anunciou, em Outubro, o porta-voz do Ministério do Comércio chinês. A ideia é reforçar “a cooperação na área da saúde e prevenção de epidemias entre a China e os países de língua portuguesa”, explicou o porta-voz na conferência de imprensa regular do ministério. Por outro lado, Pequim vai procurar promover as exportações na área da alimentação dos países lusófonos para a China, acrescentou. O mesmo porta-voz salientou o papel da RAEM na articulação com os países de língua portuguesa durante a pandemia, em especial através do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Durante a pandemia, a China tem enviado medicação e equipamento para os países lusófonos, com os quais também promoveu formação e partilha de experiências sobre tratamento e prevenção relacionada com o novo coronavírus, com equipas no terreno e conferências online.



Universidade de Macau doa protótipos de ventiladores a Angola e Moçambique

A Universidade de Macau (UM) doou dois protótipos de ventiladores desenvolvidos pela instituição a Angola e Moçambique, e vai formar equipas naqueles países para poderem fabricar novos equipamentos. Os protótipos foram desenvolvidos pela UM, em colaboração com o Instituto para o Desenvolvimento e Qualidade de Macau, “com base na tecnologia existente”, e representam uma grande poupança de custos, referiu Rui Martins, vice-reitor da instituição. “São bastante mais baratos que o normal, dez por cento ou menos do preço, e estão prontos a utilizar no hospital por doentes que necessitem deles.” Rui Martins garantiu que os protótipos são “de baixo preço, mas de alta qualidade”, tendo sido certificados por equipas médicas no território. Em paralelo, a Universidade de Macau vai também “fazer formação a engenheiros e médicos [daqueles países] para o desenvolvimento de novos protótipos em Angola e Moçambique”. Os protótipos foram entregues à Universidade Pedagógica de Maputo, em Moçambique, e à Universidade Mandume ya Ndemufayo, no Lubango, em Angola, com a qual a UM tem protocolos de cooperação, no âmbito da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), durante uma cerimónia com representantes dos dois países em Outubro.





<http://yearbook.gcs.gov.mo>

“Macau 2020 - Livro do Ano” em formato digital já publicado

As versões em chinês, português e inglês em formato digital do “Macau 2020 - Livro do Ano” produzidas pelo Gabinete de Comunicação Social do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, foram publicadas.

O anuário “Macau 2020 - Livro do Ano” regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural do território, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau.

Desde 2002 que o “Macau - Livro do Ano” é publicado em três línguas, chinês, português e inglês. Com 252 fotografias, 581 páginas (versão chinesa), 722 páginas (versão portuguesa) e 667 páginas (versão inglesa), o “Macau 2020 - Livro do Ano” está dividido em quatro secções: prioridades da acção governativa da RAEM; cronologia dos acontecimentos mais relevantes; apresentação geral da RAEM; e apêndices com informação útil e dados estatísticos.

A apresentação geral da RAEM retrata as prioridades no âmbito

da Administração, Legislação e Justiça realizadas em 2019, das quais fazem parte quinze capítulos que cobrem as seguintes áreas: sistema político e administração; ordenamento jurídico e sistema judicial; relações externas; economia; turismo; ordem pública; educação; cultura e desporto; saúde pública e assistência social; comunicação social, telecomunicações e tecnologia da informação; solos, infra-estruturas, habitação e entidades públicas; transportes; geografia e população; religiões e hábitos; e história.

Tomando em consideração a popularidade da leitura em formato digital e a protecção ambiental, a partir de 2016, o “Macau - Livro do Ano”, tanto na língua chinesa, como na portuguesa e na inglesa, deixou de ser publicado em suporte papel. Entretanto, facultamos mais informações, fotografias bem como vídeos, para responder à procura dos leitores.

Os interessados podem consultar a página electrónica do “Macau 2020 - Livro do Ano” (<https://yearbook.gcs.gov.mo>) ou fazer o download da seguinte aplicação.



URBANISMO

Mais lazer na Taipa

O Governo vai aproveitar quatro terrenos na Taipa para construir mais um parque, em resposta aos pedidos da população por mais espaços de lazer na cidade. A protecção ambiental foi uma das prioridades na concepção da zona, que terá o primeiro parque de skates da cidade

O projecto vai ser temporário, mas o Governo promete que mais tarde serão construídas instalações públicas permanentes. O novo parque de lazer que irá nascer na Taipa vai ter áreas de lazer, recreação e desporto a pensar nos adultos, idosos e crianças. O espaço vai ser construído em quatro terrenos não aproveitados da Taipa, e terá o primeiro *half pipe* da região.

Os pneus estarão na base da arquitectura da obra que também teve em conta a protecção do ambiente. À MACAU, o Instituto para os Assuntos Municipais (IAM) realça que a iniciativa pretende

ir ao encontro das exigências da sociedade que pede “o uso adequado dos terrenos não aproveitados e o aumento dos espaços de lazer” na cidade. Também este ano, em Março, o Executivo anunciou um corredor verde na margem sul de Macau, a ligar o Centro de Ciência e a Deusa Kun Iam até à Barra, com espaços de lazer e desporto.

Em resposta à revista, o IAM sublinha que teve como referência outros parques de pneus em cidades da Europa, Estados Unidos, Japão e Interior da China, onde a iniciativa “tem merecido os aplausos dos cidadãos”.

A nova infra-estrutura vai crescer nas parcelas entre a

O IAM TEVE COMO REFERÊNCIA OUTROS PARQUES DE PNEUS EM CIDADES DA EUROPA, EUA, JAPÃO E INTERIOR DA CHINA, ONDE A INICIATIVA “TEM MERECIDO APLAUSOS DOS CIDADÃOS”

Avenida de Kwong Tung, a Rua de Bragança, a Rua de Chaves e o Edifício Nam San, e funcionará como complemento ao Jardim Cidade das Flores e ao Parque Central da Taipa. “Contribuirá para o aumento da área de terrenos de lazer per capita da Zona Central da Taipa, enriquecendo a atmosfera de lazer dos bairros comunitários e elevando a qualidade de vida da população”, realça o IAM.

Em cooperação com a Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental (DSPA), o organismo assegura que será feito o tratamento, limpeza, desinfecção e polimento dos pneus para evitar que representem riscos de saúde pública. “Após a conclusão do parque, o instituto realizará inspecções periódicas, manutenção e, se necessário, substituirá os pneus para assegurar a higiene e segurança.”

À volta da área de 19 mil metros quadrados vai haver pistas de corrida e de patins com um comprimento de 660 e de 655 metros, respectivamente, separadas por gradeamentos baixos feitos de pneus, “a fim de garantir a segurança dos transeuntes, desportistas e crianças”.

Para aumentar a taxa de arborização, o IAM promete plantar mais árvores e outras plantas, e conservar as que já existem. Haverá ainda quiosques, máquinas de venda automática, esplanadas, salas de amamentação e instalações sanitárias sem barreiras arquitectónicas. O projecto, que custará 30 milhões de patacas e deverá estar concluído na segunda metade do próximo ano, inclui ainda oito zonas de actividades recreativas a pensar nas diferentes faixas etárias.



O PARQUE TERÁ, NUMA PRIMEIRA FASE, UM CARÁCTER PROVISÓRIO, MAS O GOVERNO GARANTE QUE SERÃO CONSTRUÍDAS INFRA-ESTRUTURAS PERMANENTES COM BASE NOS RESULTADOS DA CONSULTA PÚBLICA

Planos

Aquando da apresentação das novas instalações em Agosto, o secretário para a Administração e Justiça, André Cheong, referiu que o plano director iria entrar em consulta pública a partir de 4 de Setembro, e que se tratava de um projecto provisório. “O que queremos é um aproveitamento provisório, temporário, em relação aos terrenos não aproveitados. E depois teremos um aproveitamento mais definitivo desses espaços. [Os planos para] essas quatro parcelas vêm ao encontro das explicações que demos à Assembleia Legislativa em Abril. Neste momento o parque é provisório, entretanto teremos de ver como será o plano director.”

André Cheong garantiu que, posteriormente, serão construídas instalações públicas permanentes. Durante a conferência de imprensa do Conselho Executivo, a 21 de Agosto, o secretário acrescentou que a posição do Governo, relativamente à finalidade dos quatro terrenos não



À volta da área de 19 mil metros quadrados vai haver pistas de corrida e de patins com um comprimento de 660 e de 655 metros, respectivamente, separadas por gradeamentos baixos feitos de pneus

aproveitados, é articular o desenvolvimento comunitário da Taipa, a construção de instalações desportivas e jardins, bem como melhorar a qualidade ambiental e de vida na comunidade. “Quanto à construção de instalações públicas permanentes nos referidos terrenos, o mesmo responsável explicou que para o Governo é necessário haver uma articulação com o planeamento urbano, com as opiniões recolhidas na consulta pública, e com uma série de procedimentos legais, o que levará alguns anos”, lê-se numa nota oficial.

O responsável explicou ainda que a construção do parque de lazer no centro da Taipa vai implicar a destruição do edifício de uma fábrica de vestuário que funcionou até finais dos anos de 1960. Cheong referiu que os terrenos estão em más condições higiénicas,

A CONSTRUÇÃO DO PARQUE VAI IMPLICAR A DESTRUÇÃO DO EDIFÍCIO DE UMA FÁBRICA DE VESTUÁRIO QUE FUNCIONOU ATÉ FINAIS DOS ANOS DE 1960. OS TERRENOS ESTÃO EM MÁS CONDIÇÕES HIGIÉNICAS, E A FÁBRICA ENCONTRA-SE ABAIXO DO NÍVEL DA ESTRADA, ACUMULANDO ÁGUA

cas, e que a fábrica se encontra abaixo do nível da estrada, acumulando água. “É uma situação grave, um risco para a saúde pública, tendo gerado críticas e queixas dos residentes que desejam uma solução. Além disso, as placas de amianto que cobrem as fábricas são materiais proibidos de construção, que têm de ser removidos”, alertou.

André Cheong salientou que, após consultar o Instituto Cultural, a fábrica não é um edifício a preservar nos termos da Lei de Salvaguarda do Património Cultural. “A fábrica só funcionou três anos. De acordo com o parecer do Instituto Cultural, não integra grupos de imóveis classificados ou não é considerado imóvel protegido. Como detectámos riscos para a segurança e saúde pública, queremos demolir o mais rápido possível”, frisou. 



◁ O projecto para reaproveitar estes terrenos custará 30 milhões de patacas e deverá estar concluído na segunda metade do próximo ano



PARAÍSO DE PNEUS

À MACAU, o IAM sublinha que o parque será diferente se comparado com outras zonas de diversão infantil de Macau. “Serão utilizados pneus de diferentes tamanhos e formatos para criar um espaço de diversão interessante, colorido e seguro, incluindo uma zona de subidas, uma ponte suspensa, uma casinha, piscina de pneus e um labirinto de aptidão física. Os pneus serão usados como dispositivos de grande porte no parque, oferecendo às pessoas de todas as idades um lugar popular.”



O MUNDO DE ÁGUA E AREIA

Destinado a crianças e jovens, estará dividido em duas zonas. Na parte superior, haverá uma grande piscina de areia e uma pirâmide em forma de espiral com fluxo de água. A parte inferior terá uma combinação entre os pneus e a piscina de areia, usando dois escorregas de pedra de grande dimensão e uma rampa de pneus para fazer a ligação. A ideia é criar um espaço tridimensional de divertimento, onde as crianças possam brincar com areia e água, para aprender e treinar o tacto, a criatividade e a imaginação.



ÁREA DE SKATE

Foi a pensar nos jovens e nos amantes do desporto que o IAM diz ter decidido ter o primeiro half pipe da cidade. As rampas terão o piso em formas geométricas coloridas “para dar uma imagem vibrante”.



RELVADO PARA PAIS E FILHOS

Espaço multifuncional próximo da natureza, com dispositivos artísticos como bonecos, casinhas, árvores de pneus, baloiços de pneus, assim como esculturas em forma de animais, com funções decorativas, mas também para trepar.



CAMPO DA ALEGRIA

Zona com campos de futebol, de basquetebol, de voleibol e de badminton, rodeada por instalações de manutenção física, caminho de seixos, corredores com cobertura contra o sol e bancos.



Diogo Silvério



Erik Wong



Jay Villarosa



DESPORTO

Sobre rodas

Skaters aplaudem iniciativa do Governo de criar primeiro a primeira área dedicada exclusivamente à prática do skate, no novo espaço de lazer a ser construído nos quatro terrenos não aproveitados no centro da Taipa. Dizem que o espaço fará toda a diferença para quem anda, mas também para a população, e falam dos benefícios deste desporto radical

Texto | Catarina Brites Soares
Fotos | Gonçalo Lobo Pinheiro



Marc Andrew



Miguel Khan



Pedro Domingues

Miguel Khan, Pedro Domingues, Diogo Silvério, Erik Wong e Marc Andrew são apenas uma amostra de uma comunidade que cresce e se rendeu aos *skates*. Deslizar sobre a tábua assente em quatro rodas, e com ela arriscar acrobacias, é uma paixão desde que se lembram. À MA-

CAU explicam como é importante haver um espaço específico onde possam treinar sem constrangimentos e salientam o impacto que o desporto pode ter numa sociedade. O convívio entre pessoas de diferentes contextos e a dedicação a uma prática saudável são algumas das vantagens que destacam.

“Em muitos países e cida-

O CONVÍVIO ENTRE PESSOAS DE DIFERENTES CONTEXTOS E A DEDICAÇÃO A UMA PRÁTICA SAUDÁVEL SÃO ALGUMAS DAS VANTAGENS QUE OS PRATICANTES DESTA MODALIDADE DESTACAM

des de fora, os *skate parks* são concebidos com o objectivo de promover o espírito desportivo entre os jovens através da prática de modalidades alternativas”, salienta Miguel Khan. “É importantíssimo termos de novo *skate parks* na cidade. Nos anos de 1990, tínhamos um mini *half-pipe* no Espaço Sintra e um *skate park*

no ZAPE. Não haver nada agora dá a sensação de que andamos para trás.”

Pedro Domingues recorda com nostalgia o espaço do ZAPE de que Miguel Khan fala. “Era como uma casa para mim”, descreve, indicando a grande quantidade de tempo que ali passou a andar de *skate*. Lamenta, por isso, que tenha sido substituído por outras instalações de lazer, e defende que a estrutura devia ter sido remodelada em vez de demolida.

O *skater* elogia a iniciativa do Governo em ter um espaço para a prática de *skate* na Taipa, e realça como é importante diversificar as áreas de lazer. “Não pode ser tudo igual. Os parques têm sempre o mes-

mo formato. Há seguramente mais de 30 miúdos neste momento a andar de *skate* em Macau. Precisam de uma zona que seja apropriada, que lhes ofereça condições para praticarem em segurança e podem evoluir”, defende Pedro Domingues.

A ausência de um espaço próprio levou Diogo Silvério a mobilizar-se com amigos há uns anos, quando ainda era adolescente, para que fosse construído um parque de *skates*. Mais novo que Miguel e Pedro, já cresceu numa Macau sem estruturas específicas para andar. Restavam-lhe os espaços públicos como a Praça da Amizade, onde ainda hoje se reúne a comunidade de *skaters*. O ímpeto aca-

A SEGURANÇA, PARA OS QUE PRATICAM E PARA OS OUTROS, É UM DOS PRINCIPAIS BENEFÍCIOS QUE OS SKATERS APONTAM COM A CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO PRÓPRIO NA TAIPA, JÁ QUE DEIXA DE HAVER A PREOCUPAÇÃO DE PODER ALEIJAR TERCEIROS

bou por morrer por achar que ninguém jamais daria ouvidos a adolescentes. Já não acreditava que pudesse acontecer. “A ideia é fabulosa, sobretudo porque vai estar dentro de um parque público”, destaca.

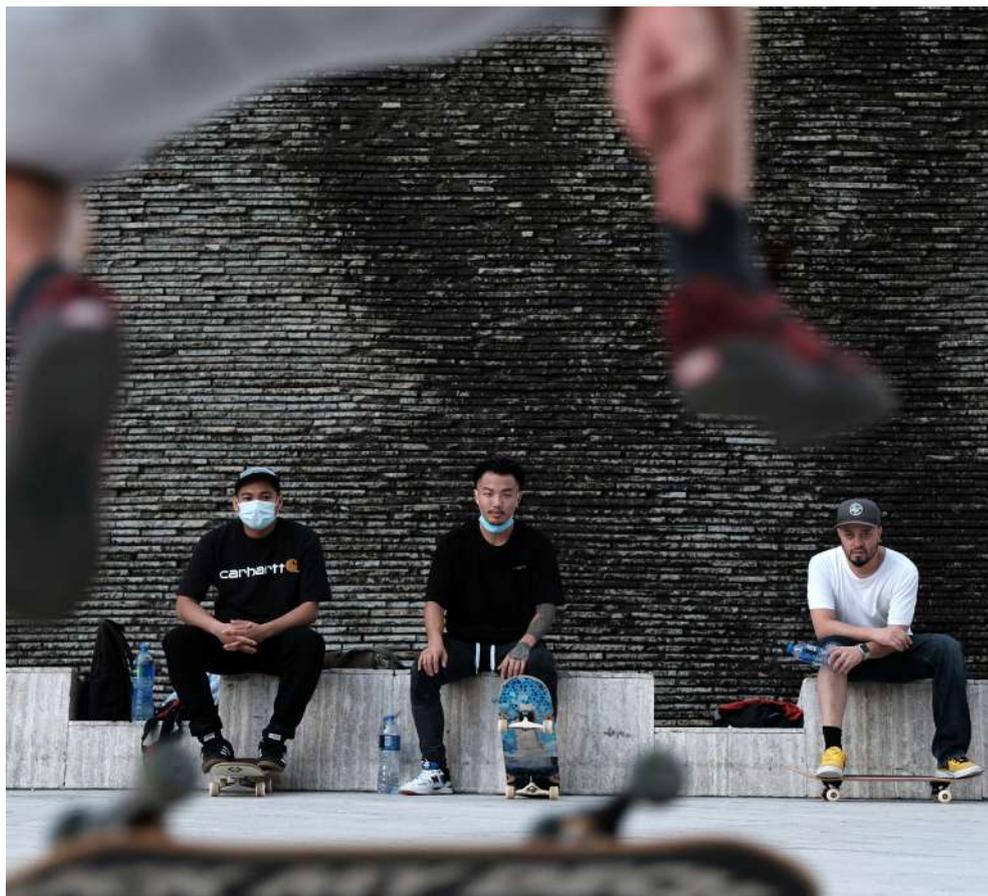
Interpreta a decisão do Governo como um reconhecimento do desporto, que passou a ser considerado uma modalidade olímpica e que este ano estaria entre as competições dos Jogos Olímpicos do Japão, adiados por causa da pandemia.

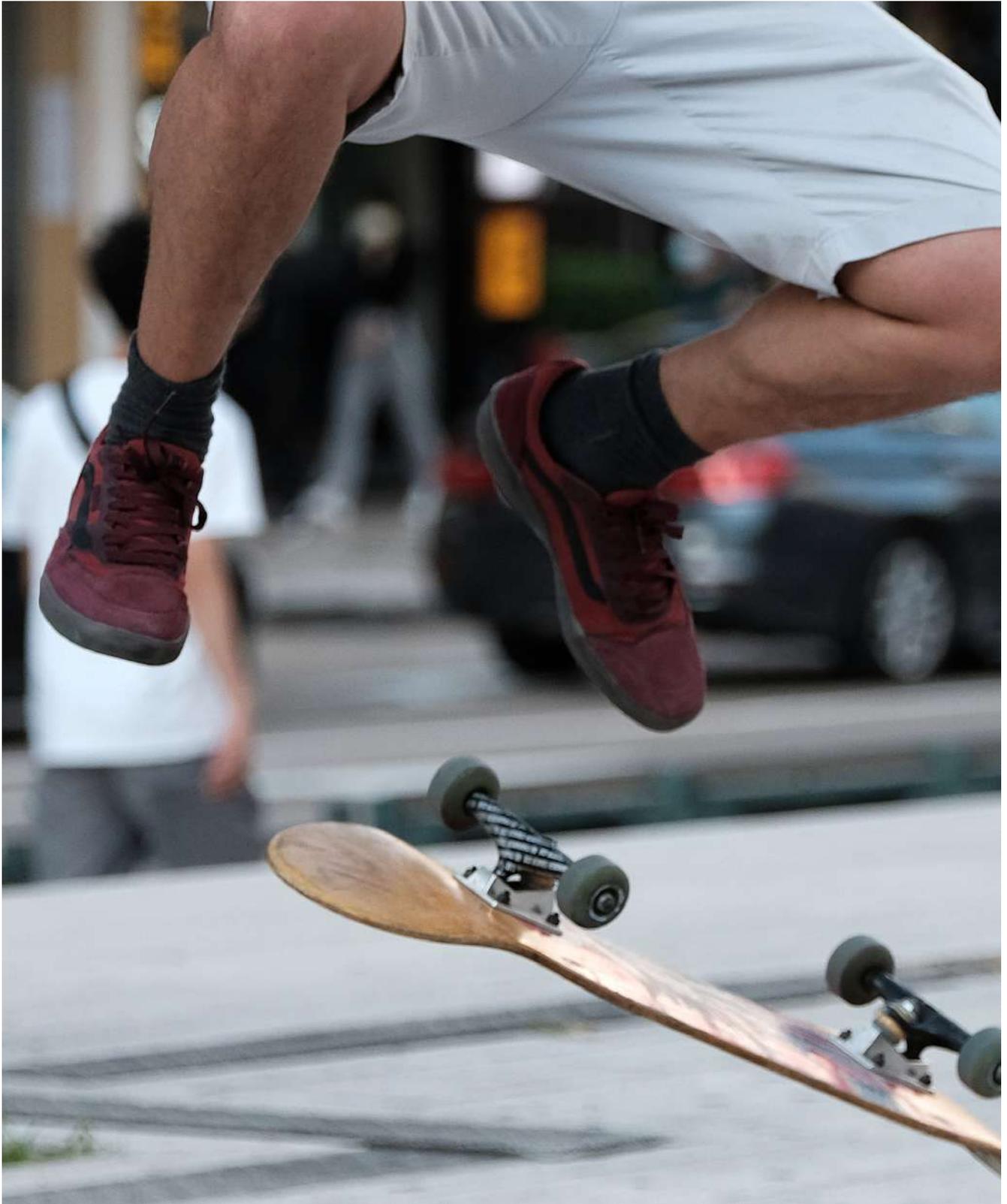
Já Erik Wong enfatiza que à semelhança de outras modalidades, exige treino e facilita haver uma zona específica para andar. “A cultura do *skate* está a crescer de uma forma incrivelmente rápida, especialmente nos miúdos”, constata. “Não importa quantas vezes caem, persistem. Levantam-se e continuam a tentar.”

Mark Andrew reforça a ideia: “Quem quer aprender, sabe que pode ir para ali. Claro que podemos andar em qualquer lado, é o que fazemos há anos, mas é muito mais seguro ter um espaço próprio.”

Mais do que um desporto

A segurança, para os que praticam e para os outros, é um dos principais benefícios que os *skaters* apontam com a criação de um espaço próprio na Taipa, já que deixa de haver a preocupação de poder aleijar terceiros. “Há pessoas que têm uma má impressão sobre o desporto e assumem que os *skaters* são mal-educados, e que só criam caos e barulho”, lamenta Diogo Silvério, que acredita que o novo espaço vai ajudar a mudar mentalidades. “Vai fazer com que as pessoas percebam melhor o que é andar de *skate* e que estejam mais receptivas a quem o faz.”







Jay Villarosa

Ainda assim, ressalva que o desporto não deve estar limitado a uma área. “A melhor parte de andar de *skate* é a liberdade de circular, descobrir e explorar zonas distintas da cidade.”

Khan reforça que fará toda a diferença. “Temos muita falta de espaços recreativos de interesse, e os jovens precisam de áreas assim para interagirem e canalizarem as energias, para se divertirem através do desporto alternativo em vez de estarem sempre fechados dentro de quatro paredes em frente aos ecrãs”, afirma. Se já é bom o Governo estar a investir em mais espaços de lazer, continua, ter um *skate park* é um “grande bónus”.

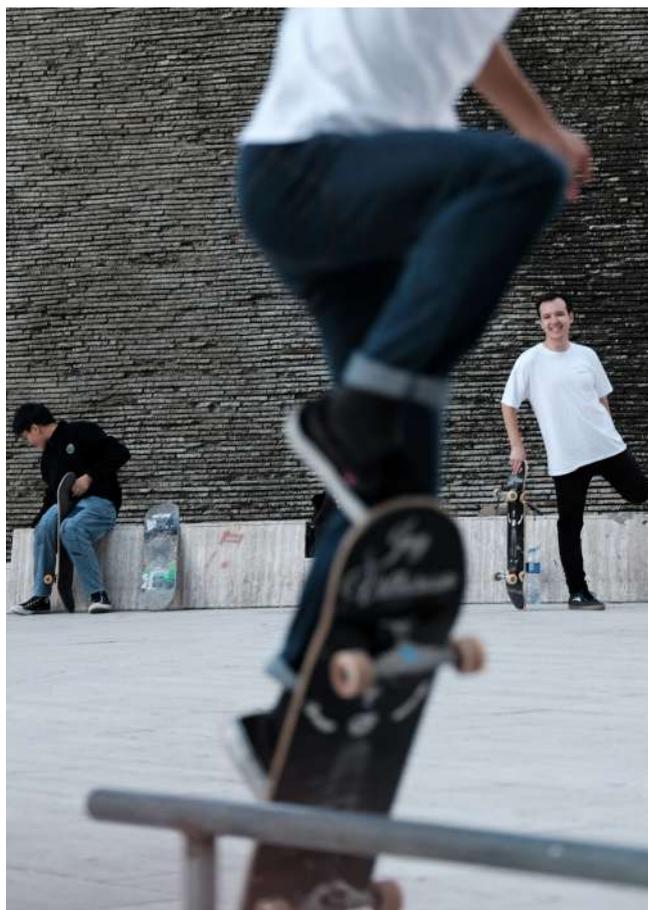
O DESPORTO FOI INVENTADO NA DÉCADA DE 1950 NA CALIFÓRNIA, NOS ESTADOS UNIDOS. O CRESCIMENTO DO “SURFE NO ASFALTO” DEU-SE DE UMA MANEIRA TÃO GRANDE QUE MUITOS DOS JOVENS DA ÉPOCA SE RENDERAM A ESTA MODALIDADE

Sabe do que fala. Andar de *skate* marcou-o e mudou-o. Não se esquece quando conseguiu convencer os pais a comprarem-lhe o primeiro *skate*, tinha 13 anos. “No início, adorava apenas a ideia de deslizar sobre superfícies e manter-me de pé sobre a tábua. Ultrapassando isso, como qualquer miúdo, já não pensava noutra coisa senão em dar saltos e desafiar a lei da gravidade”, recorda Miguel Khan.

Já lá vão quase 30 anos desde que o *skate* passou a ser um estilo de vida. “Tornou-se uma forma de criar e manter contactos com gente de todo o mundo. Como acontece em todos os desportos, andar de *skate* une



Miguel Khan



as pessoas mesmo quando há limitações de comunicação.”

Marc Andrew, de 28 anos, é exemplo disso. Há mais de 10 anos mudou-se para Macau sem saber falar uma palavra de cantonês. O *skate* quebrou barreiras. “Basta uma tábua de madeira com quatro rodas para se ter amigos em qualquer lado. É por isso que tanta gente começa muito cedo e nunca mais deixa de o fazer.”

É uma forma de estar, conorda Pedro Domingues. “O que mais gosto é do perigo e da capacidade de vencer medos e desafios”, descreve. Aos 38 anos, as costas e os joelhos obrigaram-no a desacelerar, mas não para desde os seis,

quando teve o primeiro *skate*. “Nunca mais me esqueço do momento em que o meu pai ofereceu-me o primeiro *skate*. Ficou selado na minha memória e ainda hoje consigo sentir a mesma alegria quando me lembro desse momento. Nunca mais deixei de andar.”

O *skate* é muito mais que um desporto, reitera Erik Wong. Aos 29 anos, após mais de 12 de prática, diz que não há nada que se assemelha ao prazer de rolar. “A velocidade, a satisfação de conseguir uma manobra que praticamos vezes e vezes sem conta até conseguirmos. Nada se compara. Obriga-nos a ter uma postura na vida, a não fugir dos pro-

blemas ou dificuldades quando surgem, mas a encará-los até que se superem.”

Para Diogo Silvério é uma terapia desde os 13 anos, quando se estreou. Depois de comprar a primeira tábua em Hong Kong, numa altura em que ainda não havia lojas em Macau que vendessem o artigo, nunca mais parou. Aos 26 anos continua a saltar para cima do *skate* quatro a cinco vezes por semana, sempre que tem um tempo livre. “Tenho conhecido tanta gente e feito tantos amigos ao longo destes anos. Mais velhos, mais novos, locais, estrangeiros. Conheci pessoas dos mais variados contextos e tudo se deve ao *skate*.” 



A dupla Concrete Lotus

CULTURA

Ruas com arte

Os Pixels, o DJ Marco Aurélio e a dupla Concrete Lotus são alguns dos artistas que actuam em espaços ao ar livre no âmbito do programa lançado pelo Instituto Cultural. A iniciativa tem como objectivo dinamizar a cidade com mais arte e cultura

Texto | Catarina Brites Soares
Foto | Gonçalo Lobo Pinheiro

A cada esquina, a cada jardim, para cada pedestre que passa uma oportunidade de mostrar a sua arte. Assim são os buskers, termo em inglês usado para definir os artistas de rua, que cada vez estão mais presentes nos espaços públicos da cidade. À MACAU, o Instituto Cultural (IC) explica que o “Programa Excursionando pelas Artes”, lançado em Novembro de 2016, pretende incentivar os artistas a realizarem espectáculos em locais públicos, que são previamente definidos pelo Governo. “O programa tem permitido aos buskers interagir com o público através de actuações únicas ao vivo, proporcionando uma plataforma de criação artística, bem como um excelente espaço de intercâmbio cultural destinado a promover o contacto e a aprendizagem mútua entre os artistas locais e estrangeiros. O programa reúne assim todo o tipo de actuações criativas, contribuindo em grande medida para a atmosfera artística da cidade e para fazer da arte uma paisagem urbana diária”, realça o organismo.

Até Junho deste ano, 428



Marco Aurélio, DJ

artistas de Macau e do exterior receberam um “Cartão de Busker”, que lhes permite actuar nos “Pontos de Busking” definidos pelo Governo: o Anim’Arte Nam Van, as Casas-Museu da Taipa, o Jardim da Fortaleza do Monte e o Largo do Pagode da Barra.

O programa está aberto a todas as artes performativas – teatro, dança, música, magia, artes folclóricas e malabarismo –, as artes visuais, com a

**O PROGRAMA ESTÁ
ABERTO A TODAS AS ARTES
PERFORMATIVAS E VISUAIS,
BEM COMO AO ARTESANATO
CRIATIVO, ESTANDO
IGUALMENTE PREVISTO A
PRODUÇÃO *IN LOCO*
E EXPOSIÇÃO**



Kelsey Wilhelm e Joana de Freitas falam dos benefícios de se usar qualquer parte da cidade como palco



criação ao vivo e exposição de todo o tipo de obras, e ao artesanato criativo, estando igualmente previsto a produção in loco e exposição.

O IC sublinha ainda que já houve actuações de artistas locais, do Interior do País, de Hong Kong, da Europa de Leste e da América do Sul. Até ao momento, aponta, as actuações atraíram cerca de 130 mil espectadores. “Através do programa, o Instituto Cultural espera construir uma plataforma artística mais ampla e criar uma paisagem cultural em Macau que evoque o espírito da arte de rua das cidades europeias.”

Artistas aplaudem

A dupla Concrete Lotus aprova a medida e defende que Macau precisa de mais palcos para os artistas locais. Kelsey Wilhelm e Joana de Freitas referem que a ausência de espaços de actuação faz com que, em geral, os artistas locais busquem reconhecimento além-fronteiras. “Com esta mudança de atitude abre-se e usa-se a cidade como palco. Macau tem locais espectaculares para servirem de palco: as ruas, os terraços. Isto torna não só a cidade mais viva, mais cultural, como também permite a quem é daqui sentir que pertence, que pode usar Macau”, afirmam.

O DJ Marco Aurélio também elogia a iniciativa. “Quando as coisas são bem feitas, existe um potencial benéfico enorme para todos. Do que vi, pelo menos no que toca à música, nota-se que tem havido um esforço para trazer várias referências musicais e em utilizar espaços públicos para o efeito, estratégia que na generalidade parece estar a surtir um efeito positivo”,

realça o artista que já tocou duas vezes no âmbito do programa.

Actuar em espaços públicos, diz, acaba por ser mais libertador e proporcionar uma experiência diferente. “Num local público, não tenho expectativas. Tanto existem pessoas que se interessam pelo que estou a fazer como o oposto. Isso é bastante libertador, porque me permite trabalhar e experimentar outro tipo de sonoridade sem qualquer pressão em satisfazer um público, que é o que acontece num evento organizado, em que existem expectativas de ambas as partes e preocupação acrescida em proporcionar uma boa experiência.”

Marco Aurélio acrescenta que há mais margem para experimentar e de poder ganhar experiência. “Ao público possibilita um contacto próximo, sem compromissos, com uma experiência musical num espaço que não foi necessariamente pensando para esse efeito, o que pode resultar em algo bastante enriquecedor para ambas as partes”, acredita o DJ, que se lançou na electrónica ainda nos tempos em que estava na universidade. “Já há alguns anos que ouvia música electrónica e produzia sons próprios, e nessa altura decidi experimentar misturar música. Arranjei um pequeno controlador que se liga ao computador, que ainda hoje utilizo, e assim foi.”

Em Macau, costuma passar música em eventos de espaços privados, mas, mais recentemente, e ao abrigo do programa do IC, protagonizou concertos nos Lagos de Nam Van, no espaço Anim’Arte.

O palco dos Pixels foi do outro lado do rio, nas Casas-Museu da Taipa, onde actuaram

Para o DJ Marco Aurélio, actuar em espaços públicos é mais libertador e proporciona uma experiência diferente



ao fim da tarde num concerto que reuniu vários artistas. “Achamos espectacular haver estas iniciativas que promovem os artistas em Macau. De louvar e para continuar”, afirma Nuno Gomes, em nome do grupo local. O vocalista da banda diz que a experiência foi excelente. “A equipa de som, os apresentadores, a dinâmica gerada com a rotação das bandas e a linda paisagem por trás fez dos nossos dois concertos lá algo muito bonito, a recordar.”

A estreia marcou o grupo, que reinterpreta os originais da banda norte-americana Pixies, de rock alternativo formada em Boston, Massachusetts, em 1986. Nuno Gomes conta que a ideia de se juntarem surgiu “após a triste notícia” de que os Pixies tinham cancelado a vinda a Hong



PASSOS PARA ACTUAR NAS RUAS

Para se ter o cartão de *busker* (artista de rua, em português), que permite que se actue nos espaços designados, o Instituto Cultural (IC) explica que os interessados têm de ser maiores de 14 anos, sendo que até aos 17 anos deve ser entregue uma autorização assinada pelo encarregado de educação. As candidaturas podem ser feitas *online*, gratuitamente, através da página do Instituto Cultural ou pessoalmente no edifício do organismo. Os candidatos recebem um “Cartão de *Busker*” no terceiro dia útil a partir do dia seguinte após ser entregue a documentação necessária, detalha o IC. As actuações têm lugar todas as sextas-feiras, sábados, domingos e feriados, entre as 11h00 e as 21h00, com excepção do Largo do Pagode, que acolhe espectáculos de segunda-feira a domingo, entre as 14h00 e as 18h00. Os grupos não devem exceder os cinco elementos.

Os Pixels reinterpretem os originais da banda norte-americana Pixies, de rock alternativo

Kong para um concerto no dia 3 de Março. “Eu e o Marco [Man] íamos vê-los, e como são a minha banda preferida, senti que tinha de fazer algo e disse ao Marco: ‘Agarra no teu baixo e vamos trazer os Pixies a Macau. O Marco desatou a rir-se e adorou a ideia”, lembra.

À dupla juntou-se Pedro Lagartinho na bateria, que já tocava com Nuno Gomes no grupo Real Blood; Lisa Wong como back vocals; Daniel Ricardo e João Kruss Gomes nas guitarras. Assim nasceram os Pixels, que já deram vários concertos em bares e salas de espectáculos da cidade, como a associação cultural LMA, e, mais recentemente, no Festival de Música.

Nuno Gomes aponta duas diferenças na actuação ao ar livre: a qualidade do som – “que estava espectacular”, e o tempo limitado. “Quando tocamos num bar somos nós a controlar tudo e podemos entender o espectáculo. Num concerto no LMA devemos tocar 23 músicas. Nas Casas-Museu da Taipa só deu para tocar 11”, explica.

Gomes considera no entanto que a experiência é uma mais-valia tanto para o artista como para o público. “Estes eventos dão a oportunidade de ver bandas quer em família, quer num ambiente bastante descontraído.”

Os Concrete Lotus, que também actuam nas Casas-Museu

da Taipa, concordam que a população só tem a ganhar. “As pessoas não querem estar entre quatro paredes ao fim-de-semana. Querem aproveitar a cidade. Quando os eventos são publicitados, até há muita adesão.” Com mais de 10 anos no activo, a dupla já actuou no Interior do País, em Hong Kong e em vários locais de Macau, como a associação LMA, o festival Hush e vários outros espaços privados. Kelsey e Joana, que se tornou vocalista em 2014, confessam ser difícil escolher entre a rua e o recinto fechado. “Gostamos de actuar. Isso acima de tudo”, vincam, com a ressalva: “Tocar em Macau tem sempre um sabor especial. Se for na cidade, no que se associa a espaço público, talvez tenha um significado maior porque somos daqui, Macau é a nossa casa. É a cidade que dá o mote à banda.”

JÁ HOVE ACTUAÇÕES DE ARTISTAS LOCAIS, DO INTERIOR DO PAÍS, DE HONG KONG, DA EUROPA DE LESTE E DA AMÉRICA DO SUL, QUE ATRÁIRAM CERCA DE 130 MIL ESPECTADORES







A ARTE QUE DÁ COR ÀS RUAS

Preferem paredes a telas, ruas a galerias e estética a mensagem. São conhecidos como *graffiters* e hoje, aquilo que fazem, é considerado arte. Em Macau, o *graffiti* começou a ganhar espaço, mas de forma tímida. Hoje há cada vez mais cor nas paredes e nos muros da cidade





Pat Lam é o graffiter mais conhecido na cidade. As tags e desenhos do artista de 35 anos são fáceis de encontrar, sobretudo em Macau, mas também estão presentes na Taipa e em Coloane. O talento valeu-lhe o reconhecimento público. Além do que faz por iniciativa própria, já desenvolveu projectos de arte urbana para governos e entidades privadas locais e de fora.

O interesse pela street art

começou aos 13 anos, depois de ver um grupo de adolescentes portugueses a fazer graffiti na rua. Já pintava e desenhava, mas apenas no papel. “A forma de desenhar era completamente nova para mim. Foi uma porta para um mundo artístico novo”, conta à MACAU Pat Lam, conhecido como PIBG (iniciais de ‘pat is bombing graffiti’) – bomb é o termo usado para cobrir uma área de graffiti.

Disléxico, sem grande talen-

to para os estudos, encontrou a expressão que procurava na pintura, que deixou de ser suficiente na sua forma mais tradicional. O espaço que lhe faltava na tela e no papel, encontrou-o no graffiti, a fórmula perfeita por juntar criatividade e acção. “Sou muito activo e pintar no papel começou a tornar-se aborrecido ao contrário do graffiti, que requer movimento. É completamente diferente. Pintar na rua é mais desafiante. Senti que estava a explorar uma área nova.”

Foi por causa de PIBG que Carl começou a interessar-se pela street art. “É o graffiter mais conhecido e mais sénior de Macau. Tudo começou no secundário. Levou-me a um espaço abandonado e foi quando fiz o meu primeiro graffiti. Desenhei umas letras. Nunca me vou esquecer”, recorda.

Foi assim o início da amizade que acabaria em parceria. Em 2019, por exemplo, voltaram a pintar juntos, mas desta vez no evento “Don’t think, just paint”, quando PIBG convidou vários artistas locais e de fora a pintar uma parede no Pátio da Claridade, uma referência da arte urbana no território.

“Há uma diferença entre criar algo que depois vai ficar numa galeria ou noutra espaço privado, onde apenas uma minoria tem acesso, ou ter um trabalho numa zona pública, onde toda a gente pode apreciar”, sublinha Carl, valorizando o papel da arte urbana, que teve origem nos Estados Unidos na década de 1970, e que designa manifestações artísticas que têm lugar no espaço público.

As ideias vai buscá-las à Internet, ao trabalho de outros artistas, no fundo a tudo o que o rodeia. Até às embalagens

gens de marcas, a que presta atenção para ver como combinam forma e cor. Tudo serve de inspiração a Carl, cujo interesse pelo graffiti e arte urbana começou em criança, muito antes de se inaugurar nas paredes.

Foi também jovem que Kelvin Mac começou. Estreou-se com a ajuda de um colega, a quem via desenhar a tag no caderno da escola com frequência e pediu que o ensinasse. “Gosto de arte e de desenhar, mas não gosto da forma tradicional de o fazer, em tela ou pintura a óleo”, refere o graffiter de 33 anos e que trabalha num restaurante a tempo inteiro.

Estética Vs. mensagem

Kelvin Mac, com a tag K3LL, confessa que não tem pintado muito nos últimos anos. Quando dedicava mais tempo ao graffiti, chegou a fazer trabalhos para o Instituto Cultural, Serviços de Turismo, Instituto para os Assuntos Municipais, entre outras entidades públicas e privadas. “Não procuro transmitir uma mensagem. A minha preocupação é apenas a estética, ou seja, a cor, a forma, o grafismo, a grafia.”

O mesmo acontece com Carl. “Por norma, a street art é feita em zonas com movimento e muita agitação. A arte urbana tem de procurar estar integrada nesse ambiente. O graffiti acaba por provocar um certo stress visual nas pessoas que já estão expostas a tanto ruído.”

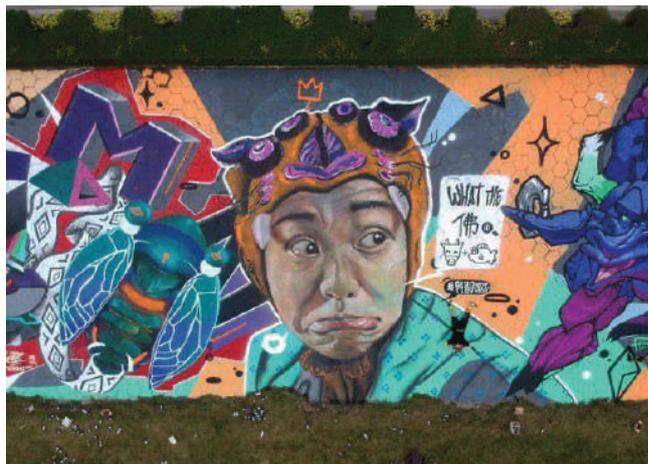
Também foi assim com PIBG durante algum tempo. No início, limitava-se a desenhar a tag, sem mais pretensões. Só procurava aperfeiçoar a assinatura e pintá-la de várias formas. À medida que foi crescendo, mudou. “Decidi

que queria explorar outras vias e passei a fazer trabalhos com significado”, realça o artista, que gosta de explorar o tema da aliança entre o homem e o animal.

À MACAU explica que, por norma, quem faz street art começa pela tag e, com a experiência, opta por um de dois caminhos: o do writer ou o do desenhador.

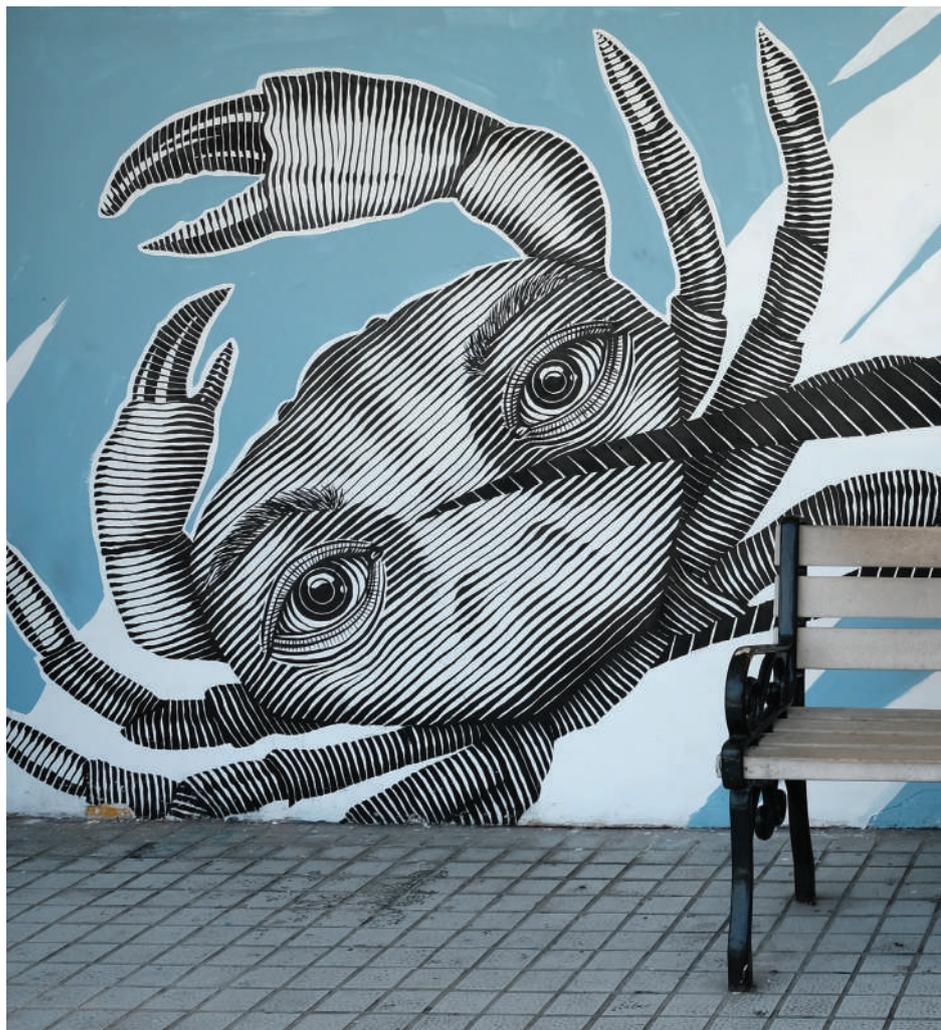
Ao writer, continua, apenas lhe interessa a letra, encontrar um estilo e uma grafia que o distinga. “Nunca mostram quem são, apenas querem que se saiba e se conheça a sua tag, o nome. Procuram quantidade, querem que a tag esteja espalhada o mais possível”, explica.

Já o desenhador procura qualidade. “Depois há os artistas que se identificam com ambos, que é o meu caso. Muitas vezes só pinto a tag, outras vezes faço desenhos.”



Os lagos de Nam Van, vários espaços na Taipa e em Coloane, como as fachadas de muitos edifícios na zona das vilas, são alguns dos pontos onde a assinatura e os desenhos dos graffiters locais podem ser apreciados





As ruas da arte

Os lagos de Nam Van, vários espaços na Taipa e em Coloane, como as fachadas de muitos edifícios na zona das vilas, são alguns dos pontos onde a assinatura e os desenhos de PIBG se encontram, depois de ter sido convidado pelo Governo, com quem também já cooperou para o Festival de Luz.

A estes juntam-se trabalhos para a Transmac, para a qual pintou alguns dos autocarros públicos; a DIOR, com quem continua a colaborar; e outros projectos no Interior do País,

a convite dos governos regionais. A parede gigante que coloriu em Foshan é um dos exemplos que realça. Já teve também oportunidade de mostrar a sua arte no estrangeiro. A convite da associação “Meeting of Style” fez, por exemplo, trabalhos em Copenhaga, capital da Dinamarca.

Enquanto mostra fotos dos projectos, não contém o desabafo: “Gosto da aventura e da adrenalina associadas à arte de rua. Faz parte, e é por isso que a rua continua a ser o espaço onde mais gosto de desenhar. Adoro ir a fábricas abandona-

das, onde não há ninguém, e de ficar lá a pintar”. O hobbie é antigo, começou na infância quando começou a procurar zonas onde pudesse dar azo à imaginação sem constrangimentos.

Leva as tintas agarradas ao cinto com uma câmara portátil no capacete para gravar o processo criativo que tem lugar depois de trepar edifícios abandonados. É lá no cimo que dispara os sprays que dão forma à ideia que já leva na cabeça.

Mostra mais uma foto das centenas que guarda no tele-

A PREOCUPAÇÃO DO ARTISTA DE RUA É QUE A ARTE SEJA O MAIS ACESSÍVEL POSSÍVEL E É, POR ISSO, QUE PREFEREM AS RUAS AOS TEATROS, CINEMAS, BIBLIOTECAS E MUSEUS



móvel para registar os trabalhos e diz: “Fiz este depois do devastador tufão Hato. Estava angustiado com a situação e queria fazer algo. Só me restava recorrer à arte para animar as pessoas e desenhei isto: “home” e “hope”, que significa “There is hope when there is home” [Há esperança quando há um lar], por debaixo da ponte. Escolhi aquele sítio porque toda gente passa por ali e podia ver”, descreve, referindo-se ao graffiti na parede de cimento que se vê da Ponte Nobre Carvalho, onde as palavras “hope” (esperança) e

home (lar) se sobrepõem.

Exemplos de fora

O momento, acredita, foi oportuno pelo contexto, mas também porque hoje a população local é mais receptiva à forma de arte. Pat Lam diz que as pessoas, em geral, não sabem distinguir graffiti de outras formas de arte urbana, mas já consideram que o graffiti é uma mais-valia para a cidade. “Houve uma mudança de mentalidade. Mas falta gente nova a fazê-lo. Somos os mesmos de sempre. Acho que a falta de interesse se deve





Pat Lam é o graffiter mais conhecido na cidade



Carl lançou-se nesta arte quando ainda era um estudante do secundário, sob influência do amigo Pat

à mentalidade asiática: não dá dinheiro. A maioria pensa como poderia sobreviver a partir disto.”

Kelvin concorda que a mentalidade mudou. “Hoje já se reconhece que o graffiti é arte”, sublinha. “Durante muito tempo, apenas se pensava que estávamos a danificar o espaço público.”

A globalização e a Internet, acrescenta Carl, ajudaram a que a expressão artística se espalhasse e fosse aceite, tanto em Macau como no resto do mundo. “Actualmente, a maioria das pessoas já aprecia. Já aparece em actividades públicas, videoclipes, produtos, e até é usada como design e forma de decoração de interiores. É cada vez mais valorizada.”

O artista assume, no entanto, que a subcultura – de que o graffiti faz parte – apareceu tarde e demorou a desenvolver-se em Macau face a outros territórios, como as cidades do Interior do País e aos vizinhos Hong Kong, Taiwan. “Sempre foram um exemplo que seguimos de perto. Aqui também nos temos esforçado para promover o graffiti e outras formas de arte urbana para que os artistas locais possam ser reconhecidos internacionalmente como os dessas regiões.”

A falta de espaço, aponta Kelvin, é um dos obstáculos para que a arte urbana não tenha a mesma dimensão: “Sem paredes não há graffiti e Macau não tem assim tantas ou outros espaços públicos onde possamos pintar. Há muitas limitações.”

Os meios e recursos, como o espaço, também são referidos por PIBG, que salienta que a street art, ao contrário do que acontece em Macau, é muito conhecida e apreciada no Interior do País assim como no res-

to da Ásia. “Só no ano passado, houve mais de 380 eventos relacionados com arte urbana na China, o que dá uma média de um evento por dia. Foram convidados vários artistas norte-americanos, ingleses e de outros países, os melhores do mundo, para desenvolverem projectos”, elogia.

Também ele teve experiências além-fronteiras similares, individualmente e com o grupo GANTZ5, que criou em 2004 com mais quatro graffiteres, que se tornaram amigos pelo interesse em comum. “Começámos a fazer projectos em grupo e a ficar conhecidos, e foi assim que nos começaram a convidar para desenvolver trabalhos lá fora, em cidades chinesas, em Hong Kong e Taiwan, onde participámos em festivais e eventos de arte urbana. Estivemos em Pequim, por exemplo, numa exposição no 798 [bairro artístico]. Também estivemos em Taiwan para uma colaboração com várias marcas, e em Macau, como grupo, colaborámos com o Governo, por exemplo, com trabalhos para museus”, exemplifica.

“Não há limites para o que um artista pode mostrar nas ruas. Às vezes implica pequenos atropelos à lei, uma dimensão mais transgressora, mas tudo isso faz parte e é importante perceber que nem sempre é assim. Há muita arte urbana que é concessionada e legal”, sublinha Carl, que reforça que o objectivo primordial da arte urbana é justamente sair dos lugares convencionais destinados à exposição e apresentações artísticas como espaços culturais.

A preocupação do artista de rua é que a arte seja o mais acessível possível e é, por isso, que preferem as ruas aos teatros, cinemas, bibliotecas e museus. 



澳門博物館
MACAO
MUSEUM

Museu
de
Macau

地址

澳門博物館前地112號
澳門博物館(大炮台)

Endereço

Praceta do Museu de Macau
n.º 112
(Fortaleza do Monte)

Address

N.º. 112 Praceta do
Museu de Macau
(Mount Fortress)

開放時間

上午10時至下午6時
(下午5時30分停止售票)

逢星期一休館

逢公眾假日照常開館

Horário de funcionamento

10h00 – 18h00

(última admissão às 17:30)

Encerrado às segundas-feiras

Aberto aos feriados públicos

Operation Hours

10:00 – 18:00

(Ticket booth closes at 17:30)

Closed on Mondays

Open on public holidays



LAI CHI VUN

Onde Macau tem outro tempo

Lai Chi Vun vai ter nova vida. O Governo decidiu que parte dos lotes qualificados na zona dos estaleiros de construção naval em Coloane vai ser preservada pelo “valor cultural” daquela que foi uma das maiores indústrias de Macau

É uma das indústrias mais antigas de Macau e foi das mais pujantes do território. A construção naval está intimamente ligada ao desenvolvimento da cidade, ainda que tenha sido por causa desse desenvolvimento que acabou por se extinguir. “A indústria naval deixou um legado rico de muitas tradições, história, tecnologia, cultura, religião e património que engloba valores culturais únicos”, refere o Instituto Cultural à MACAU.

“Este sítio tem uma relação directa com a globalização e a rede de navegação mundial, e é também por isso que é tão relevante”, salienta David Marques, presidente da Associação de Moradores da Povoação de Lai Chi Vun. “Muitos dos barcos de pesca que andavam no mar tinham de ser reparados e vinham aqui. Traziam novos produtos, tecnologia e materiais. Lai Chi Vun acabava por ser parte de uma rede de comércio mundial”, explica Marques, que faz parte da minoria que ainda habita a vila.

Foi em Lai Chi Vun que

cresceu e onde quis permanecer, seguindo as pisadas da família. Recorda o avô, que tinha uma espécie de mercearia ambulante num junco que abastecia os pescadores que raramente vinham a terra. As histórias que ouviu e as que protagonizou tornaram-no uma das vozes mais activas da preservação de Lai Chi Vun e da essência que a caracteriza. David Marques insiste que esta aldeia é uma peça fundamental para se entender

a história de Macau. “Temos o Museu Marítimo que explica como o mar foi determinante para Macau, mas não de que forma foi relevante para cada parte do território. A construção naval era uma parte fundamental da cidade porque era por mar que quase tudo chegava a Macau. Sem mar, não havia Macau.”

Há outras singularidades que tornam a vila única, reforça. Por norma, zonas como Lai Chi Vun são denominadas de baías, mas como a localização da aldeia tem o formato de uma tigela, com a montanha de um lado e o oceano do outro, começou a ser chamada pelos moradores de Vun 碗 (tigela) em vez de Van 灣 (baía), cuja pronúncia em cantonês é muito similar, e deixou de ser Lai Chi Van para passar a ser chamada de Lai Chi Vun.

OS ESTALEIROS DE LAI CHI VUN FORAM ERGUIDOS PELOS PRÓPRIOS CONSTRUTORES NAVAIS E ALI FORAM REALOJADOS OS DE MACAU E DA TAIPA, NA DÉCADA DE 1990

O futuro

Recentemente, o Governo anunciou que o lugar antes ocupado pela indústria naval vai albergar um projecto que tem por base outra indústria, tão determinante para a economia de hoje como foi a na-



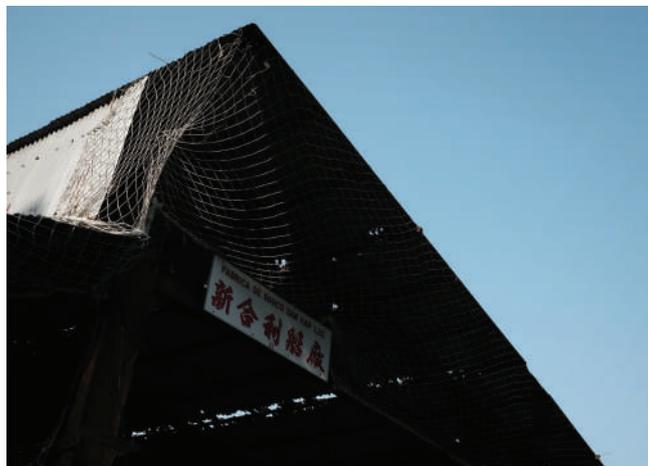
val noutros tempos. A pensar na dinamização do turismo e da cultura, e depois de estudos e consultas públicas, ficou decidido que parte dos Estaleiros Navais de Lai Chi Vun vai ser revitalizada. A cumprirem-se os planos divulgados pelo Instituto Cultural – ainda sem prazo de conclusão – vão ser criados espaços para eventos relacionados com as indústrias criativas e culturais, como feiras e salas de exposições, nos lotes X11 a X15 e no X19.

Revitalizar e preservar foram a tônica das sugestões apresentadas pelo arquitecto italiano Marco Imperadori e de alunos de mestrado do Instituto Politécnico de Milão, que estudaram e projectaram a zona há alguns anos. “A história não é só a dos vencedores, que é a história das igrejas, dos castelos e palácios. A história também é a história das pessoas. Lai Chi Vun é muito interessante por causa dos habitantes e pelo modo de vida, que são outras formas de património”, salienta o arquitecto italiano em entrevista à MACAU.

O tempo que passou em Lai



O Governo anunciou que o lugar antes ocupado pela indústria naval vai albergar um projecto que tem por base outra indústria, tão determinante para a economia de hoje como foi a naval noutros tempos



Chi Vun e o que investiu a estudar o local deixaram claro que Coloane, e especificamente a pequena vila, são os únicos espaços que destoam do resto. “Espero que Coloane não se torne um segundo Cotai. É a única coisa que não faz falta a Macau porque já há muita oferta. Lai Chi Vun pode ser o sítio para onde se vai descansar, comer e ter contacto com outros contextos. Mesmo nas cidades dinâmicas tem de haver espaço para o ritmo lento que identifica Lai Chi Vun.”

O arquitecto defende a preservação dos estaleiros, mas também do contexto que lhes estava associado. “O valor da história também depende de como a população acredita nela. Em Itália acreditamos muito. É por isso que mante-

mos os monumentos e o que está para além deles. A memória é um resultado de várias texturas de uma vila e cidade. Se mantivermos a actividade de um sítio, mantemos a tradição”, realça.

Não foi ao acaso que propôs que os estaleiros em bom estado se convertessem num género de museu da história da indústria naval, onde haveria um artesão a construir o mesmo barco sucessivamente, mostrando aos visitantes o ofício que moldou a economia local e Lai Chi Vun.

O passado

Lee Kam Fai lembra-se bem desses tempos. Na década em que se dedicou à construção naval, dividia-se entre os estaleiros de Macau e os de Lai Chi Vun, onde começou quando tinha 20 anos em 1980. Abandonou a indústria em 1989, quando o sector começou a declinar, para ingressar na função pública, ainda que nas férias voltasse ao ofício tradicional.

Chegou a haver zonas de construção nas três áreas da região, onde o sector se desenvolveu praticamente em simultâneo. Em Macau, os estaleiros navais concentravam-se entre a Avenida do Almirante Lacerda e o Patane, através da Doca do Lamau; na Taipa, ficavam entre o Templo do Pak Tai, a Ponte Negra e o Jardim do Cais, e em Coloane foi em Lai Chi Vun que se ergueram os estaleiros, construídos pelos próprios construtores navais e onde foram realojados os de Macau e da Taipa, na década de 1990.

“Arranjávamos sobretudo barcos da China. Havia meses sem muito trabalho, mas depois não parávamos durante dois anos. Havia marcações

para a temporada toda com esta antecedência”, recorda à MACAU.

O antigo construtor conta que pouco falava com os pescadores. Das raras vezes que vinham a terra era para limpar os barcos e acordar com os patrões dos estaleiros os prazos para virem buscar as embarcações, que normalmente demoravam cerca de um mês a serem reparadas. “Não ficavam em Macau à espera. Iam embora noutros barcos e depois voltavam.”

O estaleiro onde trabalhava em Lai Chi Vun tinha cerca de 18 empregados. A maioria vivia na vila, ao contrário de Lee Kam Fai, uma excepção no conjunto de funcionários dos estaleiros, quase todos eles habitantes da zona ou de Coloane. “Havia muita gente, mas era uma tranquilidade. Era muito agradável. Tinha uma forma de estar completamente diferente. Toda gente se conhecia.”

Desde que abandonou o ofício, poucas foram as vezes que voltou. Diz que já não conhece ninguém e o ambiente também não o atrai. “Há poucas famílias e os estaleiros estão todos destruídos.” E logo desabafa: “Foi uma pena o declínio. Nunca mais ninguém aprendeu, não há indústria, nem onde se aprenda”. Confessa que gostava que os estaleiros fossem preservados. “Era uma forma de dar a conhecer aos turistas uma das indústrias mais importantes de Macau.”

Os Estaleiros Navais de Lai Chi Vun – construídos a partir da década de 1950 – são hoje o maior grupo de estaleiros navais em Macau e um dos maiores legados de património industrial da construção naval da região do sul da China. “Do ponto de vista da análise dos



△
Lee Kam Fai começou a dedicar-se ao ofício da construção naval quando tinha 20 anos

valores culturais, apresentam técnicas e métodos relacionados com a construção naval no final do século XX, revelando igualmente a organização e o modo de vida da comunidade da vila de Lai Chi Vun e as influências que tiveram do sector da indústria naval”, explica o Instituto Cultural. “Os valores culturais também estão relacionados com a envolvente paisagística, que foi preservada ao longo da história, nomeadamente no que se refere à ligação entre os estaleiros e a água, bem como no que se

refere à ligação entre os estaleiros e a colina”, acrescenta a mesma nota.

Foi em 1984 que foi fundada a Corporação de Construtores Navais (Gong Sim Hong Vui Kun), que assinala o início do associativismo na construção naval na cidade. Em chinês, o nome significa que era um lugar de reunião entre patrões e empregados.

O IC refere que a maioria dos proprietários dos estaleiros tinha sido aprendiz e funcionário, e que, por isso, as relações entre o patronato

e a mão-de-obra eram boas. Como prova, o documento do IC mostra um contrato de trabalho de 1968 que reflecte o acordo entre empregadores e empregados na concertação sobre os horários de trabalho, remuneração, regras, termos de aumento de salário e questões sobre o direito de negociação colectiva que beneficiasse os trabalhadores. “Isto constituiu uma orientação e referência posteriores para o sistema de protecção dos trabalhadores de Macau.”

Comunidade

A natureza do próprio ofício acabava por contribuir para a proximidade entre patrões e empregados, que aprendiam com a prática e através dos ensinamentos dos mais experientes. Para lhe ser concedido o estatuto de “construtor naval qualificado”, por norma, o candidato tinha de estar num estaleiro durante três

anos e receber uma recomendação do proprietário. Era ainda critério para exercer a profissão estar inscrito na Associação dos Construtores Navais de Macau. Só os membros da associação tinham permissão para exercer.

Além de garantirem os salários, os empregadores eram obrigados a contribuir para um fundo de protecção dos trabalhadores. As contribuições

REVITALIZAR E PRESERVAR FORAM A TÓNICA DAS SUGESTÕES APRESENTADAS PELO ARQUITECTO ITALIANO MARCO IMPERADORI E DE ALUNOS DE MESTRADO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE MILÃO, QUE ESTUDARAM E PROJECTARAM A ZONA HÁ ALGUNS ANOS

eram recolhidas por membros da associação que visitavam os estaleiros com regularidade. Os montantes serviam para assistência médica e para as despesas da associação.

Paralelamente à actividade, e por causa dela, cresceu uma comunidade que foi aliando à indústria outras instituições com o intuito de apoiar e garantir recursos aos trabalhadores e familiares. Na década de 1950, por exemplo, a Associação dos Operários dos Estaleiros de Macau abriu a Escola dos Filhos dos Operários dos Estaleiros, cujos alunos eram maioritariamente filhos dos construtores e crianças que viviam perto. Começou por ser apenas de ensino primário, acabando por se estender ao primeiro ciclo. Acabaria por fechar em 1975, quando mais escolas abriram em Macau.

Hoje a vila já não é o que era. Apenas uma dezena de famílias persiste na zona pacata junto à água, onde resistem paredes meias com negócios que florescem em resposta ao turismo crescente em Coloane.

David Marques é a última geração que conheceu a Lai Chi Vun de brincar na rua, sem carros, onde as ruas vivavam campos de badminton e ainda se sentia o cheiro a madeira. Hoje o cenário é diferente, mas o presidente da Associação de Moradores continua a sentir que é singular.

“Lai Chi Vun é uma forma de estar em Macau, completamente diferente do resto da cidade. Há um sentido de comunidade. As pessoas conhecem-se, falam, dizem bom dia!”, descreve.

Com o intuito de dinamizar a vila, também ele criou um projecto comunitário, depois de se aperceber dos poucos hábitos de leitura. A “pequena

biblioteca gratuita” – sob forma de uma pequena casa com menos de um metro de altura –, foi feita com materiais que caracterizam as habitações e estaleiros e serve o propósito de troca de livros.

A utilização de máquinas e o desenvolvimento dos barcos, que passaram por exemplo a ter motor, levaram a mudanças inevitáveis no modo e técnicas de construção. “A construção naval de Macau sofreu um período de transição para a era moderna e que atingiu o cume no decorrer de duas décadas”, sublinha o IC.

O organismo público acrescenta que grande parte dos barcos construídos e reparados nos estaleiros de Lai Chi Vun era de pesca, ainda que houvesse alguns de habitação, que desapareceram na década de 1980. “Não eram grandes e eram usados especialmente para secar peixe e para viver”, detalha o IC.

O pico da indústria haveria de ser sucedido pela queda face ao desenvolvimento de Macau. A construção naval acabou por decair como sucedeu com outras áreas, à medida que a economia da cidade se foi reestruturando. “A construção naval é um capítulo essencial e glorioso na história da indústria. Para tentar recriar os gloriosos dias da indústria naval de Macau, criou-se um roteiro para visitar a construção naval na esperança de conservar a memória desta importante indústria local”, vinca o Instituto Cultural.

O arquitecto Marco Imperadori enfatiza que Lai Chi Vun é um símbolo de uma tradição asiática, muito chinesa, que não pode ser ignorado. “Macau resulta de uma enorme fusão. Perder Lai Chi Vun é o pior que pode acontecer a Macau.”



David Marques, presidente da Associação de Moradores da Povoação de Lai Chi Vun

ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

A PARTIR DE AGORA A REVISTA MACAU PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

Disponível na Apple Store e no Google Play, a nova aplicação da **MACAU** em língua portuguesa para telefones inteligentes, tabletes e computadores disponibiliza, em formato PDF, todas as revistas da série IV. Pode mesmo descarregar a edição pretendida e lê-la, mais tarde, em modo offline.



CIDADE

Esculturas das 56 etnias da China na rota por Macau que promove “amor à pátria”

Com a deslocação do Parque de Esculturas Étnicas Chinesas da Taipa Grande para o Jardim Comendador Ho Yin, as estátuas das 56 etnias da China passam a integrar o itinerário pelos espaços de aprendizagem da história, cultura e identidade da nação chinesa e que promovem o amor à pátria e a Macau. Aproveitando a ocasião, falámos com o escultor local Wong Ka Long, criador da estátua que retrata o povo Maonan

Quando, em 2009, o escultor mais conceituado de Macau, Wong Ka Long, foi convidado a criar a obra em bronze que representa os Maonan, uma das 56 etnias da China representadas no Parque de Esculturas Étnicas Chinesas, o artista decidiu que só o poderia fazer deslocando-se às montanhas da província de Guangxi, onde vive o povo Maonan.

“Eu não tinha noções sobre esta etnia e queria ver as pessoas no local. Então perguntei ao meu irmão se ele queria ir a Guangxi comigo”, explicou o escultor em conversa com a MACAU. Ao irmão, Wong Ka Koi, médico, juntaram-se outros dois colegas, um médico e uma enfermeira. Finalmente, os quatro foram visitar a terra natal da etnia Maonan, em Janeiro de 2009, pela primeira vez, segundo conta o artista licenciado em Escultura e

Mestre em Educação Artística pela Academia de Belas Artes de Cantão, actualmente professor no Instituto Politécnico de Macau.

A força e o génio da obra agora visível no Jardim Comendador Ho Yin, no ZAPE, tiveram como ponto de partida o contacto e convívio directos com os habitantes do território Maonan. “A inspiração veio da minha observação no local e, especialmente, das conversas com a população da terra para conhecer os seus costumes. Eles falavam e eu ficava a prestar atenção à sua expressão facial durante a conversa, o que foi muito útil para depois poder esboçar a sua fisionomia”, conta o escultor, nascido em Macau em 1977.

Wong Ka Long é autor de, pelo menos, uma dezena de obras dispersas pela cidade, bem conhecidas dos residentes de Macau, como a estátua em bronze de Camões (1999)

no Jardim do Carmo, na Taipa; a representação de Matteo Ricci (2010), exposta junto às ruínas do antigo Colégio de São Paulo; a estátua de D. Bosco (2010), junto ao colégio que ostenta o seu nome, assim como a estátua do Professor Jao Tsung-I (2015), na academia com a mesma designação. Esculpiu também o busto dos poetas Camilo Pessanha e Fernando Pessoa. “The Wanderer”, ou “O Itinerante”, em que a figura do português Pessoa se multiplica pelos seus heterónimos, é uma das suas obras mais recentes, exposta em 2019.

As 56 esculturas étnicas em bronze ganharam uma nova vida desde que o Parque de Esculturas Étnicas Chinesas foi transferido da Taipa Grande para o Jardim Comendador Ho Yin, tendo aberto ao público há cerca de um ano. O Jardim Comendador Ho Yin, na continuidade do Parque Dr.



Carlos d'Assumpção, forma um corredor central rectangular e, além de local de passagem entre as duas faixas de trânsito que a alameda divide, é também lugar de passeio e de descanso, recanto para intervalos de almoço ou instantes de abstração e alheamento da agitação urbana.

O parque “é visitado por residentes, estudantes e alguns turistas, sendo que o número de visitantes tem evidenciado um aumento, devido à proximidade de residências e de várias atracções turísticas e à sua fácil acessibilidade”, indica o Instituto para os Assuntos

Municipais (IAM), entidade responsável por esta infraestrutura urbana. Além disso, a Galeria Comemorativa da Lei Básica de Macau organiza várias visitas e eventos ao longo do ano, principalmente com escolas, onde se inclui o passeio pelo parque das esculturas, ganhando estas maior visibilidade.

Itinerário patriótico

Instalado inicialmente no Parque Natural da Taipa Grande em 2009, o Parque de Esculturas Étnicas Chinesas foi deslocado pelo IAM em 2019, ano das comemora-

AS ESCULTURAS ÉTNICAS EM BRONZE GANHARAM UMA NOVA VIDA DESDE QUE O PARQUE DE ESCULTURAS ÉTNICAS CHINESAS FOI TRANSFERIDO DA TAIPA GRANDE PARA O JARDIM COMENDADOR HO YIN, TENDO ABERTO AO PÚBLICO HÁ CERCA DE UM ANO

ções do 70.º Aniversário da Implantação da República Popular da China (RPC), assim como do 20.º Aniversário do Estabelecimento da Região Administração Especial de Macau (RAEM). Esta mudança de local do Parque de Esculturas para o Jardim Comendador Ho Yin – inaugurado em 1993, em homenagem a Ho Yin, figura central entre as personalidades representativas do amor pela pátria e por Macau – revestiu-se assim de grande significado e simbolismo patriótico.

O político e diplomata Ho Yin (1908-1983), líder caris-



Etnia Achang, por Li Zhanyang



Etnia Bai, por Xie Liwen



Etnia Baoan, por Zhao Liping



Etnia Blang, por Yang Xiaohua



Entrada do Parque das Esculturas Étnicas Chinesas

mático da comunidade chinesa de Macau, foi uma das figuras políticas mais influentes do território na sua época. Destacou-se enquanto intermediário entre a República Popular da China e Portugal no período anterior ao estabelecimento das relações diplomáticas entre os dois Estados. Pai do primeiro Chefe do Executivo de Macau, Edmundo Ho, o comendador Ho Yin foi ainda membro da Assembleia Popular Nacional e deputado à Assembleia Legislativa de Macau.

É, pois, no prosseguimento da sua missão de “promover a educação cívica em Macau através de diferentes abordagens e actividades” que o IAM transferiu o Parque de Esculturas Étnicas Chinesas para o Jardim Comendador Ho Yin, “a fim de difundir o espírito da nação chinesa e de cultivar o amor pela pátria e por Macau”, explicou a entidade à MACAU.

O objectivo foi criar “um elo orgânico entre o Parque, o Pavilhão Comemorativo do Retorno de Macau à China, que se situa no jardim, a Galeria Comemorativa da Lei Básica de Macau e a Praça Flor de Lótus, um conjunto que faz desta uma área educativa importante, onde o público pode ficar a conhecer melhor a cultura étnica chinesa e estudar a Constituição da RPC e a Lei Básica da RAEM”, acrescenta o IAM. A transferência do Parque da Taipa para Macau teve o apoio “da Comissão Estatal dos Assuntos Étnicos da República Popular da China e respectivas instituições, tanto a nível do planeamento do parque, como da colocação das esculturas e da preparação de uma galeria de exposições”, explica a assessoria do IAM. O parque é gerido pela Divisão de Edu-

cação Cívica do Departamento dos Assuntos Culturais e Recreativos do IAM.

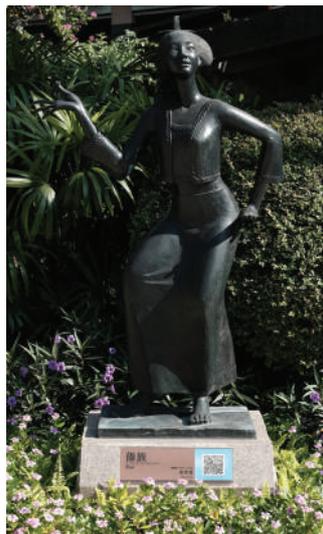
História e cultura da nação chinesa

Após a deslocação das 56 esculturas para o Jardim Comendador Ho Yin, o IAM incorporou gradualmente o parque na rota “Uma Passeata pelas Ruas de Macau: Conhecer Macau – Amor à Lei Básica de Macau”, bem como na rota de visitas guiadas da Galeria Comemorativa da Lei Básica de Macau, que inclui a própria galeria alusiva à Lei Básica, a Praça Flor de Lótus e o Parque de Esculturas Étnicas Chinesas. Porém, refere o IAM, “devido à pandemia causada pela Covid-19, suspenderam-se os serviços de visitas guiadas a partir de 24 de Janeiro deste ano, não havendo, por conseguinte, dados estatísticos relevantes”, relativamente ao número de visitantes. No entanto, antes disso, ao longo de 2019, a Galeria Comemorativa da Lei Básica de Macau, juntamente com a rota “Uma Passeata pelas Ruas de Macau – Conhecer Macau”, organizaram mais de 250 visitas guiadas.

Ainda segundo o IAM, o Parque de Esculturas Étnicas Chinesas é um local “que permite aos jovens de Macau conhecer melhor a história e a cultura únicas e o espírito de união da nação chinesa. A combinação orgânica do Parque de Esculturas Étnicas Chinesas com a Galeria Comemorativa da Lei Básica de Macau e a Praça Flor de Lótus permite dar a conhecer aos residentes as transformações históricas e o desenvolvimento político de Macau ao longo dos séculos, assim como o espírito da nação chinesa”. Isto



Etnia Coreanos, por Nie Yibin



Etnia Dai, por Zhou Simin



Etnia Dong, por Sun Quan



Etnia Hani, por Yang Meng

tudo, para que possam “compreender a prosperidade e a estabilidade de Macau proporcionadas pela tutela da Lei Básica e fortalecer o seu sentido de identidade para com a nação chinesa”, acrescenta a nota do IAM.

As obras expostas são esculturas criadas por 56 escultores de diferentes províncias e municípios da China, dando expressão à fisionomia e às especificidades da vida dos diferentes grupos étnicos chineses.

Filho de pintor, opta por escultura

História e cultura são matérias que sempre interessaram a Wong Ka Long, por isso, “foi fácil encontrar inspiração”, sendo que “os relacionamentos intensos entre diferentes culturas são a parte que mais me impressiona”, afirma. Não é para menos, afinal o artista nasceu e cresceu em Macau, ponto de encontro entre o Ocidente e o Oriente, local emblemático da comunhão de culturas,

sendo esta a base de muitos dos seus trabalhos.

Além disso, enquanto estudante universitário percorreu a antiga Rota da Seda, para absorver a história e cultura desse percurso ancestral. Há outros tópicos em relação aos quais o artista confessa querer perceber melhor antes de poder abordá-los na sua arte. Como a fome, a pobreza ou a guerra, preocupações globais que eram já tema das músicas da banda de rock de Hong Kong, “Beyond”, o grupo da década de 1980 que o influenciou bastante na sua adolescência, assim como a geração da sua época.

Inevitavelmente, o pai, o conceituado pintor, aquarelista, e professor de Belas Artes de Macau Wong Io Wa, acabou por influenciar o percurso do futuro artista, apesar de não o ter incentivado a prosseguir escultura. Na infância, os utensílios de pintura que o pai usava eram os seus brinquedos, conta à MACAU. Foi com o apoio táci-

to do progenitor que cresceu sem que ninguém o repreendesse quando começou a rabiscar e desenhar nas paredes, mesas e livros. Foi a altura oportuna para o futuro escultor ter acesso a todos aqueles apetrechos de pintura. Contudo, seria só no ensino secundário que o jovem começaria a aprender de forma mais séria com o pai, que era “muito exigente” com as técnicas de desenho. A ida da mãe, a enfermeira Fok Wai Lan, para Portugal, para desenvolver a sua actividade profissional, foi também a oportunidade do jovem viajar, pela primeira vez, até à Europa e ver de perto a arte ocidental, desde Lisboa a Veneza, vincando o sonho de prosseguir os estudos em artes.

“O meu pai significou muito para mim. Ele dizia que era mais fácil aprender desenho, aquarela ou pintura a óleo em Macau, excepto escultura. Isto porque naquela época não havia aprendizagem profissional de escultura em Macau.

AS OBRAS EXPOSTAS SÃO
ESCULTURAS CRIADAS POR 56
ESCULTORES DE DIFERENTES
PROVÍNCIAS
E MUNICÍPIOS DA CHINA, DANDO
EXPRESSÃO À FISIONOMIA
E ÀS ESPECIFICIDADES DA VIDA
DOS DIFERENTES GRUPOS
ÉTNICOS CHINESES



ESCUPTOR OBRA

| | |
|--------------------------|-------------|
| Wu Chunbin | ● Mongóis |
| Chen Yonghong | ● Manchu |
| Yin Xiaofeng | ● Ewenke |
| Huo Boyang | ● Hezhe |
| Dilimulati Tuerdi | ● Uygur |
| Wang Zhigang | ● Dongxiang |
| Yang Weiming | ● Du |
| Bao Haining | ● Xibe |
| Guo Baozhai | ● Uzbek |
| Zhao Liping | ● Baoan |
| Yang Meiyang | ● Tatarça |
| Zhu Shangxi | ● Miao |
| Tang Lijuan | ● Bouyei |
| Xie Liwen | ● Bai |
| Zhou Simin | ● Dai |
| Zhang Xiangyu | ● Wa |
| Yu Jingxue | ● Shui |
| Sun Jiabin | ● Jingpo |
| Yang Xiaohua | ● Blang |
| Li Zhanyang | ● Achang |
| Jiao Xingtao | ● Nu |
| Xiang Yi | ● Derung |
| Chen Yungang | ● Lhoba |
| Wang Peibo | ● Zhuang |
| Xiang Jinguo | ● Tujia |
| Shen Lieyi | ● She |
| Chen Gang | ● Mulao |
| Wei Erqiang | ● Jing |
| Nie Yibin | ● Coreanos |
| Chen Lianfu (Chen Laoda) | ● Daur |
| Lü Bin | ● Oroqen |
| Ma Qiang | ● Hui |
| Ye Fan (Ye Wenwu) | ● Cazaques |
| Wang Bin | ● Quirguiz |
| Wang Qiyue | ● Salar |
| Li Fujun | ● Tajik |
| Sun Yu | ● Russos |
| He E | ● Yugur |
| Sun Yi | ● Tibetanos |
| Chen Ke | ● Yi |
| Sun Quan | ● Dong |
| Yang Meng | ● Hani |
| Wang Hai | ● Lisu |
| Zhang Songtao | ● Lahu |
| Li Rihuang | ● Naxi |
| Xie Bin | ● Qiang |
| Yu Shihong | ● Gelao |
| Zhai Xiaoshi | ● Pumi |
| Shi Hai | ● Deang |
| Qiao Qian | ● Monpa |
| Liu Liqiang | ● Jino |
| Sun Shaoqun | ● Yao |
| Lin Gouyao | ● Li |
| Li Baolong | ● Gaoshan |
| Wong Ka Long | ● Maonan |
| Lü Pinchang | ● Han |

No entanto, eu adorava brincar e coleccionar modelos e brinquedos. Ter um profundo entendimento sobre os componentes tridimensionais ajudou-me a conhecer a figura humana em poses dinâmicas. Portanto, foi uma escolha natural estudar escultura.”

O chapéu de bambu dos Maonan

Wong Ka Long acredita que a sua participação na criação das obras que integram o Parque de Esculturas Étnicas Chinesas teve um impacto “muito positivo” na sua carreira, sobretudo pela oportuni-

dade de ver o seu trabalho lado a lado com grandes referências nas artes do Interior do País.

“Tive a sorte de participar nessa actividade com professores e artistas da Academia Nacional de Belas Artes. Eles já eram muito famosos quando eu era apenas estudante universitário. Não tenho a certeza se este evento realmente me deu alguma visibilidade e reconhecimento na China. Mas fiquei muito feliz por ver o nome do meu professor, Lin Guo Yao, da Academia de Belas Artes de Cantão, pois ele também é um dos participantes”. O professor Lin Guo Yao é um



Etnia Lahu, por Zhang Songtao

artista respeitado com obra conhecida, a quem coube esculpir a figura representativa da etnia Li, que habita, sobretudo, a província de Hainan.

Ao artista de Macau calhou na lotaria realizada na altura a etnia Maonan, povo criador de gado bovino e hábil no artesanato, como o entrançado em bambu, que habita as zonas montanhosas do município de Huanjiang, no noroeste da Região Autónoma de Zhuang de Guangxi.

“A imagem de marca da etnia Maonan são os seus chapéus de bambu floridos e uma longa faixa de pano amarrada à cintura. Eles também são conhecidos pelas suas actividades temáticas sempre que há um festival importante. Então, escolhi esses elementos como as características representativas da escultura. Como se pode observar na escultura, a rapariga está a tirar o chapéu e a puxá-lo para o lado. Ela parece que se prepara para descansar, mas eu coloquei-a como se estivesse numa postura de dança”, explica. Usados pelas mulheres para as proteger da chuva, os chapéus de bambu são caracterizados pelos padrões ricos, formatos originais e durabilidade. A habilidade no entrançado e tecelagem dos chapéus de bambu Maonan foi, inclusive, incluída na lista do Património Cultural Imaterial da UNESCO, em Maio de 2011.

O Parque de Esculturas Étnicas Chinesas está dividido em cinco áreas, estando as 56 obras dispostas de norte a sul, de acordo com a localização aproximada dos grupos étnicos no país. A partir destas figuras, da sua localização e da sua orientação no parque, os visitantes podem ficar a conhecer melhor as característi-

cas, a distribuição pelo país e a área onde habitam os vários grupos étnicos chineses.

Na base de cada escultura está disponível um código QR, cuja digitalização permite aos visitantes obter informações sobre o respectivo grupo étnico. Além disso, no Parque de Esculturas foi ainda criada uma galeria de exposições. Aqui são apresentados objectos e informações relacionados com os grupos étnicos para complementar as 56 esculturas e evidenciar, enfatiza o IAM, “o espírito de paz e harmonia da nação chinesa e as características dos grupos étnicos”. 



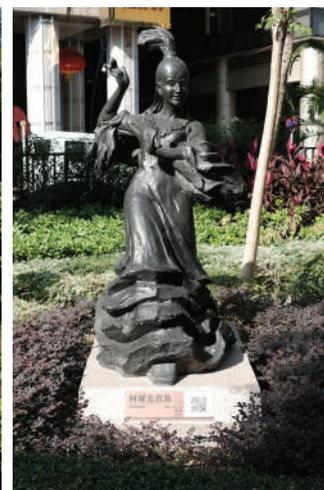
Etnia Lhoba, por Chen Yungang



Etnia Manchu, por Chen Yonghong



Etnia Pumi, por Zhai Xiaoshi



Etnia Qiang, por Xie Bin

O PARQUE FAZ PARTE DA ROTA “UMA PASSEATA PELAS RUAS DE MACAU: CONHECER MACAU – AMOR À LEI BÁSICA DE MACAU” E DO PERCURSO DE VISITAS GUIADAS À GALERIA COMEMORATIVA DA LEI BÁSICA DE MACAU, QUE INCLUI A PRÓPRIA GALERIA ALUSIVA À LEI BÁSICA, A PRAÇA FLOR DE LÓTUS E O PARQUE DE ESCULTURAS ÉTNICAS CHINESAS



Etnia Tujia, por Xiang Jinguo



Etnia Yao, por Sun Shaoqun

Guardiães da História

Preservar é palavra de ordem numa cidade que tem um património sem igual. À MACAU, o Instituto Cultural explica os desafios do processo de conservação histórica numa região onde tradição e modernidade coexistem

Caminhar pela parte histórica de Macau deixa a sensação de se estar num museu a céu aberto. A arquitectura dos espaços, monumentos e lugares põe em evidência que se percorre uma história que resulta da fusão de várias culturas e períodos. Essa marca é também a identidade de Macau, que o Instituto Cultural (IC) procura guardar.

Alexandre Lou, da Divisão da Salvaguarda do Património Cultural, explica que o trabalho de preservação do património é especialmente desafiante em Macau. “É uma cidade património da UNESCO e tem uma longa história. Ao mesmo tempo, temos de ter em conta que esses espaços não são só história, têm vida. As pessoas continuam a ir às igrejas e aos templos, por exemplo. Os espaços continuam a ser tradicionais e antigos, mas a vida e as necessidades das populações mudam constantemente. O nosso trabalho passa por encontrar o equilíbrio entre essas duas partes.”

Em resposta à MACAU, o Instituto Cultural explica que

para analisar o estado de cada edifício estabeleceu um mecanismo de monitorização e realiza inspecções frequentes. Intervém sempre que são identificados problemas que podem afectar a conservação do local, e informa o proprietário, caso se trate de um espaço privado.

O arquitecto Alexandre Lou detalha que o processo implica várias fases. Primeiro, a pesquisa e investigação. É fundamental mergulhar em documentos que expliquem o contexto do espaço. Tudo ajuda. Fotos, desenhos, planos urbanísticos e outros registos que permitam à equipa perceber as características e materiais que devem ser conservados para que o edifício continue a ser reflexo do período e cultura em que se insere. A visita ao local é o passo seguinte, etapa fundamental sempre, mas sobretudo quando não há documentos sobre o espaço.

Terminada a primeira fase – de pesquisa e investigação –, concebe-se o plano de restauro que tem sempre como ponto de partida a essência do local.

Finalmente, o concurso pú-







Alexandre Lou, da Divisão da Salvaguarda do Património Cultural

blico, obrigatório tendo em conta que é um serviço prestado para um organismo do Governo. Começa então a reconstrução, sob a avaliação e acompanhamento do IC, que garante que o construtor cumpre os critérios definidos pela equipa que estudou o edifício e definiu de que forma deve ser preservado.

Linha da frente

O processo de restauração e preservação é multifacetado. É por isso que fazem parte da Divisão de Salvaguarda do Património Cultural urbanistas, arquitectos, engenheiros, arqueólogos, historiadores e químicos, os últimos porque muitas vezes é preciso recolher

amostras que depois têm de ser analisadas, como explica o técnico superior do Departamento do Património Cultural. “É importante percebermos factores como de que material é feita a estrutura, que percentagem tem de cada material”, detalha Alexandre Lou. “Muitas vezes não tem de passar por todos. Normalmente, começa com um arquitecto e um engenheiro, aos quais se juntam outros profissionais se for necessário.”

Há quase uma década na equipa do IC responsável por manter o que vem de outros tempos, Lou relembra alguns projectos com especial carinho. Recorda o edifício que hoje alberga a Cinemateca

Paixão, o mais difícil de restaurar e, por isso, o mais desafiante também. O edifício de três andares na Travessa da Paixão serviu, inicialmente, de habitação e mais tarde de escola até ser convertido num cinema com outras áreas dedicadas à sétima arte, tendo no piso superior uma biblioteca e uma videoteca toda ligada ao cinema. Tem ainda um pequeno jardim nas traseiras, onde também estão as escadas que levam aos diferentes pisos. Quem olha de fora nunca diria que já não é uma casa. A fachada condiz com as restantes na pequena rua que vai dar às Ruínas de São Paulo, património mundial da UNESCO.

“ESTAMOS A DEIXAR
UMA MARCA NA HISTÓRIA
DESTES ESPAÇOS E ISSO
SIGNIFICA QUE ESTAMOS
A FAZER HISTÓRIA”

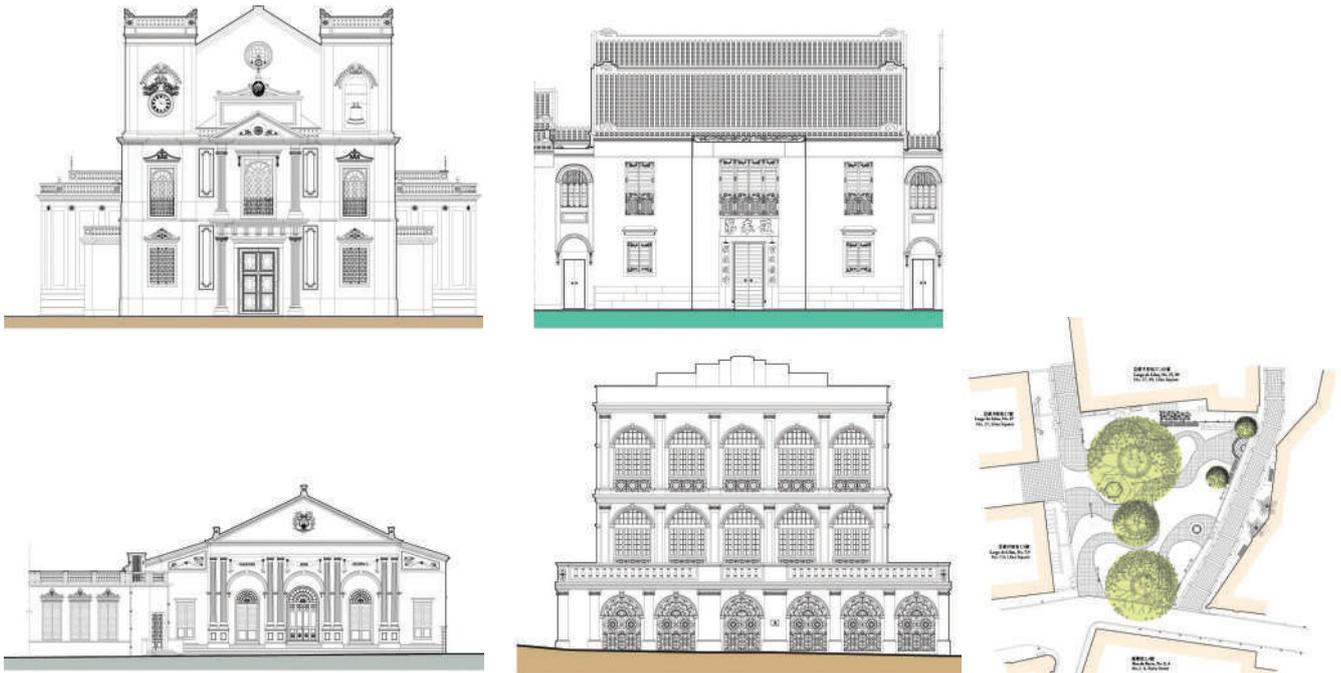
O edifício de três andares na Travessa da Paixão serviu, inicialmente, de habitação e mais tarde de escola até ser convertido num cinema - a Cinemateca Paixão -, tendo no piso superior uma biblioteca e uma videoteca toda ligada ao cinema. Tem ainda um pequeno jardim nas traseiras, onde também estão as escadas que levam aos diferentes pisos



“Um cinema exige condições específicas como uma área grande e um bom isolamento do som. Mas o edifício, originalmente dos anos 1940-1950, não foi desenhado com esse propósito. Era uma casa. Tivemos de alterar a estrutura, mas preservando-a. Foi muito desafiante o facto de conceber uma nova vida para o espaço sem estragar a anterior”, realça o arquitecto.

Partes da casa tiveram de ser destruídas ou profundamente alteradas, mas porque havia o objectivo de manter a estrutura principal, o uso de maquinaria na obra foi logo excluído. Foi tudo à mão. “Os materiais tinham de entrar pelas portas e janelas. Tam-





Desenhos das fachadas de edifícios históricos, nomeadamente Igreja de São Lourenço, Casa do Mandarim, Teatro D. Pedro V, Biblioteca Sir Robert Tung e, por fim, o projecto de recuperação do Largo do Lilau

-bém tivemos de ter em conta a área de interesse arqueológico que ali existe e que nos impedia de escolher certas opções. Tínhamos muitas limitações, foi muito desafiante. Tivemos de considerar as diferentes partes e assegurar-nos de que todos estavam satisfeitos.”

Assim que termina de falar sobre a Cinemateca, logo lhe vem outro projecto à memória. Entre os papéis que trazia na pasta, mostra os que detalham a recuperação da Fortaleza do Monte, trabalho terminado em Junho deste ano com um propósito distinto:

em vez da reutilização do espaço, o objectivo era a preservação ao máximo do original.

“Tivemos de analisar o problema nas paredes, tirámos amostras, identificámos os diferentes buracos e os vários processos de restauração. Tivemos de fazer parte a parte porque o material usado não foi sempre o mesmo, nem o original. Reconstruímos a superfície, mas procurámos minimizar ao máximo a nossa intervenção. Se deitamos tudo abaixo e reconstruímos de novo, já não será a Fortaleza do Monte, será um outro edifício.”

“TEMOS DE TER EM CONTA QUE ESSES ESPAÇOS NÃO SÃO SÓ HISTÓRIA, TÊM VIDA”

Imprevistos

O trabalho é quase sempre meticuloso, mas nem sempre duradouro. Adversidades às vezes bastam para deitar por água abaixo o tempo e investimento de cada restauração. “Temos tufões todos os anos e alguns são bastantes severos. Investimos muito no trabalho de restauração. Os edifícios são feitos para resistir às condições climáticas, mas o clima está cada vez pior e deparamo-nos com o dilema de reconstruir com base no original mas tendo em conta o que acontecerá, porque no ano seguinte poderá aparecer ou-

OBRA FEITA

Em 2019, o IC realizou duas inspeções gerais à segurança de cerca de 600 edifícios históricos, incluindo 62 monumentos, 49 edifícios de interesse arquitectónico, 11 conjuntos e 25 sítios. Em resposta à MACAU, o organismo acrescenta que também foram feitas 128 inspeções de segurança contra incêndios em 43 templos, e 104 fiscalizações em conjunto com a Direcção dos Serviços de Solos, Obras Públicas e Transportes.

O IC realça que, no ano passado, levou a cabo perto de 30 obras de recuperação. Entre as quais destaca a manutenção das paredes exteriores do Farol da Guia e Capela de Nossa Senhora das Neves, da Santa Casa da Misericórdia e do Templo de Pak Tai, de restauro do Teatro Dom Pedro V e do muro de retenção da Calçada do Teatro, assim como das paredes da Igreja de São Domingos e da muralha do lado oriental da Fortaleza do Monte.



O edifício da Cinemateca Paixão, originalmente dos anos 1940-1950, foi construído para servir de uma casa. Por isso, a estrutura foi alterada, mas muito foi preservado

tro tufão que pode destruir o tecto, as janelas ou as portas. É um trabalho constante”, diz.

Apesar dos obstáculos, Alexandre Lou descreve com orgulho o que faz: “É um desafio e eu gosto disso”. Antes de integrar a equipa do IC, trabalhava num escritório de arquitectura onde concebia projectos de raiz, como centros comerciais e outros edifícios modernos e novos. O oposto do que faz agora, em que o passado é a chave para o sucesso. “É muito mais difícil.”

“É muito importante o que fazemos, porque estamos a deixar uma marca na história

destes espaços e isso significa que estamos a fazer história. Temos de nos assegurar, que depois de nós, outras gerações podem continuar por causa e a partir do que fizemos. Se não o fizermos, a história desaparece e isso conduz-me novamente à parte do desafio que falava inicialmente. Muitas vezes não temos documentos nos quais nos podemos sustentar, que nos permitam perceber o antes, o original. Isso dificulta tudo. O nosso trabalho também é esse: deixar um registo. É o que vai permitir que o espaço continue como é.” **M**



電影院座位





MÚSICA RITUAL TAOISTA

Preservar a singularidade de Macau

É uma das 55 novas tradições culturais que passou a fazer parte do património intangível de Macau, alargado pelo Instituto Cultural em Julho. A música taoista, elemento fundamental das cerimónias taoistas, foi desaparecendo com o desenvolvimento da cidade. O objectivo é inverter a tendência. A presença de mais de 200 anos no território fez com que aqui surgisse um estilo próprio

A música ritual taoista é um dos elementos indispensáveis nas cerimónias taoistas. O documento sobre a tradição do Instituto Cultural (IC) refere que a música remonta ao período das Dinastias do Norte e do Sul (420-589), conhecendo maior desenvolvimento nas dinastias Song (960-1279) e Yuan (1279-1368). Foi então que se afirmaram as duas grandes escolas que estão na base da manifestação cultural: a Zhengyi e a Quanzhen.

Em Macau, apareceu e enraizou-se pela mão dos sacerdotes taoistas casados da Escola Zhengyi, que migraram da província de Guangdong para Macau em finais da Dinastia Qing (1644-1912) e inícios da instauração da República. No princípio do século XX, também a Escola Quanzhen da Província de Guangdong – a grande referência além da Escola Zhengyi – se instala na região.

Foi nas décadas de 1940 a 1960, contudo, que a presença de ambas as escolas e o ritual ganharam força, coincidindo com o período de prosperidade na indústria de pesca em Macau. Os casamentos, funerais, a construção de novos barcos, assim como a celebração de festividades, como o Festival dos Espíritos Esfomeados (15.º dia da 7.ª Lua), eram frequentes, o que fez com que a tradição se enraizasse.

As cerimónias religiosas, que tinham lugar em terra e no mar, eram realizadas por sacerdotes taoistas casados. Dados do Instituto Cultural indicam que, na altura, havia 28 mosteiros taoistas da Escola Zhengyi, onde viviam cerca de 40 a 50 sacerdotes. Após a década de 1960, e com o de-



envolvimento económico do território, as cerimónias religiosas tradicionais foram perdendo peso. As taoistas, assim como a música que as acompanha, não escaparam ao declínio da tradição.

De geração em geração

É com o intuito de inverter a tendência de desaparecimento que o Instituto Cultural incluiu a música ritual taoista na lista de Património Intangível de Macau, do qual agora fazem parte mais 55 novas manifestações culturais perfazendo um total de 70.

Num comunicado emitido na altura, em Julho, o IC referia que a decisão pretende “reforçar a salvaguarda do património cultural intangi-

ESTE FENÓMENO DE INTEGRAÇÃO É ÚNICO E BASTANTE RARO MESMO NOUTROS LOCAIS. A PRESENÇA DAS DUAS ESCOLAS E A IMERSÃO NA REALIDADE LOCAL ACABOU POR RESULTAR NO APARECIMENTO DE UMA MÚSICA RELIGIOSA COM CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS

vel de Macau” e “identificar as manifestações deste património que requerem conservação”. A nova lista resultou de estudos do IC e também de propostas das comunidades locais e a título individual.

A família Ng tem levado a tarefa de preservar a música taoista a sério há décadas com uma ligação ao ritual que já dura há cinco gerações. “A única maneira de evitar que a tradição desapareça é assim, de pai para filhos. O meu pai fez isso comigo e eu agora estou a fazê-lo com o meu filho. A transmissão da tradição entre gerações é muito importante, porque até há bem pouco tempo não havia materiais, como livros, nos quais se pudessem encontrar registos sobre a mú-

sica e se pudesse aprender “, explica Ng Peng Chi.

O presidente da Associação Taoista de Macau, actualmente o único grupo na região que se dedica à tradição, realça que os rituais taoistas são regras e procedimentos que se devem cumprir nas cerimónias religiosas, sendo a música uma componente indispensável.

De acordo com as descrições de Ng e do Instituto Cultural, o estilo difere em função das escolas: a da Zhengyi, de cariz ligeiro e animado, destaca-se pelo forte cunho regional e popular; e a da Quanzhen é mais profunda, contida, refinada e solene.

Em Macau, os rituais taoistas combinam características de ambas as escolas. “Este fenómeno de integração é único e bastante raro mesmo noutros locais. A presença das duas escolas e a imersão na realidade local acabou por resultar no aparecimento de uma música religiosa com características próprias”, sublinha o músico.

O Dharma – instrumento de percussão – é um dos elementos distintivos da música taoista de Macau, que apesar da componente identitária forte acaba por ir beber à da província de Guangdong. “A herança é clara e respeitada com rigor, é transmitida há mais de 200 anos.”

Ainda assim, Ng lamenta que a tradição tenha começado a decair nas últimas décadas, assim como o número de sacerdotes, principais responsáveis por transmitir o ritual. A oralidade era o meio que usavam para ensinar os aprendizes, não havendo registos. É por isso, defende Ng, que há o risco que a tradição desapareça e porque é tão urgente o trabalho de levantamento e anotação que a associação tem levado a cabo. “Um exemplo desse esforço que temos estado a fazer é este livro”, refere, apontando para *Música Ritual Taoista de Macau*, publicado pela associação em 2009. “É um trabalho

muito importante porque explicamos exactamente como se compõe e toca esta música. É um projecto muito ambicioso. Já temos dois livros. O projecto já dura há quatro anos”, detalha.

Em 2011, a Música Ritual Taoista de Macau foi inscrita no terceiro lote da Lista Nacional de Manifestações Representativas do Património Cultural Intangível da China. Três anos depois, em 2014, Ng Peng Chi foi reconhecido como transmissor da arte no contexto do quarto lote de Itens Representativos do Património Cultural Intangível a Nível Nacional.

Ng sublinha que desde que a Associação Taoista de Macau foi criada, em 2001, se tem feito uma série de acções para preservar a música e volta a reforçar o significado do trabalho de anotação que tem feito com o professor e especialista em música taoista Wang Zhongren. “Juntos, anotámos todas as canções taoistas que foram sendo transmitidas ao longo de quatro gerações da minha família. Já gravámos mais de 500”, refere, orgulhoso.

A associação também criou a Orquestra Taoista de Macau em 2008, e organiza cursos de aprendizagem de instrumentos musicais, como a erhu, a pipa e o guzheng (cítara chinesa). Em 2014, celebrou um acordo de cooperação com a Escola para Filhos e Irmãos dos Operários que visa um programa de formação dos alunos.

Instrutores da Orquestra da associação vão a este e outros estabelecimentos de ensino com o intuito de ensinar a música e assim garantir que a tradição sobrevive. À MACAU, Ng explica que, tanto nas au-

A TRANSMISSÃO DA TRADIÇÃO ENTRE GERAÇÕES É MUITO IMPORTANTE PORQUE ATÉ HÁ BEM POUCO TEMPO NÃO HAVIA MATERIAIS, COMO LIVROS, NOS QUAIS SE PUDESSEM ENCONTRAR REGISTOS SOBRE A MÚSICA E SE PUDESSE APRENDER



Tanto na Escola Zhengyi como na Escola Quanzhen, a música desempenha um papel muito importante nas cerimónias taoistas



A récita de escrituras taoistas é geralmente acompanhada por instrumentos de percussão



Sacerdotes taoistas casados da Escola Zhengyi em Macau realizam uma cerimónia taoista num barco de pesca





As peças “shuaqu” são um tipo de qupai (melodia fixa) geralmente tocada no início ou no final de uma cerimónia religiosa, com vista a motivar o envolvimento do público

las que dá na sede da associação como nas escolas, procura seleccionar os estudantes com mais talento para resgatar novos membros para o grupo.

Para dar mais exemplos do trabalho de divulgação que tem feito, Ng refere os muitos concertos e espectáculos que já protagonizou, como no Museu de Macau, no Jardim Lou Lim Ioc e a participação no “Desfile por Macau, Cidade Latina”.

Acrescenta as viagens como à província de Henan, Taipé e Singapura, além de palestras e exposições que foram organizadas tendo a música taois-

ta como tema. Chama atenção para o trabalho que se tem feito para desenvolver a tradição e inová-la, integrando-a, por exemplo, em novos contextos além do original, as cerimónias litúrgicas; procurando a fusão entre a música, a dança e o canto; e a cooperação com outros grupos artísticos. “Além de ensinar crianças, a forma que arranjei de divulgar e fazer com que a tradição sobreviva foi associar a música taoista a outras manifestações e contextos artísticos, por exemplo já foi usada em concertos de *ballet*”, exemplifica. Licenciado em Química,

pela Universidade Baptista de Hong Kong, e funcionário público, Ng Peng Chi diz que a música taoista é apenas um *hobby*, mas um *hobby* que leva muito a sério. “Sinto que é minha responsabilidade passar a tradição e, por isso, é tão importante ir ensinando. Tento sempre passar essa mensagem aos meus alunos, a importância de transmitir a tradição às futuras gerações.”

Características

A música ritual taoista – que combina canto, dança e música – foi desde a sua origem um veículo para transmitir textos canónicos taoistas, ponto fulcral neste estilo. Um texto do Instituto Cultural sobre a presença da tradição em Macau explica que a parte instrumental consiste sobretudo numa *qupai* (melodia fixa), geralmente interpretada no início e no final das cerimónias, e nos momentos de transição entre rituais. Também acompanha alguns procedimentos e gestos litúrgicos, com o objectivo de criar um ambiente solene.

A música ritual taoista de Macau reúne vários elementos da antiga música imperial chinesa, da música de intelectuais chineses e da música folclórica chinesa, sendo parte integrante da música tradicional da China.

Foi introduzida em Macau a partir da província de Guangdong no início do século XX,

A MÚSICA TAOISTA REMONTA AO PERÍODO DAS DINASTIAS DO NORTE E DO SUL (420-589), CONHECENDO MAIOR DESENVOLVIMENTO NAS DINASTIAS SONG (960-1279) E YUAN (1279-1368)

Muyu (peixe de madeira)



Sino



Tambor



Muyu (peixe de madeira)





resistindo aos acontecimentos e mudanças históricas que foram tendo lugar. Os sacerdotes tiveram um papel determinante para que persistisse e ainda hoje seja um ritual em Macau. Um dos factores fulcrais foi terem conseguido que a Escola Zhengyi fosse integrada na Escola Quanzhen. “Contribuindo assim para a coexistência harmoniosa en-

tre ambas as facções e para o desenvolvimento de um género de música ritual muito rico e verdadeiramente único, no limiar entre o estilo popular e um estilo mais refinado. Actualmente, Macau é um dos locais onde a música ritual taoista das Escolas Zhengyi e Quanzhen de Lingnan se encontra mais bem preservada”, sublinha o Instituto Cultural.

Com mais de cinco séculos, a música ritual taoista caracteriza-se por uma grande variedade estilística. Macau é prova disso, onde a remota presença fez com que absorvesse características locais e elementos das escolas Zhengyi e Quanzhen, e assim surgisse uma música original distinta das músicas taoistas de outras zonas. 

Yingqing (sino)



Chao (cimbalos)



Dong (prato)



Caderno de notação



MAXIM BESSMERTNY

O homem da câmara

Os filmes que os avós lhe traziam da antiga União Soviética para que não perdesse a ligação ao russo foram o primeiro contacto com o cinema. O pai ajudou a que despertasse para a sétima arte com os as obras de Charlie Chaplin, Sergei M. Eisenstein e de outros realizadores incontornáveis que lhe preencheram a infância. Maxim Bessmertny não é dos que cresceu a dizer que queria ser realizador. Admite, aliás, ter andado um pouco perdido até que percebesse que o cinema era o rumo. Hoje não vive só dos filmes, lamenta, mas vive essencialmente para fazer filmes. Tudo o resto são meios para um fim: o cinema

Texto | Catarina Brites Soares

Foto | Gonçalo Lobo Pinheiro

Maxim Bessmertny nasceu a 24 de Dezembro de 1988, em Vladivostok, na antiga União Soviética, mas desde os quatro anos que vive em Macau, cidade para onde a família – o pai pintor e escultor, e a mãe pianista – se mudou em 1993. Foi aqui que cresceu, vive e o cenário que escolheu para grande parte da filmografia.

Produtor, argumentista e realizador – fluente em português, inglês e russo – diz que a parte que mais aprecia do processo é quando o filme chega à tela e a audiência reage. “Fazemos cinema para nós, mas também para comunicarmos com o outro, é como uma lente que usamos para primeiro observar e depois transmitir um ponto-de-vista. Ainda estou numa fase inicial e a descobrir de como pode ser o cinema sustentável. Esse é o grande desafio.”

Com mais de uma dezena de projectos finalizados, adianta que já tem mais a caminho. Escusa-se a adiantar detalhes por estarem ainda numa fase embrionária e opta por falar dos últimos: “Dirty Laundry” (2019) e “The Handover” (2020).

“Dirty Laundry” foi um dos títulos escolhidos para ser exibido no festival de cinema online “WeAreOne – A Global Film Festival”, com produção e organização da Tribeca Productions e do YouTube.

A curta fez parte da série “Years of Macao”, exibida na secção de Apresentações Especiais para o 20.º Aniversário da RAEM do Festival Internacional de Cinema de Macau (IFFAM, na sigla inglesa), em 2019. A produção a cargo da jovem realizadora local Tracy Choi, que compilou

trabalhos de vários realizadores, venceu o prémio Cinephilia Critics do evento.

“The Handover” estreou em Maio, na Cinemateca Paixão, por ocasião da abertura do Festival Panorama do Cinema de Macau 2020. O filme conta a história humorística de um casal que corre contra o tempo para mudar de apartamento e devolver as chaves ao senhorio a horas.

A produção da curta-metragem de 25 minutos, a mais longa que realizou até hoje, levou cerca de um ano. Quatro meses para apresentar a proposta ao júri de ‘Macau – O Poder do Cinema Local’, o tempo do guião de 27 páginas, quatro dias de filmagens e cerca de três semanas de edição.

O argumento foi escrito por Maxim e Jorge Cordeiro dos Santos, e relata uma série de percalços em ritmo acelerado com o casal a tentar resolver tudo dentro do prazo, acabando por se dispersar frequentemente com questões não relacionadas com a mudança.

A sucessão de incidentes, que vão alternando entre a história de um e do outro ao longo do filme, bebeu do antigo cinema italiano das décadas de 1950 e 1960, e da conhecida como ‘Commedia all’italiana’. Fervoroso admirador do cinema italiano, destaca os realizadores Federico Fellini, de quem ressalta “Os Inúteis”, de 1953, e Michelangelo Antonioni. “Sou um enorme fã de cinema italiano, sobretudo dos anos de 1930 e 1940. Foi uma fase fantástica.”

Estilo

Até hoje só realizou curtas-metragens por ainda não ter encontrado uma história que merecesse





“É MUITO DIFÍCIL VIVER SÓ DO CINEMA. ACUMULAMOS SEMPRE OUTROS TRABALHOS. GANHA-SE MUITO POUCO COM ESTA INDÚSTRIA”

mais. Refere que o cinema e a vida se misturam, e como um acaba por levar ao outro, quanto mais se vive mais haverá para contar. “Portanto, não tenho pressa para fazer uma longa-metragem. Se vou exigir mais de uma hora do tempo de uma pessoa, é melhor que tenha algo importante para lhe dizer”, brinca.

A ficção também tem sido o registo mais recorrente ainda que já tenha realizado dois documentários – “What’s Your Art” (2017), um mini-documentário dedicado a personagens excêntricos residentes em Macau; e “The Douro Boys: Winter” (2019) sobre cinco produtores de vinho portugueses.

Apesar do estilo ficcional ser mais proeminente, Maxim rejeita gavetas já que, explica, acabam sempre por ser simplistas. “No fundo, tudo são narrativas, formas de contar uma história. Um documentário também tem um ponto-de-vista, uma mensagem, um tema. Nunca é a repetição fiel da realidade. Se prefiro a ficção? Sim, é talvez o registo em que desfruto mais.”

As ideias vai buscá-las ao dia-a-dia, ao que ouve e vê, confirmando mais uma vez o que já tinha dito: vida e ficção confundem-se. “Às vezes, basta uma história que ouvimos ou um objecto que vemos.” O formato, confessa, também ajuda, já que uma curta é assim conhecida precisamente por ter pouco tempo. “Estamos literalmente a contar um poema.”

A maturidade fez com que ganhasse confiança e fosse dando cada vez mais atenção ao argumento, à estrutura do guião e aos personagens, que resultou em histórias mais trabalhadas. “No início, experimentava muito.”

Como exemplo, refere “Death of a Parrot” (2017) dedicado ao avô, que é também o protagonista. “Foi outro exercício. Tinha um orçamento muito reduzido, como acontece, aliás, na maioria dos meus filmes. Queria explorar o conceito de assassini. É um filme mudo, a preto e branco. Gosto muito da parte surrealista do cinema.”

Para a história – o segundo filme mudo do realizador – Bessmertny inspirou-se no romance

“Baudolino”, de Umberto Eco, em que um assassino é contratado por causa do vício do ópio.

No filme do jovem cineasta local, “um guloso viciado em uvas”, representado por Kelsey Wilhelm – amigo e actor recorrente nos seus filmes –, é barrado de entrar no jardim das delícias e só poderá regressar se fizer um favor ao administrador do lugar, personificado pelo avô Nikolai, na altura com 71 anos. A banda sonora, também da autoria de Kelsey Wilhelm, mistura excertos sinfonia n.º 3 de Gustav Mahler.

“Esta é a minha fase inicial. Mais tarde descobri a importância e a beleza de contar uma boa história, e foi quando realizei ‘The Great Debt.’”

Nas filmagens filmou com uma objectiva grande-angular Kípnótik, usada pela primeira vez na década de 1960 pelo realizador russo Mikhail Kalatozov, no filme “Soy Cuba”.

A história, de três minutos e que surgiu por causa de uma anedota que alguém lhe contou sobre a crise financeira na Grécia, gira em volta de uma única nota que paga a dívida de toda a gente e acaba nas mãos originais. “Nos tempos actuais, seria o que se chama de pacote de salvamento, já que cobre todas as dívidas. É uma curta de humor negro.” O filme volta a ser protagonizado por Nikolai Kramarev e Vera Kramarev, os avós maternos, repetindo uma solução que acabou por se tornar uma marca no trabalho do artista.

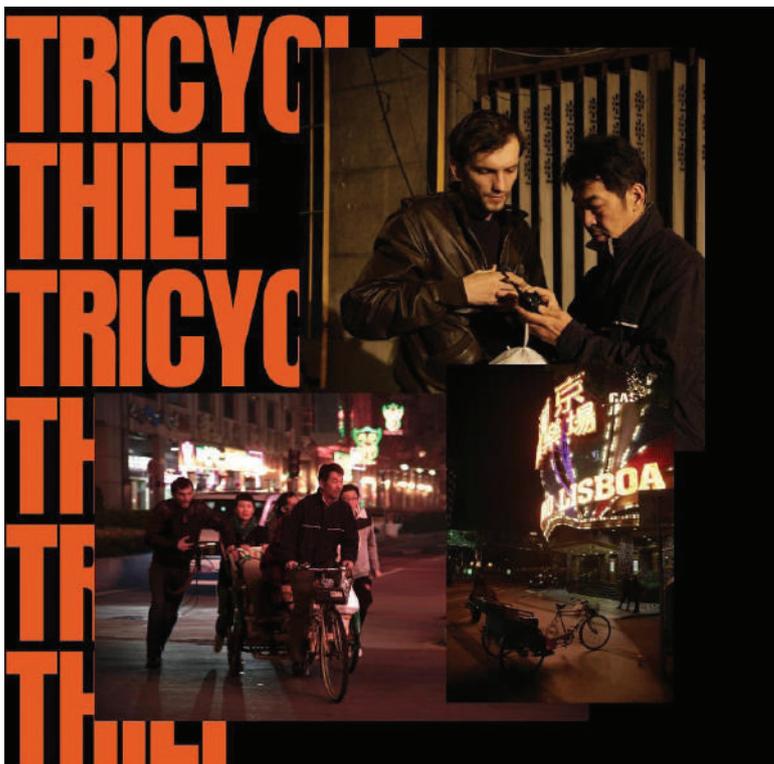
Recorrer a actores não profissionais é outro dos traços da filmografia de Maxim Bessmertny, que convida quase sempre amigos, familiares e conhecidos, além do elenco que recruta em castings. “Li recentemente que nunca se deve fazer filmes com amigos e família. Discordo completamente. Não há tempo numa curta. Temos de ir buscar toda a gente que conhecemos. Depois treinamos, treinamos, treinamos até se chegar ao ponto desejável. O casting acaba por ser uma ajuda. Participa muita gente que gosta de cinema e dá para perceber quem é mais adequado para cada situação.”

Ainda que goste do desafio, assume que acaba por ser uma solução para as limitações de orçamento – nunca avultado – e de Macau. “É a alternativa quando se vive numa cidade onde a indústria não tem uma dimensão significativa.”

Até agora, tem resultado. Ajudou a prática que ganhou enquanto trabalhou num resort da cidade, para o qual foi contratado para realizar os vídeos da empresa que tinham como actores os funcionários do empreendimento.

O início

Foi também com esta experiência que a vontade



de contar histórias através da imagem começou a ganhar peso e que Maxim passou a encarar o cinema de forma mais séria. Em vez de se limitar a cumprir o previsto, procurava escrever pequenos guiões mais criativos. “Por exemplo, uma versão Tarantino de um vídeo anti-tabaco.”

Recorda que foi quando começou a ver muitos filmes, numa média de um por dia, e foi assim que percorreu a história do cinema desde os anos 1920 até à actualidade. “Quería aprender tudo. Fui muito autodidacta. Foi um período muito importante porque me deu confiança. Tinha de trabalhar com os recursos humanos da empresa, eram 7000 trabalhadores, e tinha de os seleccionar, treinar, dizer-lhes o que tinham de fazer, como se comportar e expressar. Agora que olho para trás, não gosto da edição e filmagem que fazia, mas foi uma experiência muito importante.”

Aos fins-de-semana, costumava pedir a câmara emprestada para filmar projectos próprios e assim realiza a primeira curta-metragem. “Live” (2011) marca a estreia mais profissional de Maxim e é com a curta que concorre ao Rush48, um festival de curtas-metragens organizado pelo Instituto Cultural de Macau, no qual voltaria a participar no ano seguinte, com “Jog”.

Também em 2012, decide que era hora de investir em formação. Escolhe um mestrado em Produção de Cinema, na Tisch School of the Arts, escola satélite em Singapura da Universidade de Nova Iorque. “Cresci muito nesses anos com tudo o que fui aprendendo e fazendo: desde videocliques, publicidade, cinema, documentários. Encontrei a minha identidade nos mais variados géneros.”

Não esconde a nostalgia quando relembra os anos de formação em Singapura, período em que viveu dos momentos mais marcantes da carreira quando ainda dava os primeiros passos. “Foi o meu primeiro grande momento.”

“Tricycle Thief” (2014) – que produziu, escreveu e dirigiu – teve estreia mundial no Festival Internacional de Cinema de Toronto e foi a primeira curta de Macau a marcar presença naquela que é uma das competições mais importantes ao nível mundial. Ganhou o ‘Gold Award’ para a melhor curta-metragem no Programa de Bolsas para Estudantes da Kodak de 2015, e foi exibido

“FAZER CINEMA EM MACAU É MUITO MAIS INTERESSANTE E ACABA POR SER MUITO MAIS DESAFIANTE DO QUE OUTROS LOCAIS ONDE SECTOR JÁ ESTÁ MUITO MAIS DESENVOLVIDO”





em Macau, Hong Kong e no Médio Oriente. “Foi a primeira vez que tive uma experiência profissional na indústria. Foi espectacular.”

A curta de 18 minutos conta a história de um condutor de riquexós que embarca numa busca desesperada por dinheiro. O filme mostra a Macau nocturna, de cores saturadas, ruas escuras, becos e letreiros de luzes de néon, explorada através de uma viagem guiada pelo protagonista.

De seguida, fala de “Sampan” (2017) outro orgulho e o filme que apresentou como trabalho final de curso, que terminou em 2015, e que teve estreia mundial na cidade natal de Vladivostok, no Pacific Meridian International Film Festival, em Setembro de 2018.

Hoje lembra o desfecho com satisfação ainda que confesse que o percurso foi atribulado, desde logo porque o entusiasmo com o projecto esgotou-lhe as poupanças. “O filme passa-se num barco. Não sei onde estava com a cabeça. Era uma história simples que podia ter contado em qualquer lado e fui parar a uma ilha em Hong Kong, quando até o podia ter filmado em Macau. Não que me queira comparar ao Coppola, mas acabo por encontrar semelhanças com o que viveu quando decidiu filmar o ‘Apocalypse Now’ nas Filipinas, e arrastou o material e equipa para lá. É a minha experiência, mas com muito menos milhões. Tudo o que tinha poupado foi para este filme.”

Não bastando, acrescenta, decidiu gravar em 16mm, o que o obrigou a ir até Los Angeles para a pós-produção do filme, cidade onde já tinha feito os teste prévios da película, da câmara de filmar e das lentes. Motivações estéticas e práticas – o prémio Kodak Gold Award de 2015 valeu-lhe um patrocínio em película – decidiu avançar.

“Foi uma grande loucura e uma decisão um bocado surreal. Metade do orçamento foi assegurado por mim e foi uma insensatez.”

O filme – que partiu da obra de ficção de Ernest Hemingway “The Old Man and The Sea” (“O Velho e o Mar”), publicado em 1952 – relata a história de um pescador, um homem de negócios e a amante que ficam presos nas águas de Sai Kung, nos Novos Territórios, em Hong Kong.

A produção da curta, que contou com uma equipa de filmagens de 15 elementos, foi a mais complexa, garante o autor que teve de contornar e resolver os imprevistos que iam surgindo como os navios e barcos que apareciam em pano de fundo, o ruído e os diferentes cenários, e o tempo que oscilava entre chuva e trovões, sol e céu nublado.

A jornada diária de gravação começava às seis da manhã e terminava às seis da tarde para que

cumprisse os prazos que tinha delineado. Valeu-lhe a sorte de uma das grandes casas de aluguer de equipamento cinematográfico nos Estados Unidos ter aceitado ajudar a equipa emprestando uma câmara “Arri 416”, a melhor de 16mm, usada em vários filmes e séries emblemáticas como “The Black Swan” e “The Walking Dead”. A empresa norte-americana também disponibilizou, a baixo custo, as lentes anamórficas, que permitem criar imagens amplas, wide-screen, usadas nos anos 1950.

Hoje mantém que é importante investir, mas, ressalva, “com prudência”. Acabou por encontrar o equilíbrio. Ser freelancer foi a solução para garantir um meio de subsistência e, ao mesmo tempo, disponibilidade e financiamento para o cinema.

A produtora Pontus Maximus Productions, que fundou em 2013, realiza conteúdos audiovisuais, como documentários, vídeos corporativos e publicitários, além dos filmes independentes, e é esse trabalho que lhe assegura o ganha-pão

que precisa para o cinema.

“É muito difícil viver só do cinema. Acumulamos sempre outros trabalhos. Ganha-se muito pouco com esta indústria. É assim com a arte em geral. Nestas áreas, temos mesmo de ser criativos. É bom conseguir fazer filmes, mas no fim queremos ter a certeza que podemos fazer mais e não sentirmos a pressão de estar preocupados em garantir que comemos no dia seguinte.”

Um trabalho a tempo inteiro dar-lhe-ia mais segurança, assume, mas menos espaço para progredir. “A parte interessante é ir evoluindo, ir experimentando. Tento nunca pensar muito na questão do dinheiro porque é stressante. Só me preocupo quando o problema aparece. A verdade é que muitas vezes acabamos por conhecer as pessoas certas.”

Macau

Foi também por isso que foi ficando em Macau, onde cresceu e vive agora depois de outras pa-



ragens. “Acabou por acontecer”, diz, ainda que afaste a ideia de que é aqui que se fixou. “É tão antiquado esse conceito. Enquanto realizadores, acabamos sempre por ser um bocado ‘vagabundos’. Viajar leva-nos a novos filmes e os filmes obrigam-nos a viajar.”

Ainda assim assume que Macau é casa e é perfeito para se organizar e concretizar projectos já que, por ser pequena e com uma indústria pouco desenvolvida, tem menos barreiras e burocracias. “É mais fácil chegar às pessoas. É muito mais interessante e acaba por ser muito mais desafiante do que outros locais onde o sector já está muito mais desenvolvido. Imagino como foi estar em Los Angeles nos anos de 1930. Não estou com isto a dizer que quero ser um pioneiro do cinema, apenas que é desafiante trabalhar aqui porque a indústria está a dar os primeiros passos. Espero que se continue a experimentar porque assim que existem regras, começa a ser aborrecido, é como um trabalho das 9h00 às 17h00. A parte interessante de fazer um filme é que a cada novo projecto sentimos que começamos um novo trabalho. Desta vez vou vender uvas, depois champanhe, no próximo ano sou canalizador. Cada filme é uma novidade.”

Antes

Mas a história de Maxim não começa com o cinema. A tal fase perdida que falava no início levou-o por outros caminhos. Diz que era um reguila pouco dedicado à escola e que preferia ocupar o tempo com os amigos, a andar de skate e a aprontar. Estudou no D. Bosco e depois na Escola Comercial Pedro Nolasco. Aos 14 anos, porque sentiu ser importante aperfeiçoar o inglês e já com o Reino Unido no horizonte, decide com os pais rumar à Tailândia para estudar numa escola internacional britânica. É onde vive até aos 18, quando parte para Inglaterra para estudar Filosofia.

O curso e a cidade não foram as prioridades, mas alternativas, tendo em conta que as notas impediram que fosse aceite na maioria das universidades britânicas às quais concorreu. Entrou na de Leeds, cidade no norte do país onde confessa ter passado tempos deprimentes – sobretudo pelo contraste do calor a que vinha habituado do Sudeste Asiático com o frio característico do país –, mas também momentos marcantes que lhe mudaram a vida.

Foi aí que formou uma banda de música com quem tinha um clube de cinema. Tocavam heavy metal, bossa-nova, rock latino em bares e



“FAZER CINEMA JÁ É SUFICIENTEMENTE DESAFIANTE PARA ESTAR PREOCUPADO COM A QUESTÃO DE SER FILHO DE ALGUÉM COM NOME FEITO. É NO CINEMA QUE FOCO A MINHA ENERGIA”

viam filmes menos comerciais, como “Fight Club” e “Seven”. “Agora que penso, acho que só víamos David Fincher. Hoje não lhe chamaria um clube de cinema, mas um clube de blockbusters”, brinca.

A banda foi baptizada de “Liquidity” [Liquidez], por causa da crise financeira de 2008. “Era só notícias sobre o assunto, sobretudo na Europa, e nós tentávamos procurar um escape numa altura que foi muito triste.”

Já diz o ditado que “filho de peixe sabe nadar” e o desenlace, assume, não é surpreendente tendo em conta a família criativa em que cresceu. O pintor Konstantin Bessmertny, garante, nunca foi uma sombra, mas sim uma referência determinante no percurso. “É fabuloso ter um pai que é pintor. Os amigos brincam e dizem: ‘Ah, olha o pai do Maxim’. É a piada. É o que é. Fazer cinema já é suficientemente desafiante para estar preocupado com a questão de ser filho de alguém com nome feito. É no cinema que foco a minha energia.” 



EXPOSIÇÃO

He Duoling Pintura e ares da Primavera

São 50 desenhos e pinturas a óleo da autoria de He Duoling que vão habitar, até 21 de Março, o Museu de Arte de Macau. Uma exposição que sublinha a história da pintura a óleo chinesa por um pincel contemporâneo

Texto | Catarina Mesquita
Fotos | Museu de Arte de Macau

O Museu de Arte de Macau recebe até 21 de Março do próximo ano as obras de He Duoling. Através da selecção de 50 desenhos e pinturas a óleo, é possível caminhar pela exposição “Renascer à brisa a Primavera” e ficar a conhecer um percurso de mais de quatro décadas daquele que é um dos mais promissores artistas contemporâneos de pintura chinesa.

Ao longo da sua carreira, o pincel de He Duoling veio dar continuidade à forma de arte levada para a China pelo missionário italiano Matteo Ricci, a pintura a óleo, numa união entre Oriente e Ocidente. E a arte de He Duoling é resultado desta união feliz.

Segundo Yao Feng, curador desta exposição, “He Duoling realiza agora a sua exposição de arte (...) a fim de apresentar ao mundo o seu isomorfismo artístico, o qual justapõe técnicas ocidentais de pintura a

óleo com conceitos chineses, o que, certamente se reveste de um significado especial”.

Nesta mostra é possível apreciar obras realizadas ao longo do percurso do artista nascido em 1948, incluindo quadros mais recentes, como aqueles que He concretizou em 2019. “He mantém ainda a sua vitalidade jovem e apaixonada (...), aproximando-se do reino da beleza absoluta por meio de um incansável espírito explorador e inovador”, pode ler-se no prefácio da exposição.

He tornou-se conhecido pela obra “Os Ventos da Primavera Despertaram”, terminada em 1982 e cuja inspiração surgiu de uma interpretação da obra “Christina’s World”, do pintor realista americano Andrew Wyeth. De acordo com Yao Feng, foi esta a obra que marcou o rumo da carreira de He, “nomeadamente a representação da beleza através de uma linguagem artística

poética e lírica”. “Os Ventos da Primavera Despertaram” surgem na saída da China de um Inverno rigoroso e onde uma brisa de Primavera começava a despontar.

He Duoling nunca deixou as suas origens em Chengdu, mas a passagem pelos Estados Unidos, a visita a vários países da Europa e o contacto com os mestres ocidentais marcaram-lhe o passo nos finais dos anos de 1980.

He chegou a “arriscar mudar o seu estilo realista, no qual era tão proficiente, para começar a integrar a tradição da pintura chinesa de estilo livre (xieyi), bem como a incorporar influências literárias, musicais e arquitectónicas”, conta o curador da exposição.

O espólio de He Duoling patente até dia 21 de Março transpira a crença de que “a arte tradicional ocidental tende a resolver a questão das formas com uma abordagem visual racional e científica, por oposição aos pintores orientais, que advogam a representação livre de formas metafísicas sem preocupação com a semelhança física”, explica Yao Feng.

Nas obras de He é possível perceber que o artista prefere, “ao invés de uma apresentação completa e precisa do objecto com pinceladas meticulosas, uma complementação mútua entre a solidez e o vazio por meio de técnicas erráticas da pintura chinesa”.

“As figuras representadas por He são na sua maioria pessoas comuns da vida real, algumas das quais seus amigos ou familiares. No entanto, estas figuras transcendem a realidade mundana, uma vez que são elevadas ao reino da arte – são quem são, mas, por outro lado, deixam de o ser a partir do momento em que entram no contexto imaginativo do artista, evocando uma sensação de imprecisão misteriosa e uma qualidade metafórica e poética”, explica Yao Feng.

Nesta exposição é possível apreciar “Casa Sem Telhado”, entre outras obras de grande escala concluídas em 2019 e que demonstram a vontade do artista de continuar a criar mais utilizando técnicas subtis que compõem obras “simples e refinadas” como descreve o curador.

Até 21 de Março
Museu de Arte de Macau
Entrada Gratuita

NA AGENDA



MO2049 • “MO2049” apresenta uma série de imagens numa visão de Macau do futuro. Da autoria do artista e ilustrador português Ricardo Lima, a exposição apresenta trabalhos que têm como inspiração o mundo da ficção científica retratado em filmes como *Blade Runner* (1982), *Akira* (1988), *Total Recall* (1990), *Ghost in the Shell* (1995), *Fifth Element* (1997) e

Dredd (2012). Apesar de nunca ter visitado Macau, Lima inspirou-se na cidade para uma reflexão sobre a relação entre megacidades e natureza e de que forma os ciclos de mudança podem conduzir a um futuro maioritariamente antropogénico.

Taipa Village Art Space
Até 8 de Janeiro
Das 12h00 às 20h00



O Barbeiro • “O Barbeiro”, uma das mais icónicas peças de fantoches, chega ao parque municipal da Taipa pela mão da Casa de Portugal em Macau. Uma pequena tenda, vários fantoches e o poder da imaginação prometem fazer as alegrias de miúdos e graúdos numa celebração ao teatro de marionetas, Património Imaterial português.

Adro da Igreja de Nossa Senhora do Carmo
6, 13 e 20 de Dezembro
14h00, 15h30 e 17h00



As generais da família Yang • Uma das mais populares peças de ópera de Pequim sobe ao palco do Centro Cultural de Macau durante o mês de Dezembro. “As generais da família Yang”, interpretada pela Companhia Nacional Chinesa de Ópera de Pequim, conta a história de um tempo em que as mulheres militares assumiram a defesa da terra após a maioria dos homens ter morrido em combate. Por ocasião da celebração da transferência de soberania de Macau, a Companhia traz também “Um Casal Real”, uma peça inspirada num capítulo de Romance dos Três Reinos de Luo Guanzhong e que terá sido escrito no século XIV.

18 e 19 de Dezembro
19h30
Grande Auditório do Centro Cultural de Macau
MOP 100 a 200

Brincadeiras no

banho • A pensar nos bebés e nas crianças que começam agora a dar os primeiros passos, o espectáculo “Brincadeiras no Banho” promete grande interacção entre os mais pequenos e os pais. Porque o banho é um dos momentos mais importantes na vida dos mais pequeninos, a companhia de teatro local Meninos e Ratões traz marionetas, esponjas de banho, surpresas e muita diversão para uma exploração sensorial inspirada nas brincadeiras na banheira.



De 22 a 27 de Dezembro
11h00, 14h30 e 17h00
Centro Cultural de Macau
MOP 180-200

Dancersice • A bailarina e coreógrafa Alexis Kam convida os residentes de Macau a fazerem parte do seminário de improvisação corporal “Dancersice”, no qual a liberdade é o elemento principal. Imaginação e movimento aliam-se durante este *workshop* para que os participantes possam explorar as reacções instantâneas do

corpo a determinados estímulos, a força e o controlo, as mudanças e distorções possíveis num movimento contínuo e a intuição usada nos movimentos improvisados..

12, 14 e 16 de Dezembro
Das 7h15 às 21h00
White Space (Taipa)
MOP 600

Os traços do “património fisionómico”

São vários os rostos que ocupam as páginas de *Retratos de Luso-Asiáticos de Macau*, um trabalho de cerca de três anos pela lente de João Palla Martins e que surge agora em formato de livro para afirmar que existe um património também ele fisionómico

Texto | Catarina Mesquita



A diversidade cultural é indiscutível nas páginas de *Retratos de Luso-Asiáticos de Macau*. Como o título indica, as páginas deste livro, lançado em Outubro, são feitas de 70 fotografias da autoria de João Palla Martins, em que estão capturados rostos de luso-descendentes de Macau, herdados não só no território, mas também por outros lugares da Ásia.

“Existe um património fisionómico além do cultural, gastronómico, religioso, entre outros”, afirma João Palla inspirado pelos rostos resultantes de mais de 500 anos de cruzamento.

Para o arquitecto português, que divide a vida entre Portugal e Macau desde 1982, os retratos revelam a “mistura entre as culturas chinesa e portuguesa”. Ao longo das páginas deste livro é possível encontrar membros da mesma família estando assim representadas várias gerações – algo deliberadamente pensado por Palla. “Tenho pais, filhos e netos. Achei interessante colocar diferentes gerações juntas.”

O livro, com um texto trilingue, é uma

edição do Instituto Internacional de Macau e surgiu após Palla já ter exposto em Portugal e em Macau algumas das imagens que colecionou ao longo dos últimos três anos.

A ideia para este projecto surgiu em viagem, enquanto Palla passava por uma aldeia de luso-descendentes no Norte do Myanmar e a diferença na fisionomia se destacou. Para o arquitecto, os rostos resultantes desta mistura histórica “são muito interessantes e muito bonitos, sendo que a sua diferença mantém-se ao longo do tempo”.

Para esta obra, João Palla optou por só seleccionar os retratos dos luso-descendentes com ligações a Macau, mas a publicação das imagens recolhidas por outras paragens da Ásia – que já são mais de 500 – fica prometida para outras edições. “O projecto ainda não está terminado: tenho de viajar para outros destinos em falta como a Ilha das Flores, na Indonésia”, conta o arquitecto.

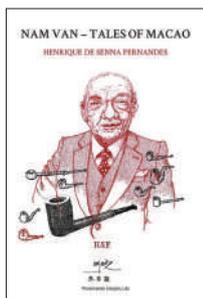
Apesar de ter no sangue a fotografia,

sendo neto do fotógrafo Victor Palla, conhecido pela obra *Lisboa, Cidade Triste e Alegre*, João Palla não se considera fotógrafo e lembra que “fotografar rostos foi uma aventura”, por isto considera esta obra resultado de vários desafios.



Retratos de Luso-Asiáticos de Macau
João Palla Martins
Instituto Internacional de Macau, 2020
MOP 120

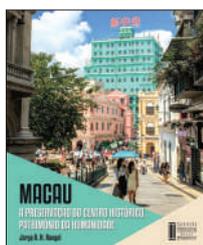
PARA LER



Nam Van: Tales of Macao

Henrique de Senna Fernandes | Praia Grande Edições | 2020

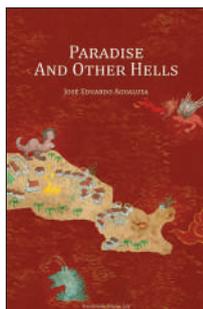
Publicadas originalmente em 1978 por Henrique de Senna Fernandes, as seis histórias que compõem este livro vêm agora nova luz. Uma edição comemorativa do aniversário daquele que foi um dos mais icónicos escritores de Macau e que descreve a cidade na primeira metade do século XX. Os textos são inspirados no rebuliço de “Nam Van” (em português, Praia Grande), aquele que foi, em tempos, o centro administrativo e social de Macau. A ilustração da capa é da autoria do arquitecto Carlos Marreiros.



Macau: A Preservação do Centro Histórico, Património da Humanidade

Jorge A. H. Rangel | Instituto Internacional de Macau | 2020

O Instituto Internacional de Macau lança agora uma nova edição do texto de Jorge A. H. Rangel publicado originalmente em 2016, na obra *China e os Países Lusófonos - Património Construído*. O autor foca este trabalho na identificação dos legados existente na China e dos países da lusofonia consagrados como Património da Humanidade.



Paradise and Other Hells

José Eduardo Agualusa | Praia Grande Edições | 2020

Da autoria do escritor angolano José Eduardo Agualusa e com forte sucesso em Portugal, *Paradise and Other Hells* reúne uma série de textos já publicados na imprensa ao longo da carreira do autor. As histórias atravessam tanto temas complexos como observações do autor das coisas simples da vida quotidiana: literatura, política, teorias sobre sonhos ou até mesmo o cabelo da sua filha são alguns dos exemplos. A capa é da autoria do artista Rui Rasquinho.



De Asas Bem Abertas

Susana Campos Esmeriz | 2020

Para sublinhar a importância que os professores e educadores têm na vida das crianças, Susana Campos Esmeriz lançou o livro infanto-juvenil *De Asas Bem Abertas*. A obra conta história de Martim – um menino cuja imaginação e energia ultrapassam as paredes da sala de aula – e D. Célia, a professora que vem mudar o rumo desta criança e de tantas outras.



Sétimo Céu

Vários autores | Rota das Letras | 2020

Lançado durante a edição de 2020 do Festival Literário de Macau – Rota das Letras, *Sétimo Céu* é uma colecção de poemas e textos da autoria dos escritores participantes da edição anterior deste festival. A obra trilingue reúne 19 poemas com temas muito diversos sob a mesma premissa: escrever Macau.

Praia da Areia Preta

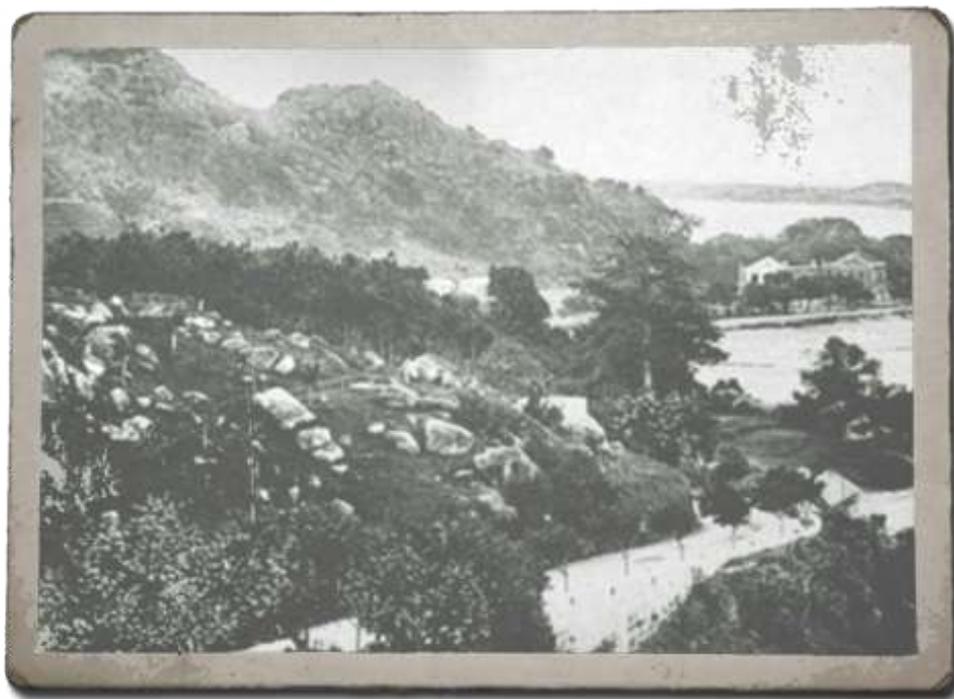


Foto | *Álbum Macau 1844-1974*, Fundação Oriente, 1989

A imagem tirada no início do século XX mostra uma paisagem que há muito desapareceu, dando lugar àquela que é uma das zonas mais populosas de Macau: o bairro da Areia Preta, no norte da península.

No topo da colina estava o forte de Mong Há rodeado de praias muito distantes do centro da Macau de então. Na sua obra *Curiosidades de Macau Antiga*, Luís Gonzaga Gomes descreve a Praia da Areia Preta como “um dos sítios outrora mais procurados pelos chineses pela razão da sua beleza”. Nas tardes de Verão, o areal da praia, incrustada numa pequena agra, enchia-se de famílias, que ali na água nadavam e refrescavam-se do tempo quente e húmido de Macau. “Frente à enseada, as escalvadas Nove Ilhas e a Lêng-Têng quebravam a monotonia do

extenso horizonte com as suas recortadas silhuetas, disfrutando-se assim da praia um admirável e inspirador cenário”, descreve ainda o historiador macaense. “Enterradas na praia, os recifes e os penhascos, brunidos e exalviçados pela ressaca das vagas, forneciam outra nota de graciosidade ao local já de si tão aprazivelmente encantador.” Naqueles tempos, aliás, toda a península de Macau encontrava-se orlada de praias. Entre as mais conhecidas e frequentadas constavam a Praia de Cacilhas, no sopé do Ramal dos Mouros, a Praia da Chácara de Leitão, na base da Colina da Guia mais à mão e de fácil acesso, toda ela arborizada, a da Boca do Inferno, bastante perigosa devido às fortes correntes, na encosta de São Francisco. 

澳門♥出發!
Macao Ready Go!

E-Platform
Now Available with
Great Offers



“Macao Ready Go!” E-Platform is devised by Macao Government Tourism Office to collate special offers in town - from exclusive dining offers, to attractive markdowns in retail, leisure, entertainment and many more!

Be sure to scan QR Code or visit
www.macaoreadygo.gov.mo
to find out more!



For inquiries, please email us at
macaoreadygo@macaotourism.gov.mo



MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE
www.macaotourism.gov.mo



收藏

澳門郵票

Coleccione Selos de Macau

Collect Macao's Stamps



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau

